

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 1

Aristóteles

Física I - II

Tradução revisada e notas

Lucas Angioni

Departamento de Filosofia

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

UNICAMP

Fevereiro de 2002

CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO N. 1
IFCH/UNICAMP
Setor de Publicações

ISSN: 1676-7047

Diretor: Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo
Diretora Associada: Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Comissão de Publicações:

Coordenação Geral: Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli
Coordenação da Revista *Idéias*: Prof. Dr. Marcelo Ridenti
Coordenação da Coleção *Idéias*: Prof. Dr. Pedro Paulo Funari
Coordenação das Coleções *Seriadas*: Prof. Dr. Lucas Angioni
Representantes dos Departamentos: Prof^ª Dra. Maria Suely Kofes - DA, Prof^ª Dra. Eliane Moura da Silva - DH, Prof. Dr. Lucas Angioni - DF e Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço - DS
Representantes dos funcionários do setor: Marilza A. Silva e Magalí Mendes
Representante discente: Igor José de Renó Machado (pós-graduação)

Setor de Publicações:
Marilza A. da Silva e Magalí Mendes.

Gráfica:

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, Marcilio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

Endereço para correspondência:

IFCH/UNICAMP - SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal: 6110

CEP: 13083-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 3788.1604 / 1603 - Fax: (019) 3788.1589

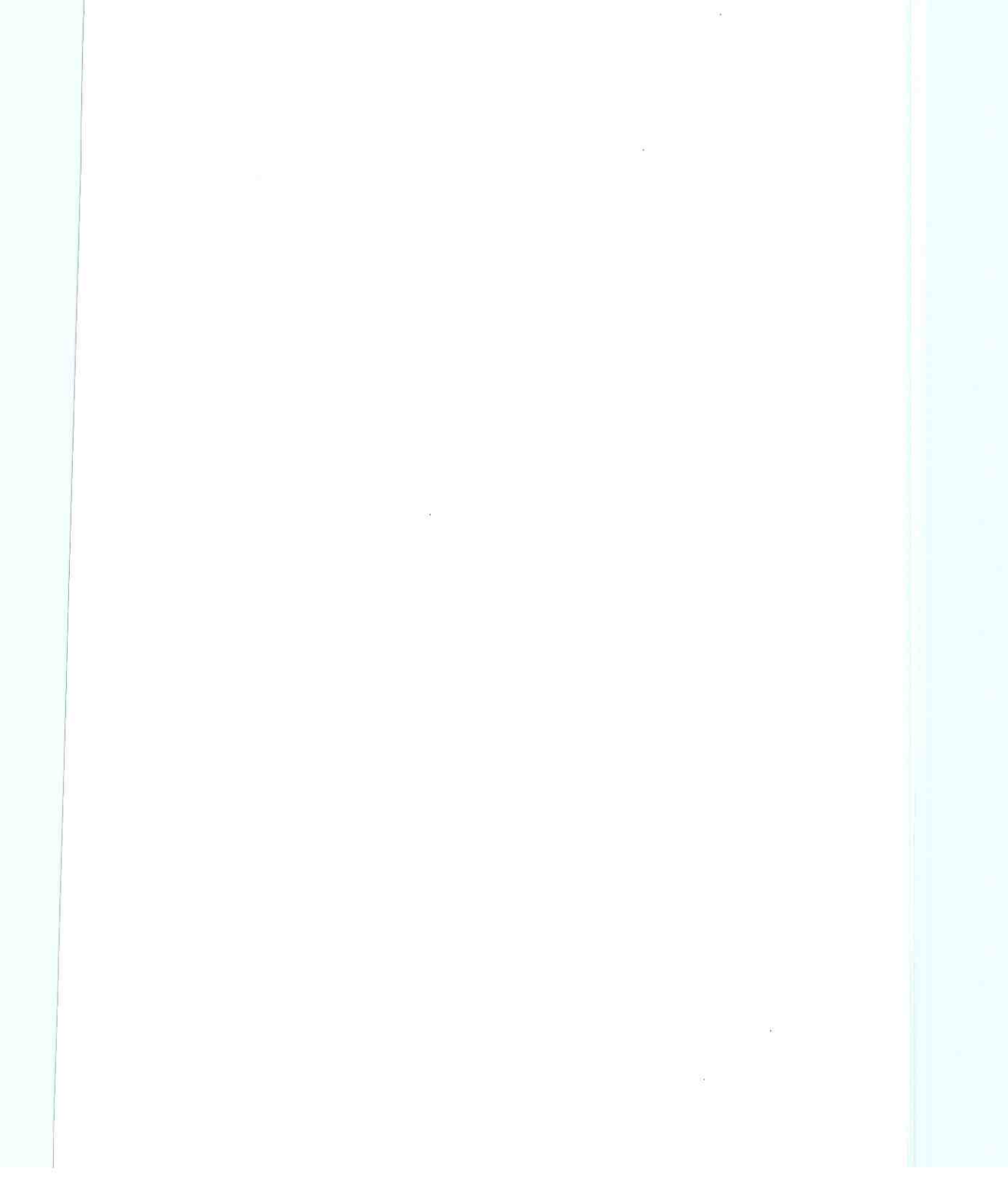
morewa@unicamp.br - <http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão
IFCH/UNICAMP

SUMÁRIO

Introdução	5
Livro I	13
Livro II	57
Notas	103
Glossário	109
Bibliografia	115



INTRODUÇÃO

Lucas Angioni

É com sinceros agradecimentos que me dirijo aos leitores para prestar contas a respeito desta versão revisada da tradução dos livros I e II da *Física* de Aristóteles¹. Agradecimentos pela paciência e solidariedade com que acolheram a primeira versão, com todos os defeitos que ela apresentava; agradecimentos pelas observações críticas e sugestões que permitiram aprimorar a presente versão; mas, sobretudo, agradecimentos pela acolhedora recepção à iniciativa de publicar temerariamente resultados provisórios de um trabalho que exige, naturalmente, um longo período de maturação. Foi sem dúvida essa recepção que me permitiu publicar esta segunda versão numa nova coleção, destinada exclusivamente a traduções preliminares de clássicos da filosofia.

Diversas modificações foram introduzidas na presente tradução, a partir de revisões minuciosas que contaram com a colaboração de diversos colegas. Contudo, antes de falar delas, gostaria de ressaltar as modificações efetuadas no *formato* da publicação. Diferentemente da primeira versão, esta consta de partes mais bem definidas: após a introdução e a tradução (editada face a face com o texto original),

¹ A tradução aqui apresentada consiste numa revisão da que foi publicada em janeiro de 1999, em *Aristóteles, Física I e II*, coleção Textos Didáticos, nº 34, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

sucedem-se notas, glossário e bibliografia. Experiências anteriores com esse tipo de publicação contribuíram para consolidar este formato como o mais adequado.

As modificações introduzidas na tradução foram bastante significativas e podem ser classificadas em dois grupos principais: de um lado, modificações lexicais, de outro, modificações na construção sintática das orações e dos períodos compostos. Algumas modificações foram ditadas por razões eminentemente estilísticas (com o objetivo de evitar arcaísmos e cacofonias, por exemplo); outras, no entanto, foram ditadas por uma interpretação mais atenta e exigente dos argumentos presentes no texto aristotélico. No entanto, para além dessas classificações, devo ressaltar um aspecto que predominou na revisão da tradução: a busca por encontrar em português um fraseado que – pelo seu ritmo, pelo seu vocabulário – fosse capaz de reproduzir, de maneira minimamente eficaz, a *tonalidade* da argumentação aristotélica. Esta última (como já foi dito várias vezes) não procede *more geometrico*. Ela não assume desde o início os princípios mais primitivos; não deduz as conseqüências de modo perfeitamente progressivo; nem sequer explicita todas as premissas necessárias para a decorrência de determinada conclusão; por vezes, nem sequer enuncia explicitamente a conclusão a que se teria chegado, mas apenas se reporta a ela de maneira sugestiva e indireta. Isso quer dizer que a argumentação de Aristóteles – analisada segundo os parâmetros de sua própria silogística, exposta nos *Analíticos* – é tal que *inverte a ordem natural das premissas*, por vezes, inverte mesmo a ordem entre premissas e conseqüências; *subentende premissas* que, de tão óbvias (sob algum ponto de vista...), não careceriam de explicitação; apenas sugere conclusões, sem enunciá-las formalmente; apenas sugere as *pretensões* em favor das quais se seguem argumentos, etc. Assim, o texto de Aristóteles é tal que o leitor, muitas vezes, deve se esforçar por *descobrir a premissa implícita* que Aristóteles, por alguma razão, não se deu ao trabalho de enunciar formalmente; *descobrir a conclusão* a que Aristóteles julga ter efetivamente chegado (mesmo que não a

enuncie formalmente); *descobrir até mesmo a pretensão* em favor da qual Aristóteles quer argumentar.

Esse andamento da argumentação aristotélica, no entanto, é *muito bem pausado por recursos peculiares à língua grega*. O uso de certas partículas permite deixar implícitas diversas premissas, a respeito das quais, porém, pode haver pouca controvérsia. O uso de outras partículas enfatiza de modo muito preciso a função da frase no argumento. O uso de outras, enfim, confere à frase um “espírito” bastante preciso. Modos verbais como o irreal e o optativo permitem exprimir, de maneira sucinta, relações bastante complexas, que, em geral, envolveriam mais de um condicional. “Tempos” verbais como o presente e o futuro do indicativo possuem usos bastante específicos e precisos, sobretudo na formulação de relações de condição e consequência. A plasticidade na composição das orações, enfim, confere tal vivacidade ao texto, que permite que a posição das palavras exprima de modo sugestivo vários tipos de relações (adversativas, enfáticas, etc.).

Esses problemas devem ser diagnosticados e enfrentados de maneira precisa pelo tradutor, antes de qualquer *parti pris* de método e doutrina. Princípios que não aparecem no texto segundo a ordem que lhes seria *natural (physei)*, inversão da ordem natural entre premissas e conclusões, omissão de premissas, omissão de importantes mediações da argumentação, mera sugestão de conclusões, etc., todos esses *fatos* diante dos quais se encontra o leitor do texto aristotélico não são defeitos metodológicos do sistema, tampouco incompetência expositiva da parte de Aristóteles, muito menos *escolhas autorais* de um escritor visando a posteridade e/ou um público universal abstrato². Esses fatos são condicionados pelo *estatuto* dos escritos aristotélicos: anotações de aula (ou coisa parecida),

² No que concerne à mera sugestão alusiva de conclusões, pro exemplo, não há nenhum elemento *autoral* comum entre o texto de Aristóteles e os aforismos de Nietzsche ou de Wittgenstein.

usadas “internamente” junto a um público restrito de ouvintes já familiarizados com as pesquisas e doutrinas de Aristóteles.

Já houve tempo em que esses fatos foram tidos como sinais de obscuridade. Esta última quase sempre foi concebida como um defeito. No entanto, numa outra direção, a dificuldade em atinar com as conclusões a que Aristóteles quer chegar (e mesmo com as pretensões em favor das quais ele quer argumentar) já foi tida como um sinal de que sua doutrina seria deliberadamente “aberta”, meramente sugestiva, “inacabada”, etc. Essa orientação interpretativa, por mais que tenha sido responsável pela superação de um escolasticismo inadequado, corre o risco de gerar uma acomodação no leitor do texto original³: se o argumento aristotélico fosse incompleto, meramente “sugestivo”, “alusivo”, sem pretensões claramente anunciadas e sem conclusões solenemente alardeadas, por que motivo o leitor se esforçaria em exaurir no texto original todas as suas possibilidades expressivas? Por que motivo o leitor se esforçaria em desemaranhar a argumentação? Se, através de uma primeira impressão geral, colhida numa leitura rápida, o texto apresenta-se inacabado, é cômodo tentar atribuir um significado filosófico ao *inacabamento*.

No entanto, uma vez observadas todas as peculiaridades da língua grega (acima mencionadas), boa parte dessa sedutora aparência de inacabamento desvanece. Compreendidas as partículas, compreendidos os modos verbais, compreendida a nervura subjacente ao texto, os argumentos de Aristóteles podem ser descobertos e lidos com invejável precisão e acabamento. E foi esta a nossa orientação desde a primeira versão desta tradução: mergulhar no texto original a fim de sentir suas articulações vivas e desemaranhar sua teia

³ Essa orientação interpretativa reporta-se à primorosa obra de Aubenque, *Le problème de l'être chez Aristote* (1962). No entanto, não podemos dizer, de modo algum, que Aubenque se acomoda na análise do texto aristotélico. A acomodação encontra-se posteriormente em epígonos.

argumentativa. Essa orientação agora se consolida, reforçada por dois fatores: primeiro, a pesquisa mais detalhada e tenaz de cada argumento dos livros I e II da *Física* – pesquisa efetuada em vista da confecção de comentários, a serem publicados em algum momento vindouro; segundo, a percepção da inteira ineficácia didática de uma tradução pretensamente “fiel e literal”, que se recusasse a trocar as atraentes aparências de neutralidade pelo comprometimento com uma reconstituição argumentativa satisfatória.

Obviamente, portanto, a tradução aqui apresentada depende de nossa interpretação, e julgamos que não poderia ser de outro modo. Contudo, o mais importante é que se trata de uma interpretação em favor da qual seríamos capazes de argumentar de maneira detalhada, desde seus fundamentos mais primitivos até suas últimas conseqüências, invocando o testemunho de diversos outros textos de Aristóteles.

Não seria conveniente relatar de modo detalhado todas as modificações que introduzimos nesta segunda versão da tradução. A importância de algumas delas, no entanto, nos obriga a comentá-las brevemente:

1) *Uso e menção*: diversas expressões (“*to ex anagkes*”, “*to apo thyches*”, “*to hou heneka*”, etc.) aparecem no texto aristotélico nessas duas funções lingüísticas, sem que existam sinalizações solenes a respeito. É ilusão acreditar que, em todo e qualquer contexto, o artigo neutro possa conferir a tais expressões uma dimensão abstrata, na qual elas passassem a designar conceitos, como se estivesse sendo mencionado o conceito a ser definido, etc. Esse valor do artigo neutro aparece apenas em alguns contextos. Em diversos outros, o mesmo artigo neutro transforma a expressão numa *descrição definida* que subentende um sujeito, ao qual é atribuída. Assim, é preciso analisar cada argumento para saber se “*to hou heneka*” (por exemplo) designa a *noção abstrata* de causalidade final ou de *acabamento teleológico*, ou, pelo contrário, uma coisa particular qualquer à qual sucede a propriedade de ser um *acabamento teleológico*. Não nos pa-

receu adequado manter a mesma tradução para os dois valores da mesma expressão. Pois, no texto grego, a atenção ao contexto é suficiente para atinar com o valor da expressão, mas o mesmo nem sempre ocorre também em português.

2) a expressão “*kata symbebekos*”, antes traduzida por “segundo acidente”, foi traduzida por “segundo concomitância”. Essa modificação foi ditada por pesquisas detalhadas a respeito da análise semântica a que Aristóteles submete a predicação. Justificativa mais promenorizadas para tal modificação encontram-se expostas em Angioni [2000b], p. 22 (introdução) e pp. 130-131, 155-157 (comentários).

Esta tradução continua restrita a horizontes limitados: não mais uma primeira, mas sim uma segunda versão preliminar, destinada a alunos de graduação e pós-graduação e a ser testada em seminários, etc. Por essa razão, não fiz um trabalho absolutamente exaustivo de exame das variantes do texto grego. Com relação à primeira versão, fui um pouco além, pois não me restringi apenas à edição de Ross [1936] e a poucas consultas à edição de Carteron [1986]. No entanto, embora tenha ido mais longe no exame dos problemas no texto estabelecido, não me aprofundi na investigação de todas as variantes, uma por uma. Esse aprofundamento exigiria consulta sistemática aos Comentadores gregos e a uma bibliografia secundária mais especializada. Deixo ainda para uma terceira ocasião tal empreendimento.

Para a supervisão das variantes do texto grego, utilizei-me das seguintes edições:

- BEKKER, E. *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter, 1961.

- CARTERON, Henri. *La Physique*, texte établi et traduit, 2 vols., Paris: Les Belles Lettres, 1986 (1a. ed. 1931).

- ROSS, D. *Aristotle's Physics*, a revised text with introduction and commentary, Oxford: Clarendon Press, 1936.

- WICKSTEED, P. M. & CORNFORD, F. M. *Physics*, London: Loeb Classical Library, 1957.

Para aprimorar os resultados provisórios que fui propondo, comparei-os com as seguintes traduções:

- CARTERON, Henri. *La Physique*, texte établi et traduit, 2 vols., Paris: Les Belles Lettres, 1986 (1a. ed. 1931).

- CHARLTON, William. *Aristotle's Physics - Books I and II*, Oxford: Clarendon Press, 2a. ed. 1992.

- PELLEGRIN, Pierre. [1993]. *Physique I & II*, Paris: GF Flammarion.

- RUSSO, Antonio. *Fisica, in Aristotele - Opere*, vol. 3, Roma-Bari: Editori Laterza, 1993.

- WATERFIELD, Robin. *Aristotle's Physics*, Oxford: Oxford University Press, 1996.

- WICKSTEED, P. M. & CORNFORD, F. M. *Physics*, London: Loeb Classical Library, 1957.

Devo agradecer aos diversos leitores que colaboraram com observações críticas e sugestões para o aprimoramento desta segunda versão: Alberto Alonso Muñoz, Luis Márcio Nogueira Fontes, Fátima Évora, Marcos Lutz Müller, Marco Zingano, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, Francisco Benjamin de Souza Neto, João Quartim de Moraes, Cláudio Veloso e Roberto Bolzani. Resultado que a utilização da primeira versão em aulas e seminários verificou-se um excelente laboratório para averiguar a viabilidade de algumas propostas, atestar a inaceitabilidade de outras e, enfim, ensaiar novas tentativas. Por isso, devo agradecer a todos os alunos que pacientemente suportaram minha experimentação provisória. Finalmente, agradeço ao CNPq por conceder-me uma bolsa de Produtividade em Pesquisa para um projeto sobre a noção de natureza nos livros I e II da *Física*, no qual se inclui a revisão desta tradução.

ΦΥΣΙΚΗΣ ΑΚΡΟΑΣΕΩΣ Α

- 184α 10 1. Ἐπειδὴ τὸ εἰδέναι καὶ τὸ ἐπίστασθαι συμβαίνει περὶ πά-
σας τὰς μεθόδους, ὧν εἰσὶν ἀρχαὶ ἢ αἷτια ἢ στοιχεῖα, ἐκ
τοῦ ταῦτα γνωρίζειν (τότε γὰρ οἴομεθα γινώσκειν ἕκαστον,
ὅταν τὰ αἷτια γνωρίσωμεν τὰ πρῶτα καὶ τὰς ἀρχὰς τὰς
πρώτας καὶ μέχρι τῶν στοιχείων), δῆλον ὅτι καὶ τῆς περὶ
15 φύσεως ἐπιστήμης πειρατέον διορίσασθαι πρῶτον τὰ περὶ
τὰς ἀρχάς. πέφυκε δὲ ἐκ τῶν γνωριμωτέρων ἡμῖν ἢ ὁδὸς
καὶ σαφεστέρων ἐπὶ τὰ σαφέστερα τῆ φύσει καὶ γνωριμώ-
τερα· οὐ γὰρ ταῦτ' ἡμῖν τε γνώριμα καὶ ἀπλῶς. διόπερ
ἀνάγκη τὸν τρόπον τοῦτον προάγειν ἐκ τῶν ἀσαφεστέρων μὲν
20 τῆ φύσει ἡμῖν δὲ σαφεστέρων ἐπὶ τὰ σαφέστερα τῆ φύσει
καὶ γνωριμώτερα. ἔστι δ' ἡμῖν τὸ πρῶτον δῆλα καὶ σαφῆ τὰ
συγκεχυμένα μᾶλλον· ὕστερον δ' ἐκ τούτων γίγνεται γνώριμα
τὰ στοιχεῖα καὶ αἱ ἀρχαὶ διαιροῦσι ταῦτα. διὸ ἐκ τῶν κα-
θόλου ἐπὶ τὰ καθ' ἕκαστα δεῖ προῖέναι· τὸ γὰρ ὅλον κατὰ
25 τὴν αἴσθησιν γνωριμώτερον, τὸ δὲ καθόλου ὅλον τί ἐστι·
πολλὰ γὰρ περιλαμβάνει ὡς μέρη τὸ καθόλου. πέπονθε δὲ
184β 10 ταῦτ' οὗτοῦ τρόπου τινὰ καὶ τὰ ὀνόματα πρὸς τὸν λόγον·
ὅλον γὰρ τι καὶ ἀδιορίστως σημαίνει, οἷον ὁ κύκλος, ὃ δὲ
ὀρισμὸς αὐτοῦ διαιρεῖ εἰς τὰ καθ' ἕκαστα. καὶ τὰ παιδία τὸ
μὲν πρῶτον προσαγορεύει πάντας τοὺς ἄνδρας πατέρας καὶ

FÍSICA de Aristóteles

Livro I

Capítulo I

[184a 10] Uma vez que o saber e o conhecer, no que respeita a todos os estudos nos quais há princípios ou causas ou elementos, sucedem a partir do tomar noção destes últimos (pois julgamos vir a compreender cada coisa no momento em que tomamos noção das primeiras causas e dos primeiros princípios, até os elementos), é evidente que devemos tentar delimitar inicialmente também aquilo que concerne aos princípios da ciência da natureza.

[184a 16] E o percurso naturalmente vai desde o mais cognoscível e mais claro para nós em direção ao mais claro e mais cognoscível por natureza: pois não são as mesmas coisas que são cognoscíveis para nós e cognoscíveis simplesmente sem mais. Por isso, é necessário, desse modo, proceder a partir dos que, apesar de serem menos claros por natureza, são mais claros para nós, em direção aos mais claros e mais cognoscíveis por natureza.

[184a 21] E inicialmente, são-nos evidentes e claras sobretudo as coisas misturadas: posteriormente, a partir delas, para aqueles que as discriminam, tornam-se conhecidos os elementos e os princípios. Por isso, é necessário progredir desde os universais até os particulares: pois o todo é mais cognoscível segundo a sensação, e o universal é um certo todo: pois o universal compreende muitas coisas como partes.

[184a 26] De certo modo, é isso mesmo que ocorre com as denominações em relação à definição: pois a denominação designa um certo todo, e o designa de modo indistinto, por exemplo, “círculo”, ao passo que a definição dele o discrimina em seus elementos particulares. E também as crianças, inicialmente, chamam todos

μητέρας τὰς γυναῖκας, ὕστερον δὲ διορίζει τούτων ἐκάτερον.

15 2. Ἀνάγκη δ' ἦτοι μίαν εἶναι τὴν ἀρχὴν ἢ πλείους, καὶ εἰ
 μίαν, ἦτοι ἀκίνητον, ὡς φησι Παρμενίδης καὶ Μελίσσος, ἢ κι-
 νουμένην, ὡσπερ οἱ φυσικοί, οἱ μὲν ἀέρα φάσκοντες εἶναι οἱ δ'
 ὕδωρ τὴν πρώτην ἀρχὴν· εἰ δὲ πλείους, ἢ πεπερασμένας ἢ ἀπεί-
 20 ταρας ἢ ἄλλον τινὰ ἀριθμὸν, καὶ εἰ ἀπείρους, ἢ οὕτως ὡσπερ
 Δημόκριτος, τὸ γένος ἓν, σχήματι δὲ <διαφερούσας>, ἢ εἶδει
 διαφερούσας ἢ καὶ ἐναντίας. ὁμοίως δὲ ζητοῦσι καὶ οἱ τὰ ὄντα
 ζητοῦντες πόσα· ἐξ ὧν γὰρ τὰ ὄντα ἐστὶ πρώτων, ζητοῦσι ταῦτα
 25 πότερον ἐν ἢ πολλὰ, καὶ εἰ πολλὰ, πεπερασμένα ἢ ἀπειρα, ὥστε
 τὴν ἀρχὴν καὶ τὸ στοιχεῖον ζητοῦσι πότερον ἐν ἢ πολλὰ.

25 τὸ μὲν
 οὖν εἰ ἐν καὶ ἀκίνητον τὸ ὄν σκοπεῖν οὐ περὶ φύσεώς ἐστι σκο-

185α I πειν· ὡσπερ γὰρ καὶ τῷ γεωμέτρῳ οὐκέτι λόγος ἐστὶ πρὸς
 τὸν ἀνελόντα τὰς ἀρχάς, ἀλλ' ἦτοι ἐτέρας ἐπιστήμης ἢ πα-
 σῶν κοινῆς, οὕτως οὐδὲ τῷ περὶ ἀρχῶν· οὐ γὰρ ἔτι ἀρχὴ
 5 ἔστιν, εἰ ἐν μόνον καὶ οὕτως ἐν ἔστιν. ἢ γὰρ ἀρχὴ τινὸς ἢ τι-
 νῶν. ὁμοιον δὴ τὸ σκοπεῖν εἰ οὕτως ἐν καὶ πρὸς ἄλλην θέσιν
 ὅποιανοῦν διαλέγεσθαι τῶν λόγου ἔνεκα λεγομένων (οἷον τὴν
 Ἡρακλείτειον, ἢ εἴ τις φαίη ἄνθρωπον ἓνα τὸ ὄν εἶναι), ἢ
 λύειν λόγον ἐριστικόν, ὅπερ ἀμφοτέροι μὲν ἔχουσιν οἱ λόγοι,
 καὶ ὁ Μελίσσου καὶ ὁ Παρμενίδου· καὶ γὰρ ψευδῆ λαμ-
 10 βάνουσι καὶ ἀσυλλόγιστοί εἰσιν· μᾶλλον δ' ὁ Μελίσσου φορ-

os homens de pai e todas as mulheres de mãe, mas, depois, distinguem cada um deles.

Capítulo 2

[184b 15] Ora, é necessário que o princípio seja um ou mais de um, e se for um, é necessário que seja ou imóvel, como afirmam Parmênides e Melisso, ou movido, como afirmam os estudiosos da natureza, uns afirmando que o primeiro princípio é ar, outros, que é água; mas se o princípio for mais de um, é necessário que sejam ou em número limitado ou ilimitado e, se forem limitados, porém mais de um, é necessário que sejam ou dois, ou três, ou quatro, ou algum outro número e, se forem ilimitados, é necessário que sejam ou assim da maneira como afirma Demócrito – um único gênero, mas diferenciados em figura – ou diferenciados em forma, ou até mesmo contrários.

[184b 22] E investigam de maneira semelhante também aqueles que investigam quantos são os entes: pois investigam se são um ou muitos os primeiros princípios a partir dos quais os entes são e, se são muitos, investigam se são limitados ou ilimitados, de modo que investigam se o princípio e o elemento são um só, ou muitos.

[184b 26] No entanto, examinar se o ente é um e imóvel não é examinar a respeito da natureza: pois assim como, para um geômetra, não mais há argumentação contra aquele que suprime seus princípios – mas tal argumentação compete ou a uma outra ciência ou à ciência comum a todas – do mesmo modo tampouco há argumentação para aquele que investiga os princípios: pois não mais há princípio, se há apenas um e um assim deste modo. Pois o princípio é de uma ou de várias coisas. Ora, com efeito, examinar se o ente é um assim desta maneira é semelhante a debater contra qualquer outra afirmação das que são pronunciadas em vista de discussão (por exemplo, a de Heráclito, ou se alguém dissesse que o ente é um único homem), ou é semelhante a resolver um argumento erístico, – e o caráter erístico ambos os argumentos têm, o de Melisso e o de Parmênides: pois assumem premissas falsas e são inconcludentes; mas

- τικός καὶ οὐκ ἔχων ἀπορίαν, ἀλλ' ἐνὸς ἀπόπου δοθέντος τὰ
 ἄλλα συμβαίνει· τοῦτο δὲ οὐδὲν χαλεπόν. ἡμῖν δ' ὑποκεί-
 σθω τὰ φύσει ἢ πάντα ἢ ἕνια κινούμενα εἶναι· δηλὸν δ' ἐκ
 τῆς ἐπαγωγῆς. ἅμα δ' οὐδὲ λύειν ἅπαντα προσήκει, ἀλλ'
 15 ἢ ὅσα ἐκ τῶν ἀρχῶν τις ἐπιδεικνύς ψεύδεται, ὅσα δὲ μῆ,
 οὔ, οἷον τὸν τετραγωνισμόν τὸν μὲν διὰ τῶν τμημάτων γεω-
 μετρικοῦ διαλύσαι, τὸν δὲ Ἀντιφώντος οὐ γεωμετρικοῦ· οὐ
 μὴν ἀλλ' ἐπειδὴ περὶ φύσεως μὲν οὔ, φυσικὰς δὲ ἀπορίας
 συμβαίνει λέγειν αὐτοῖς, ἴσως ἔχει καλῶς ἐπὶ μικρὸν δια-
 20 λεχθῆναι περὶ αὐτῶν· ἔχει γὰρ φιλοσοφίαν ἢ σκέψις.
 20 ἀρχῆ
 δὲ οἰκειοτάτη πασῶν, ἐπειδὴ πολλαχῶς λέγεται τὸ ὄν,
 πῶς λέγουσιν οἱ λέγοντες εἶναι ἐν τὰ πάντα, πότερον
 οὐσίαν τὰ πάντα ἢ ποσὰ ἢ ποιὰ, καὶ πάλιν πότερον οὐσίαν
 μίαν τὰ πάντα, οἷον ἄνθρωπον ἕνα ἢ ἵππον ἕνα ἢ ψυχὴν
 25 μίαν, ἢ ποῖον ἐν δὲ τοῦτο, οἷον λευκὸν ἢ θερμὸν ἢ τῶν ἄλλων
 τι τῶν τοιούτων. ταῦτα γὰρ πάντα διαφέρει τε πολὺ καὶ
 ἀδύνατα λέγειν. εἰ μὲν γὰρ ἔσται καὶ οὐσία καὶ ποῖον καὶ
 ποσόν, καὶ ταῦτα εἴτ' ἀπολελυμένα ἀπ' ἀλλήλων εἴτε μῆ,
 30 πολλὰ τὰ ὄντα· εἰ δὲ πάντα ποῖον ἢ ποσόν, εἴτ' οὐσης οὐσίας
 εἴτε μῆ οὐσης, ἄτοπον, εἰ δεῖ ἄτοπον λέγειν τὸ ἀδύνατον.
 οὐθὲν γὰρ τῶν ἄλλων χωριστόν ἐστι παρὰ τὴν οὐσίαν· πάντα
 γὰρ καθ' ὑποκειμένου λέγεται τῆς οὐσίας. Μέλισσος δὲ τὸ
 ὄν ἄπειρον εἶναί φησιν. ποσὸν ἄρα τι τὸ ὄν· τὸ γὰρ ἄπει-
 ρον ἐν τῷ ποσῷ, οὐσίαν δὲ ἄπειρον εἶναι ἢ ποιότητα ἢ πά-
 185β I θος οὐκ ἐνδέχεται εἰ μῆ κατὰ συμβεβηκός, εἰ ἅμα καὶ πο-
 σὰ ἅττα εἶεν· ὁ γὰρ τοῦ ἀπίρου λόγος τῷ ποσῷ προσ-
 χρῆται, ἀλλ' οὐκ οὐσία οὐδὲ τῷ ποιῷ. εἰ μὲν τοίνυν καὶ οὐ-
 σία ἔστι καὶ ποσόν, δύο καὶ οὐχ ἓν τὸ ὄν· εἰ δ' οὐσία μόνον,

o de Melisso é mais vulgar e desprovido de dificuldade, pois, um absurdo tendo sido concedido, os demais decorrem: mas isso não é nada difícil!

[185a 12] Mas, para nós, esteja estabelecido que as coisas que são por natureza, ou todas elas ou algumas, são suscetíveis de movimento: isso é evidente a partir da indução. Ao mesmo tempo, tampouco é conveniente refutar tudo, mas sim aquilo que alguém poderia provar falsamente a partir dos princípios, ao passo que tudo aquilo que não for assim, não convém refutar (por exemplo, compete ao geômetra refutar a quadratura do círculo através das secções, mas não compete ao geômetra refutar a quadratura de Antifonte); entretanto, uma vez que, embora não falemos sobre a natureza, sucede-lhes dizer dificuldades atinentes à natureza, certamente cai bem discutir um pouco a respeito dessas coisas: pois tal exame comporta filosofia.

[185a 20] E o princípio mais apropriado entre todos, uma vez que o ente se diz de muitos modos, [consiste em saber] de que modo afirmam os que afirmam que tudo é um: se entendem por “tudo” essência, ou *quanto*, ou *qual* e, além disso, se afirmam que tudo é uma essência (como, por exemplo, um homem, um cavalo, ou uma alma), ou se isso é um *qual* (como, por exemplo, branco, ou quente, ou algum dos outros desse tipo). Pois todas essas coisas fazem muita diferença e são todas impossíveis de afirmar.

[185a 27] Por um lado, se há essência e também *quanto* e *qual*, quer eles estejam desligados entre si, quer não estejam, os entes não de ser muitos; por outro lado, se tudo for *qual* ou *quanto*, quer haja essência, quer não haja, será absurdo, se se deve chamar de absurdo o impossível. Pois nenhum dos outros entes é separável à parte da essência: pois todos se afirmam a respeito da essência como a respeito de um subjacente.

[185a 32] Melisso diz que o ente é ilimitado. Ora, então, o ente é um *quanto*: pois o ilimitado está no *quanto*, e não cabe que essência ou qualidade ou afecção sejam ilimitadas, a não ser segundo concomitância, se forem ao mesmo tempo de uma certa quantidade: pois a definição do ilimitado utiliza-se do *quanto*, mas não se utiliza da essência, nem do *qual*. Por um lado, se houver tanto essência como *quanto*, o ente será dois e não um; mas se houver apenas

- 5 οὐκ ἄπειρον, οὐδὲ μέγεθος ἔξει οὐδέν· ποσὸν γάρ τι ἔσται.
- 5 ἔτι
ἐπεὶ καὶ αὐτὸ τὸ ἐν πολλαχῶς λέγεται ὡσπερ καὶ τὸ ὄν,
σκεπτέον τίνα τρόπον λέγουσιν εἶναι ἐν τῷ πᾶν. λέγεται δ'
ἐν ἢ τὸ συνεχές ἢ τὸ ἀδιαίρετον ἢ ὡν ὁ λόγος ὁ αὐτὸς καὶ
εἰς ὁ τοῦ τί ἦν εἶναι, ὡσπερ μέθυ καὶ οἶνος. εἰ μὲν τοίνυν
- 10 συνεχές, πολλὰ τὸ ἐν εἰς ἄπειρον γὰρ διαιρετὸν τὸ συνε-
χές. (ἔχει δ' ἀπορίαν περὶ τοῦ μέρους καὶ τοῦ ὅλου, ἴσως δὲ
οὐ πρὸς τὸν λόγον ἀλλ' αὐτὴν καθ' αὐτήν, πότερον ἐν ἢ
πλείω τὸ μέρος καὶ τὸ ὅλον, καὶ πῶς ἐν ἢ πλείω, καὶ εἰ
πλείω, πῶς πλείω, καὶ περὶ τῶν μερῶν τῶν μὴ συνεχῶν·
- 15 καὶ εἰ τῷ ὅλῳ ἐν ἐκάτερον ὡς ἀδιαίρετον, ὅτι καὶ αὐτὰ αὐ-
τοῖς.) ἀλλὰ μὴν εἰ ὡς ἀδιαίρετον, οὐθὲν ἔσται ποσὸν οὐδὲ
ποιόν, οὐδὲ δὴ ἄπειρον τὸ ὄν, ὡσπερ Μέλισσός φησιν, οὐδὲ
πεπερασμένον, ὡσπερ Παρμενίδης· τὸ γὰρ πέρας ἀδιαίρε-
τον, οὐ τὸ πεπερασμένον. ἀλλὰ μὴν εἰ τῷ λόγῳ ἐν τὰ
- 20 ὄντα πάντα ὡς λώπιον καὶ ἱμάτιον, τὸν Ἡρακλείτου λόγον
συμβαίνει λέγειν αὐτοῖς· ταῦτόν γὰρ ἔσται ἀγαθῶ καὶ κακῶ
εἶναι, καὶ ἀγαθῶ καὶ μὴ ἀγαθῶ εἶναι—ὥστε ταῦτόν ἔσται ἀγα-
θόν καὶ οὐκ ἀγαθόν, καὶ ἄνθρωπος καὶ ἵππος, καὶ οὐ περὶ
τοῦ ἐν εἶναι τὰ ὄντα ὁ λόγος ἔσται ἀλλὰ περὶ τοῦ
- 25 μῆδέν—καὶ τὸ τοιῷδὲ εἶναι καὶ τοσῷδὲ ταῦτόν. ἐθору-
βοῦντο δὲ καὶ οἱ ὕστεροι τῶν ἀρχαίων ὅπως μὴ ἅμα γένη-
ται αὐτοῖς τὸ αὐτὸ ἐν καὶ πολλά. διὸ οἱ μὲν τὸ ἔστιν ἀφεῖ-
λον, ὡσπερ Λυκόφρων, οἱ δὲ τὴν λέξιν μετερρύθμιζον, ὅτι
ὁ ἄνθρωπος οὐ λευκός ἔστιν ἀλλὰ λελεύκωται, οὐδὲ βαδί-
- 30 ζων ἔστιν ἀλλὰ βαδίζει, ἵνα μὴ ποτε τὸ ἔστι προσάπτοντες
πολλὰ εἶναι ποιῶσι τὸ ἐν, ὡς μοναχῶς λεγομένου τοῦ ἐνός

essência, o ente não será ilimitado, nem poderá ter grandeza alguma: pois, caso contrário, seria um *quanto*.

[185b 5] Além do mais, visto que também o um se diz de muitas maneiras, tal como o ente, deve-se examinar de que modo afirmam que o todo é um. Denomina-se um ou o contínuo, ou o indivisível, ou aquilo cujo enunciado do quê-
era-ser é um só e o mesmo, como, por exemplo, cachaça e aguardente. Ora, se afirmam que o todo é contínuo, então o um é muitos: pois o contínuo é divisível ao infinito (e há uma dificuldade a respeito da parte e do todo, e talvez uma dificuldade que não é concernente a esta discussão, mas sim uma que se apresenta por si mesma: a parte e o todo são um ou mais de um? E de que maneira seriam um ou mais de um e, se fossem mais de um, de que maneira seriam mais de um? E também no que respeita às partes não contínuas; e, além disso, se cada parte é uma enquanto indivisível com o todo, visto que também cada uma é indivisível com a outra). Por outro lado, se afirmam que o todo é um como indivisível, nada poderá ser *de tal quantidade* ou *de tal qualidade* e, de fato, o ente não será nem ilimitado, como Melisso diz, tampouco limitado, como diz Parmênides: pois é o limite que é indivisível, não o limitado.

[185b 19] Mas, se todos os entes são um pela definição, tal como roupa e veste, sucede-lhes dizer o argumento de Heráclito: pois será o mesmo *ser para bom* e *ser para ruim*, como também *ser para bom* e *ser para não-bom* – de modo que serão o mesmo bom e não-bom, como também homem e cavalo, e o argumento será não a respeito do fato de serem os entes um só, mas sim a respeito do fato de nada ser – como também serão o mesmo o *ser para tal qualidade* e o *ser para tal quantidade*.

[185b 25] E até mesmo os posteriores aos antigos perturbaram-se cuidando para que a mesma coisa não se lhes tornasse ao mesmo tempo uma e muitas. Por isso, uns suprimiram o “é”, como Licofrão, ao passo que outros requintaram a enunciação: não “o homem é branco”, mas sim “branquejou-se”, e nem “é caminhante”, mas sim “caminha”, a fim de que não fizessem o um ser muitos, ao aplicar-lhe o “é” – como se o um e o ente se dissessem de uma só maneira.

ἢ τοῦ ὄντος. πολλά δὲ τὰ ὄντα ἢ λόγῳ (οἶον ἄλλο τὸ
 λευκῷ εἶναι καὶ μουσικῷ, τὸ δ' αὐτὸ ἄμφω· πολλά ἄρα
 τὸ ἓν) ἢ διαιρέσει, ὡσπερ τὸ ὅλον καὶ τὰ μέρη. ἐνταῦθα
 186a I δὲ ἤδη ἠπόρουν, καὶ ὠμολόγουν τὸ ἓν πολλά εἶναι—ὡσπερ
 οὐκ ἐνδεχόμενον ταῦτὸν ἓν τε καὶ πολλά εἶναι, μὴ τάντικεῖ-
 μενα δέ· ἔστι γὰρ τὸ ἓν καὶ δυνάμει καὶ ἐντελεχείᾳ.

3. Τόν τε δὴ τρόπον τοῦτον ἐπιούσιν ἀδύνατον φαίνεται
 5 τὰ ὄντα ἓν εἶναι, καὶ ἐξ ὧν ἐπιδεικνύουσι, λύειν οὐ χα-
 λεπόν. ἀμφότεροι γὰρ ἐριστικῶς συλλογίζονται, καὶ Μέ-
 λισσος καὶ Παρμενίδης [καὶ γὰρ ψευδῆ λαμβάνουσι καὶ
 ἀσυλλόγιστοί εἰσιν αὐτῶν οἱ λόγοι· μᾶλλον δ' ὁ Μελίσσου
 φορτικός καὶ οὐκ ἔχων ἀπορίαν, ἀλλ' ἐνὸς ἀτόπου δοθέντος
 10 τὰλλα συμβαίνει· τοῦτο δ' οὐθὲν χαλεπόν]. ὅτι μὲν οὖν πα-
 ραλογίζεται Μέλισσος, δῆλον· οἶεται γὰρ εἰληφέναι, εἰ
 τὸ γενόμενον ἔχει ἀρχὴν ἅπαν, ὅτι καὶ τὸ μὴ γενόμενον
 οὐκ ἔχει. εἶτα καὶ τοῦτο ἄτοπον, τὸ παντὸς εἶναι ἀρχὴν—
 τοῦ πράγματος καὶ μὴ τοῦ χρόνου, καὶ γενέσεως μὴ τῆς
 15 ἀπλῆς ἀλλὰ καὶ ἀλλοιώσεως, ὡσπερ οὐκ ἀθρόας γιγνο-
 μένης μεταβολῆς. ἔπειτα διὰ τί ἀκίνητον, εἰ ἓν; ὡσπερ
 γὰρ καὶ τὸ μέρος ἐν ὄν, τοδὶ τὸ ὕδωρ, κινεῖται ἐν ἑαυτῷ,
 διὰ τί οὐ καὶ τὸ πᾶν; ἔπειτα ἀλλοιώσις διὰ τί οὐκ ἂν εἴη;
 ἀλλὰ μὴν οὐδὲ τῷ εἶδει οἶόν τε ἓν εἶναι, πληὴν τῷ ἐξ οὗ
 20 (οὕτως δὲ ἓν καὶ τῶν φυσικῶν τινες λέγουσιν, ἐκείνως δ'
 οὐ)· ἄνθρωπος γὰρ ἵππου ἕτερον τῷ εἶδει καὶ τὰναντία ἀλ-
 22 λήλων.

22 καὶ πρὸς Παρμενίδην δὲ ὁ αὐτὸς τρόπος τῶν λό-
 γων, καὶ εἰ τινες ἄλλοι εἰσὶν ἴδιοι· καὶ ἡ λύσις τῇ μὲν ὅτι
 ψευδῆς τῇ δὲ ὅτι οὐ συμπεραίνεται, ψευδῆς μὲν ἢ ἀπλῶς

[185b 32] No entanto, os entes são muitos ou pela definição (por exemplo: são diversos o *ser para branco* e o *ser para culto*, mas uma mesma coisa é ambos [*sc.* branco e culto]: ora, o um é então muitas coisas!) ou por divisão, tal como o todo e as partes. E neste caso eles já entravam em impasse, e consentiram ser o um muitos – como se não fosse possível a mesma coisa ser uma e muitas e não ser os opostos; pois o um é tanto em potência como em efetividade.

Capítulo 3

[186a 4] Com efeito, aos que procedem desse modo, manifesta-se impossível que os entes sejam um, e não é difícil refutar aquilo a partir de que eles provam. Pois ambos raciocinam eristicamente, tanto Parmênides como Melisso, <pois seus argumentos assumem premissas falsas e são inconcludentes; mas o de Melisso é mais vulgar e desprovido de dificuldade, pois, um absurdo tendo sido concedido, os demais decorrem: mas isso não é nada difícil!>. Ora, é evidente que Melisso comete um paralogismo: pois julga ter assegurado que, se tudo o que nasceu tem começo, também o que não nasceu não tem começo. Além do mais, também isto é absurdo, haver começo de tudo [*sc.* que nasce] – assim como da coisa mas não do tempo, e haver começo de geração, não da simples, mas sim até mesmo da alteração, como se as mudanças não viessem a ser coesas. Além do mais, por que é imóvel, se é um? Pois por que não se moveria também o todo, assim como a parte se move em si mesma, sendo uma só, esta água aqui, por exemplo? Além disso, por que não haveria alteração? Por outro lado, tampouco é possível haver um só por forma específica, exceto por ser um só aquilo *a partir de que* (é assim deste modo que alguns dos estudiosos da natureza afirmam o um, mas não daquele modo): pois homem é distinto de cavalo pela forma específica, como também o são os contrários entre si.

[186a 22] Também contra Parmênides tem-se o mesmo modo de argumentação, mesmo se houver alguns outros que lhe sejam próprios. E a refutação [consiste em dizer], por um lado, que a premissa é falsa e, por outro, que o argumento não conclui: a premissa é falsa na medida em que assume que o ente se diz de modo simples, embora ele seja dito de muitas maneiras; o argumento,

- 25 λαμβάνει τὸ ὄν λέγεσθαι, λεγομένου πολλαχῶς, ἀσυμ-
 πέραντος δὲ ὅτι, εἰ μόνα τὰ λευκὰ ληφθεῖη, σημαίνοντος
 ἐν τοῦ λευκοῦ, οὐθὲν ἤττον πολλά τὰ λευκὰ καὶ οὐχ ἓν
 οὔτε γὰρ τῇ συνεχείᾳ ἐν ἔσται τὸ λευκὸν οὔτε τῷ λόγῳ. ἄλλο
 γὰρ ἔσται τὸ εἶναι λευκῶ καὶ τῷ δεδεγμένῳ. καὶ οὐκ ἔσται
- 30 παρὰ τὸ λευκὸν οὐθὲν χωριστόν· οὐ γὰρ ἦ χωριστόν ἀλλὰ
 τῷ εἶναι ἕτερον τὸ λευκὸν καὶ ᾧ ὑπάρχει. ἀλλὰ τοῦτο
 Παρμενίδης οὕτω συνεώρα. ἀνάγκη δὴ λαβεῖν μὴ μόνον ἐν
 σημαίνειν τὸ ὄν, καθ' οὗ ἂν κατηγορηθῆ, ἀλλὰ καὶ ὅπερ
 ὄν καὶ ὅπερ ἓν. τὸ γὰρ συμβεβηκὸς καθ' ὑποκειμένου τινὸς
- 35 λέγεται, ὥστε ᾧ συμβέβηκε τὸ ὄν, οὐκ ἔσται (ἕτερον γὰρ
 186β I τοῦ ὄντος)· ἔσται τι ἄρα οὐκ ὄν. οὐ δὴ ἔσται ἄλλῳ ὑπάρ-
 χον τὸ ὅπερ ὄν. οὐ γὰρ ἔσται ὄν τι αὐτὸ εἶναι, εἰ μὴ
 πολλά τὸ ὄν σημαίνει οὕτως ὥστε εἶναι τι ἕκαστον. ἀλλ'
 ὑπόκειται τὸ ὄν σημαίνειν ἓν. εἰ οὖν τὸ ὅπερ ὄν μηδενὶ συμ-
- 5 βέβηκεν ἀλλὰ <τὰ ἄλλα> ἐκείνῳ, τί μάλλον τὸ ὅπερ ὄν σημαίνει
 τὸ ὄν ἢ μὴ ὄν; εἰ γὰρ ἔσται τὸ ὅπερ ὄν [ταυτό] καὶ λευκόν,
 τὸ λευκῶ δ' εἶναι μὴ ἔστιν ὅπερ ὄν (οὐδὲ γὰρ συμβεβηκέ-
 ναι αὐτῷ οἷόν τε τὸ ὄν· οὐδὲν γὰρ ὄν ὃ οὐχ ὅπερ ὄν), οὐκ ἄρα
 ὄν τὸ λευκόν· οὐχ οὔτω δὲ ὥσπερ τι μὴ ὄν, ἀλλ' ὅλως μὴ
- 10 ὄν. τὸ ἄρα ὅπερ ὄν οὐκ ὄν· ἀληθὲς γὰρ εἰπεῖν ὅτι λευκόν,
 τοῦτο δὲ οὐκ ὄν ἐσήμαιεν. ὥστε καὶ τὸ λευκὸν σημαίνει
 ὅπερ ὄν· πλείω ἄρα σημαίνει τὸ ὄν. οὐ τοίνυν οὐδὲ μέγεθος
 ἔξει τὸ ὄν, εἴπερ ὅπερ ὄν τὸ ὄν· ἐκατέρῳ γὰρ ἕτερον τὸ εἶ-

por sua vez, é inconcludente porque, se fossem assumidos apenas os brancos, e se o branco significasse algo uno, não menos seriam muitos os brancos, e não um só: pois o branco não poderia ser um nem por continuidade nem por definição. Pois terão de ser distintos o *ser para branco* e o *ser para o receptáculo*. E nem precisaria haver nenhum outro item separável à parte do branco: pois o branco e aquilo a que se atribui são distintos não por serem separáveis, mas sim *pelo ser*.

[186a 31] Mas isso Parmênides ainda não tinha percebido. Ser-lhe-ia necessário, com efeito, assumir que o ente, do qual se predica o um, significa não apenas um, mas também *precisamente aquilo que o ente é e precisamente aquilo que o um é*. Pois o concomitante se afirma a respeito de um subjacente, de modo que aquilo a que o ente sucede concomitantemente não poderia ser (pois seria distinto do ente): ora, assim deste modo, algo haveria de ser, sem ser!! Com efeito, aquilo que o ente precisamente é não poderia ser atribuído a nada mais: pois não seria possível que ele fosse *um certo ente*, se o ente não significasse muitos de um modo tal que cada [*sc.* coisa diversa do ente] seja algum ente. Mas havia sido suposto que o ente significa um.

[186b 4] Assim, se aquilo que o ente precisamente é não suceder concomitantemente a nenhum outro, mas as outras coisas lhe sucederem concomitantemente, por que então “aquilo que o ente precisamente é” significaria o ente, de preferência ao não ente? Pois se “aquilo que o ente precisamente é” fosse também branco, e se o *ser para branco* não fosse “aquilo que o ente precisamente é” (pois nem sequer seria possível suceder-lhe concomitantemente o ente: pois não é ente nenhum item que não seja “aquilo que o ente precisamente é”), o branco então, ora, não seria ente: e não assim como *um certo não ente*, mas *não ente* por completo. Ora, então, “aquilo que o ente precisamente é” não seria ente: pois era verdadeiro afirmar que ele é branco, mas este significava *não ente!* Por conseguinte, também o branco significa “aquilo que o ente precisamente é”; ora, mas então o ente significa mais de um.

[186b 12] E nem sequer grandeza, então, terá o ente, se o ente é “aquilo que o ente precisamente é”: pois o *ser* é distinto para cada uma das partes.

- ναι τῶν μορίων. ὅτι δὲ διαιρεῖται τὸ ὅπερ ὄν εἰς ὅπερ ὄν τι
 15 ἄλλο, καὶ τῷ λόγῳ φανερόν, οἷον ὁ ἄνθρωπος εἰ ἔστιν ὅπερ
 ὄν τι, ἀνάγκη καὶ τὸ ζῶον ὅπερ ὄν τι εἶναι καὶ τὸ δίπουν.
 εἰ γὰρ μὴ ὅπερ ὄν τι, συμβεβηκότα ἔσται. ἢ οὖν τῷ ἀνθρώ-
 πῳ ἢ ἄλλῳ τινὶ ὑποκειμένῳ. ἀλλ' ἀδύνατον· συμβεβηκός
 τε γὰρ λέγεται τοῦτο, ἢ ὃ ἐνδέχεται ὑπάρχειν καὶ μὴ ὑπάρ-
 20 χεῖν, ἢ οὐδ' ἐν τῷ λόγῳ ὑπάρχει τὸ ᾧ συμβέβηκεν [ἢ ἐν ᾧ
 ὁ λόγος ὑπάρχει ᾧ συμβέβηκεν] (οἷον τὸ μὲν καθῆσθαι ὡς
 χωρίζομενον, ἐν δὲ τῷ σιμῶ ὑπάρχει ὁ λόγος ὁ τῆς ρίνος
 ἢ φαμέν συμβεβηκέναί τὸ σιμόν)· ἔτι ὅσα ἐν τῷ ὀριστικῷ
 λόγῳ ἔνεστιν ἢ ἐξ ὧν ἔστιν, ἐν τῷ λόγῳ τῷ τούτων οὐκ ἐνυ-
 25 πάρχει ὁ λόγος ὁ τοῦ ὕλου, οἷον ἐν τῷ δίποδι ὁ τοῦ ἀνθρώ-
 που ἢ ἐν τῷ λευκῷ ὁ τοῦ λευκοῦ ἀνθρώπου. εἰ τοίνυν ταῦτα
 τοῦτον ἔχει τὸν τρόπον καὶ τῷ ἀνθρώπῳ συμβέβηκε τὸ δί-
 πουν, ἀνάγκη χωριστὸν εἶναι αὐτό, ὥστε ἐνδέχοιτο ἂν μὴ
 δίπουν εἶναι τὸν ἄνθρωπον, ἢ ἐν τῷ λόγῳ τῷ τοῦ δίποδος
 30 ἐνέσται ὁ τοῦ ἀνθρώπου λόγος. ἀλλ' ἀδύνατον· ἐκεῖνο γὰρ ἐν
 τῷ ἐκείνου λόγῳ ἔνεστιν. εἰ δ' ἄλλῳ συμβέβηκε τὸ δίπουν
 καὶ τὸ ζῶον, καὶ μὴ ἔστιν ἐκάτερον ὅπερ ὄν τι, καὶ ὁ ἄν-
 θρωπος ἂν εἴη τῶν συμβεβηκότων ἐτέρῳ. ἀλλὰ τὸ ὅπερ ὄν
 ἔστω μηδενὶ συμβεβηκός, καὶ καθ' οὐδ' ἄμφω [καὶ ἐκατέ-
 35 ρον], καὶ τὸ ἐκ τούτων λεγέσθω· ἐξ ἀδιαιρέτων ἄρα τὸ πᾶν;
 187a I ἐνιοὶ δ' ἐνέδοσαν τοῖς λόγοις ἀμφοτέροις, τῷ μὲν ὅτι πάντα
 ἔν, εἰ τὸ ὄν ἐν σημαίνει, ὅτι ἔστι τὸ μὴ ὄν, τῷ δὲ ἐκ τῆς

[186b 14] Também por meio da definição é manifesto que “aquilo que o ente precisamente é” se divide em outro “aquilo que certo ente precisamente é”, por exemplo, se o homem é precisamente aquilo que um certo ente é, é necessário que também o animal e o bípede sejam aquilo precisamente que um certo ente é. Pois, se eles não forem aquilo precisamente que certo ente é, eles serão concomitantes. Seriam então concomitantes ou do homem, ou de algum outro subjacente. Mas isso é impossível; pois eis o que se afirma como concomitante: ou o item que pode ser atribuído como também não ser atribuído, ou o item em cuja definição se encontra aquilo a que sucede concomitantemente <ou o item em que se encontra a definição daquilo a que sucede concomitantemente> (por exemplo: o estar sentado é concomitante enquanto separável, ao passo que no adunco encontra-se a definição do nariz, ao qual dizemos suceder concomitantemente o adunco). Além do mais, a definição do todo não se encontra na definição daquilo que está imanente em seu enunciado definitório, ou a partir de que é seu enunciado definitório, por exemplo: no *bípede* não se encontra a definição do *homem*, nem no *branco* se encontra a definição do *homem branco*. Assim, se essas coisas são desse modo, e se ao homem sucedesse concomitantemente o bípede, seria necessário que este fosse separável [*sc.* do *homem*], de modo que caberia que o *homem* não fosse *bípede*, ou então, seria necessário que na definição do *bípede* estivesse inerente a definição do *homem*. Mas isso é impossível: pois é aquele que está inerente na definição deste.

[186b 31] Por outro lado, se o *bípede* e o *animal* sucedessem concomitantemente a outra coisa, e se cada um deles não fosse aquilo que precisamente certo ente é, também o *homem* estaria entre os que sucedem concomitantemente a algo distinto.

[186b 33] Mas admita-se que “aquilo que o ente precisamente é” não sucede concomitantemente a nada, e admita-se que cada um deles, assim como o conjunto de ambos, se afirma daquilo de que ambos se afirmam: o todo seria então a partir de indivisíveis?!

[187a 1] E alguns fizeram concessões a ambos os argumentos: ao argumento de que, se o ente significasse um, tudo seria um, [concedem algo ao afirmar] que o não ente é, enquanto que, ao argumento a partir da dicotomia, [concedem

- διχοτομίας, άτομα ποιήσαντες μεγέθη. φανερόν δὲ καὶ ὅτι οὐκ ἀληθὲς ὡς, εἰ ἐν σημαίνει τὸ ὄν καὶ μὴ οἶόν τε ἅμα
- 5 τὴν ἀντίφασιν, οὐκ ἔσται οὐθὲν μὴ ὄν· οὐθὲν γὰρ κωλύει, μὴ ἀπλῶς εἶναι, ἀλλὰ μὴ ὄν τι εἶναι τὸ μὴ ὄν. τὸ δὲ δὴ φάναι, παρ' αὐτὸ τὸ ὄν εἰ μὴ τι ἔσται ἄλλο, ἐν πάντα ἔσεσθαι, ἄτοπον. τίς γὰρ μαθάνει αὐτὸ τὸ ὄν εἰ μὴ τὸ ὅπερ ὄν τι εἶναι; εἰ δὲ τοῦτο, οὐδὲν ὅμως κωλύει πολλὰ εἶναι τὰ
- 10 ὄντα, ὥσπερ εἴρηται. ὅτι μὲν οὖν οὕτως ἐν εἶναι τὸ ὄν ἀδύνατον, δῆλον.
4. Ὡς δ' οἱ φυσικοὶ λέγουσι, δύο τρόποι εἰσίν. οἱ μὲν γὰρ ἐν ποιήσαντες τὸ [ὄν] σῶμα τὸ ὑποκείμενον, ἢ τῶν τριῶν τι ἢ ἄλλο ὅ ἐστι πυρὸς μὲν πυκνότερον ἀέρος δὲ λεπτότε-
- 15 ρον, τὰλλα γεννώσι πυκνότητι καὶ μαυρότητι πολλὰ ποιούντες (ταῦτα δ' ἐστὶν ἐναντία, καθόλου δ' ὑπεροχὴ καὶ ἔλλειψις, ὥσπερ τὸ μέγα φησὶ Πλάτων καὶ τὸ μικρόν, πλὴν ὅτι ὁ μὲν ταῦτα ποιεῖ ὕλην τὸ δὲ ἐν τὸ εἶδος, οἱ δὲ τὸ μὲν ἐν τὸ ὑποκείμενον ὕλην, τὰ δ' ἐναντία διαφορὰς
- 20 καὶ εἶδη). οἱ δ' ἐκ τοῦ ἐνός ἐνούσας τὰς ἐναντιότητας ἐκκρίεσθαι, ὥσπερ Ἀναξίμανδρός φησι, καὶ ὅσοι δ' ἐν καὶ πολλὰ φασιν εἶναι, ὥσπερ Ἐμπεδοκλῆς καὶ Ἀναξαγόρας· ἐκ τοῦ μίγματος γὰρ καὶ οὗτοι ἐκκρίνουσι τὰλλα. διαφέρουσι δὲ ἀλλήλων τῶ τὸν μὲν περίοδον ποιεῖν τούτων, τὸν
- 25 δ' ἅπαξ, καὶ τὸν μὲν ἄπειρα, τὰ τε ὁμοιομερῆ καὶ τὰναντία, τὸν δὲ τὰ καλούμενα στοιχεῖα μόνον. εἶοικε δὲ Ἀναξαγόρας ἄπειρα οὕτως οἰηθῆναι διὰ τὸ ὑπολαμβάνειν τὴν κοινὴν δόξαν τῶν φυσικῶν εἶναι ἀληθῆ, ὡς οὐ γιγνομένου οὐδενός ἐκ τοῦ μὴ ὄντος (διὰ τοῦτο γὰρ οὕτω λέγουσιν, ἦν ὁμοῦ

algo] ao produzir grandezas indivisíveis. E manifestamente não é verdade que não pode haver nenhum *não ente*, se o ente significa um e não é possível que a contradição seja verdadeira ao mesmo tempo: pois nada impede que o *não ente* seja, não simplesmente sem mais, mas sim *um certo não ente*.

[187a 6] E, com efeito, é seguramente absurdo afirmar que, se não houver nenhum outro ente além do próprio ente em si mesmo, tudo há de ser um. Pois quem entende o próprio ente em si mesmo a não ser como “aquilo que certo ente precisamente é”? Mas, se é assim, nada impede que os entes sejam muitos, como foi dito. É evidente, portanto, que é impossível que o ente seja um assim dessa maneira.

Capítulo 4

[187a 12] Há dois modos pelos quais os estudiosos da natureza se pronunciam. Pois uns, fazendo um só o corpo subjacente – ou algum dos três, ou um outro mais denso que fogo, porém mais sutil que ar – geram as outras coisas, fazendo-as muitas, por densidade e rareza (e estas são contrárias e, em geral, são contrários excesso e falta, tal como Platão menciona o grande e o pequeno, embora ele faça de tais coisas matéria e, do um, por sua vez, forma, ao passo que os outros, em contrapartida, fazem do um, do subjacente, matéria e, dos contrários, diferenças e formas). Outros, por sua vez, [geram as outras coisas] por discriminar, a partir de uma só coisa, as contrariedades lá inerentes, tal como Anaximandro afirma e também todos aqueles que afirmam haver um e muitos, como Empédocles e Anaxágoras: pois também eles discriminam as outras coisas a partir da mistura. E diferenciam-se entre si porque um deles faz um ciclo dessas coisas, ao passo que o outro as faz uma só vez, e também porque um faz serem discriminadas coisas ilimitadas – tanto as homeômeras como os contrários –, enquanto o outro discrimina apenas os chamados elementos.

[187a 26] E Anaxágoras parece ter pensado em coisas ilimitadas assim desse modo por julgar verdadeira a opinião comum dos estudiosos da natureza, a de que nada vem a ser a partir do não ente (pois é por isso que se pronunciam assim, “todas as coisas estavam misturadas, e o vir a ser de tal qualidade consiste em alterar-se”, ao passo que outros dizem consistir em congregação e discriminação)

- 30 πάντα, καὶ τὸ γίγνεσθαι τοιόνδε καθέστηκεν ἀλλοιοῦσθαι, οἱ δὲ σύγκρισιν καὶ διάκρισιν· ἔτι δ' ἐκ τοῦ γίγνεσθαι ἐξ ἀλλήλων τὰναντία· ἐνυπήρχεν ἄρα· εἰ γὰρ πᾶν μὲν τὸ γιγνώμενον ἀνάγκη γίγνεσθαι ἢ ἐξ ὄντων ἢ ἐκ μὴ ὄντων, τούτων δὲ τὸ μὲν ἐκ μὴ ὄντων γίγνεσθαι ἀδύνατον (περὶ γὰρ ταύτης
- 35 ὁμογνωμονοῦσι τῆς δόξης ἅπαντες οἱ περὶ φύσεως), τὸ λοιπὸν ἢδη συμβαίνει ἐξ ἀνάγκης ἐνόμισαν, ἐξ ὄντων μὲν καὶ ἐνυπαρχόντων γίγνεσθαι, διὰ μικρότητα δὲ τῶν ὄγκων ἐξ
- I87β I ἀναισθητῶν ἡμῖν. διό φασι πᾶν ἐν παντὶ μεμῖχθαι, διότι πᾶν ἐκ παντὸς ἐώρων γιγνώμενον· φαίνεσθαι δὲ διαφέροντα καὶ προσαγορεύεσθαι ἕτερα ἀλλήλων ἐκ τοῦ μάλισθ' ὑπερέχοντος διὰ πλήθος ἐν τῇ μίξει τῶν ἀπείρων· εἰλικρινῶς μὲν
- 5 γὰρ ὄλον λευκὸν ἢ μέλαν ἢ γλυκὺ ἢ σάρκα ἢ ὄστουν οὐκ εἶναι, ὅτου δὲ πλείστον ἕκαστον ἔχει, τοῦτο δοκεῖν εἶναι τὴν φύσιν τοῦ πράγματος. εἰ δὴ τὸ μὲν ἄπειρον ἢ ἄπειρον ἄγνωστον, τὸ μὲν κατὰ πλήθος ἢ κατὰ μέγεθος ἄπειρον ἄγνωστον πόσον τι, τὸ δὲ κατ' εἶδος ἄπειρον ἄγνωστον ποῖον τι.
- 10 τῶν δ' ἀρχῶν ἀπείρων οὐσῶν καὶ κατὰ πλήθος καὶ κατ' εἶδος, ἀδύνατον εἰδέναι τὰ ἐκ τούτων. οὕτω γὰρ εἰδέναι τὸ σύνθετον ὑπολαμβάνομεν, ὅταν εἰδῶμεν ἐκ τίνων καὶ πόσων ἐστίν. ἔτι δ' εἰ ἀνάγκη, οὐδὲ τὸ μόνιον ἐνδέχεται ὀπηλικονοῦν εἶναι κατὰ μέγεθος καὶ μικρότητα, καὶ αὐτὸ ἐνδέχεσθαι
- 15 (λέγω δὲ τῶν τοιούτων τι μορίων, εἰς ὃ ἐνυπάρχον διαιρεῖται τὸ ὄλον), εἰ δὴ ἀδύνατον ζῶον ἢ φυτὸν ὀπηλικονοῦν εἶναι κατὰ μέγεθος καὶ μικρότητα, φανερόν ὅτι οὐδὲ τῶν μορίων ὅτιοῦν ἔσται γὰρ καὶ τὸ ὄλον ὁμοίως. σὰρξ δὲ καὶ ὄστουν καὶ τὰ τοιαῦτα μόρια ζῶου, καὶ οἱ καρποὶ τῶν φυτῶν.
- 20 δῆλον τοίνυν ὅτι ἀδύνατον σάρκα ἢ ὄστουν ἢ ἄλλο τι ὀπηλικονοῦν εἶναι τὸ μέγεθος ἢ ἐπὶ τὸ μείζον ἢ ἐπὶ τὸ ἔλαττον.

e, além disso, a partir do fato de que os contrários vêm a ser uns a partir dos outros: como se eles então já estivessem inerentes!! Com efeito, se é necessário que tudo o que vem a ser venha a ser ou a partir de entes ou a partir de não entes [*sc.* ou a partir do que é ou a partir do que não é], e se, destas alternativas, o vir a ser a partir de não entes é impossível (pois a respeito desta opinião todos os que investigam a natureza estão em consenso), julgaram que a alternativa restante imediatamente decorreria por necessidade, a saber: vir a ser a partir de entes já inerentes, mas imperceptíveis a nós devido à pequenez dos volumes. Por isso, afirmaram que tudo está misturado em tudo, porque viam tudo vindo a ser a partir de tudo; e afirmaram que as coisas se manifestam diferenciadas e se denominam de modo distinto umas das outras a partir daquilo que, na mistura dos ilimitados, excede pelo número, e que, de maneira pura, não há um branco íntegro, nem preto, nem doce, nem carne, nem osso, mas que se reputa ser a natureza da coisa aquilo que cada uma tem em maior número.

[187b 7] No entanto, se o ilimitado enquanto ilimitado é incognoscível, então o ilimitado segundo multiplicidade ou grandeza há de ser um certo quanto incognoscível, ao passo que o ilimitado segundo a forma, por sua vez, há de ser um certo qual incognoscível. E, sendo ilimitados os princípios, tanto em multiplicidade como também em forma, é impossível conhecer as coisas que se constituem a partir deles. Pois julgamos conhecer aquilo que é composto da seguinte maneira: quando conhecemos a partir de *que* e de *quantos itens* ele é.

[187b 13] Além disso, se é necessário que aquilo cuja parte cabe ser de qualquer grandeza ou pequenez que houver seja também ele mesmo de qualquer grandeza ou pequenez que houver (e digo alguma das partes imanentes deste tipo, a saber, nas quais se divide o todo), e se, de fato, é impossível que animal ou planta sejam de qualquer grandeza ou pequenez que houver, é manifesto que tampouco nenhuma de suas partes poderá sê-lo: pois, caso contrário, também o todo poderia sê-lo, semelhantemente. Mas carne e osso e outras coisas de tal tipo são partes dos animais, assim como os frutos são partes das plantas. É evidente então que é impossível que carne, osso ou alguma outra parte seja de qualquer tamanho que for, quer em direção ao maior, quer em direção ao menor.

- ἔτι εἰ πάντα μὲν ἐνυπάρχει τὰ τοιαῦτα ἐν ἀλλήλοις, καὶ
 μὴ γίγνεται ἀλλ' ἐκκρίνεται ἐνόντα, λέγεται δὲ ἀπὸ τοῦ πλεί-
 ονος, γίγνεται δὲ ἐξ ὅτου οὖν ὀτιοῦν (οἶον ἐκ σαρκὸς ὕδωρ ἐκ-
 25 κρινόμενον καὶ σὰρξ ἐξ ὕδατος), ἅπαν δὲ σῶμα πεπερασμέ-
 νον ἀναιρεῖται ὑπὸ σώματος πεπερασμένου, φανερόν ὅτι οὐκ
 ἐνδέχεται ἐν ἑκάστῳ ἕκαστον ὑπάρχειν. ἀφαιρεθείσης γὰρ
 ἐκ τοῦ ὕδατος σαρκός, καὶ πάλιν ἄλλης γενομένης ἐκ τοῦ
 λοιποῦ ἀποκρίσει, εἰ καὶ αἰεὶ ἐλάττων ἔσται ἢ ἐκκρινόμενη,
 30 ἀλλ' ὅμως οὐχ ὑπερβαλεῖ μέγεθός τι τῇ μικρότητι. ὥστ'
 εἰ μὲν στήσεται ἢ ἐκκρίσις, οὐχ ἅπαν ἐν παντὶ ἐνέσται (ἐν
 γὰρ τῷ λοιπῷ ὕδατι οὐκ ἐνυπάρξει σὰρξ), εἰ δὲ μὴ στήσε-
 ται ἀλλ' αἰεὶ ἔξει ἀφαίρεσιν, ἐν πεπερασμένῳ μεγέθει ἴσα
 πεπερασμένα ἐνέσται ἄπειρα τὸ πλῆθος· τοῦτο δ' ἀδύνατον.
 35 πρὸς δὲ τούτοις, εἰ ἅπαν μὲν σῶμα ἀφαιρεθέντος τινὸς ἔλατ-
 τον ἀνάγκη γίγνεσθαι, τῆς δὲ σαρκὸς ὄρισται τὸ ποσὸν καὶ
 μεγέθει καὶ μικρότητι, φανερόν ὅτι ἐκ τῆς ἐλαχίστης σαρ-
 188a I κὸς οὐθὲν ἐκκριθήσεται σῶμα· ἔσται γὰρ ἐλάττων τῆς ἐλα-
 χίστης. ἔτι δ' ἐν τοῖς ἀπείροις σώμασιν ἐνυπάρχει ἂν ἤδη
 σὰρξ ἄπειρος καὶ αἷμα καὶ ἐγκέφαλος, κεχωρισμένα μέντοι
 ἀπ' ἀλλήλων <οὐ>, οὐθὲν δ' ἦπτον ὄντα, καὶ ἄπειρον ἕκαστον·
 5 τοῦτο δ' ἄλογον. τὸ δὲ μηδέποτε διακριθήσεσθαι οὐκ εἰδότως
 μὲν λέγεται, ὀρθῶς δὲ λέγεται· τὰ γὰρ πάθη ἀχώριστα
 εἰ οὖν μέμικται τὰ χρώματα καὶ αἰ ἔξεις, ἐὰν διακριθῶσιν,
 ἔσται τι λευκὸν καὶ ὑγιεινὸν οὐχ ἕτερόν τι ὄν οὐδὲ καθ' ὑπο-
 κειμένου. ὥστε ἄτοπος τὰ ἀδύνατα ζητῶν ὁ νοῦς, εἴπερ βού-
 10 λεται μὲν διακρίναι, τοῦτο δὲ ποιῆσαι ἀδύνατον καὶ κατὰ
 τὸ ποσὸν καὶ κατὰ τὸ ποιόν, κατὰ μὲν τὸ ποσὸν ὅτι οὐκ

[187b 22] Além disso, se todas as coisas desse tipo estão inerentes umas nas outras, e se não vêm a ser, mas antes, imãentes, se discriminam, e se cada uma se denomina a partir do elemento mais nūmeroso, e se absolutamente qualquer uma vem a ser a partir de qualquer uma (por exemplo: a partir da carne, água discriminada, e carne a partir da água), e se todo corpo limitado é exaurido por um corpo limitado, é manifesto que não cabe que cada coisa se encontre em cada coisa. Pois, no caso em que se subtraísse carne da água, e em que, novamente, outra carne surgisse por discriminação a partir do restante de água, a carne discriminada, ainda que fosse sempre menor, não excederia em pequenez, no entanto, um certo tamanho. Por conseguinte, se houver de cessar a discriminação [*sc.* da carne a partir da água], não é verdade que tudo há de estar inerente em tudo (pois na água restante não mais há de se encontrar carne); por outro lado, se a discriminação não cessar, mas sempre for possível haver subtração, haverá, numa grandeza limitada, coisas limitadas iguais [*sc.* de mesmo tamanho] ilimitadas em multiplicidade: mas isso é impossível. Além disso, se é necessário que todo corpo, no caso em que se lhe subtrai algo, se torne menor, e se o quanto de carne for limitado tanto em grandeza como em pequenez, é manifesto que nenhum corpo poderá ser discriminado a partir da menor porção de carne que houver: pois, caso contrário, haveria uma carne menor do que a menor de todas.

[188a 2] Além do mais, nos corpos ilimitados se encontrariam já presentes carne ilimitada e sangue ilimitado e cérebro ilimitado, ao passo que, separados uns dos outros, não seriam ilimitados, embora não menos *sendo algo*, e cada um deles sendo ilimitado: e isso não é razoável.

[188a 5] No entanto, que jamais haverão de ser discriminados, embora não se afirme consabidamente, afirma-se de modo correto: pois as afecções são inseparáveis; ora, dado que as cores e disposições estão misturadas, se viessem a se discriminar, seria possível haver um branco – ou um saudável – que seria sem ser algo distinto e sem ser de um subjacente. Por conseguinte, é absurdo o intellecto, a buscar impossibilidades, se de fato, de sua parte, deseja discriminar [*sc.* tudo], sendo isso, no entanto, impossível conforme o *quanto* como também conforme o *qual* – conforme o *quanto*, porque não há uma grandeza que seja a

ἔστιν ἐλάχιστον μέγεθος, κατὰ δὲ τὸ ποιὸν ὅτι ἀχώριστα τὰ
 πάθη. οὐκ ὀρθῶς δὲ οὐδὲ τὴν γένεσιν λαμβάνει τῶν ὁμο-
 ειδῶν. ἔστι μὲν γὰρ ὡς ὁ πηλὸς εἰς πηλοὺς διαιρεῖται, ἔστι
 15 δ' ὡς οὐ. καὶ οὐχ ὁ αὐτὸς τρόπος, ὡς πλίνθοι ἐξ οἰκίας καὶ
 οἰκία ἐκ πλίνθων, οὕτω [δὲ] καὶ ὕδωρ καὶ ἀήρ ἐξ ἀλλήλων
 καὶ εἰσὶ καὶ γίνονται. βέλτιόν τε ἐλάττω καὶ πεπερασμένα
 λαβεῖν, ὅπερ ποιεῖ Ἐμπεδοκλῆς.

5. Πάντες δὴ τὰναντία ἀρχὰς ποιοῦσιν οἳ τε λέγοντες ὅτι
 20 ἐν τῷ πᾶν καὶ μὴ κινούμενον (καὶ γὰρ Παρμενίδης θερμὸν
 καὶ ψυχρὸν ἀρχὰς ποιεῖ, ταῦτα δὲ προσαγορεύει πῦρ καὶ
 γῆν) καὶ οἱ μανὸν καὶ πυκνόν, καὶ Δημόκριτος τὸ πλήρες καὶ
 κενόν, ὧν τὸ μὲν ὡς ὄν τὸ δὲ ὡς οὐκ ὄν εἶναι φησιν· ἔτι θέ-
 σει, σχήματι, τάξει. ταῦτα δὲ γένη ἐναντίων· θέσεως ἄνω
 25 κάτω, πρόσθεν ὀπίσθεν, σχήματος γεγωνιωμένον ἀγώνιον, εὐθὺ
 περιφερές. ὅτι μὲν οὖν τὰναντία πως πάντες ποιοῦσι τὰς ἀρχὰς,
 δῆλον. καὶ τοῦτο εὐλόγως· δεῖ γὰρ τὰς ἀρχὰς μήτε ἐξ ἀλλήλων
 εἶναι μήτε ἐξ ἄλλων, καὶ ἐκ τούτων πάντα· τοῖς δὲ ἐναν-
 τίοις τοῖς πρώτοις ὑπάρχει ταῦτα, διὰ μὲν τὸ πρῶτα εἶναι
 30 μὴ ἐξ ἄλλων, διὰ δὲ τὸ ἐναντία μὴ ἐξ ἀλλήλων.

30 ἀλλὰ
 δεῖ τοῦτο καὶ ἐπὶ τοῦ λόγου σκέψασθαι πῶς συμβαίνει. λη-
 πτέον δὴ πρῶτον ὅτι πάντων τῶν ὄντων οὐθέν οὔτε ποιεῖν πέ-
 φυκεν οὔτε πάσχειν τὸ τυχόν ὑπὸ τοῦ τυχόντος, οὐδὲ γίγνεται
 ὅτιοῦν ἐξ ὅτουοῦν, ἂν μὴ τις λαμβάνῃ κατὰ συμβεβηκός·
 35 πῶς γὰρ ἂν γένοιτο λευκὸν ἐκ μουσικοῦ, πλὴν εἰ μὴ συμ-

menor de todas, conforme o qual, por sua vez, porque as afecções são inseparáveis.

[188a 13] Mas nem sequer a gênese dos homoformes [sc. Anaxágoras] concebe corretamente. Pois, de certo modo, o barro se dissolve em barro, mas, de certo modo, não. De fato, não é o mesmo modo [sc. em cada respectivo caso]: tal como os tijolos vêm a ser a partir da casa e a casa a partir dos tijolos, assim do mesmo modo a água e o ar seriam e viriam a ser um a partir do outro. É melhor assumir um número menor e limitado [de princípios] - o que precisamente Empédocles faz.

Capítulo 5

[188a 19] Com efeito, todos fazem os contrários princípios, tanto os que afirmam que o todo é um e não movido (pois até mesmo Parmênides faz princípios o quente e o frio, e os denomina fogo e terra), como também os que introduzem o raro e o denso, e inclusive Demócrito, que introduz o pleno e o vazio, dos quais diz que um é como ente, ao passo que o outro, por sua vez, como não ente; além disso [sc. Demócrito os diferencia] por posição, figura e ordem. E esses são os gêneros dos contrários: pertence à posição o acima e abaixo, à frente e atrás, pertence à figura o angulado e o sem-ângulo, reto e circunvolvente.

[188a 26] É evidente, portanto, que de certo modo todos fazem contrários os princípios. E isso é razoável: pois é preciso que os princípios não sejam nem uns a partir dos outros, nem a partir de outras coisas, mas é preciso que todas as coisas sejam a partir deles; e nos contrários primeiros se encontram esses requisitos: por serem primeiros, cabe-lhes não ser a partir de outras coisas, ao passo que, por serem contrários, cabe-lhes não ser uns a partir dos outros.

[188a 30] Mas é preciso observar como isso sucede também no que respeita à linguagem. Ora, deve-se assumir primeiramente que, entre todos os entes, não é qualquer um que seja que naturalmente pode fazer ou sofrer algo por força de um outro ente qualquer, tampouco vem a ser uma coisa qualquer a partir de qualquer coisa que seja, a não ser que alguém as assuma segundo concomitância: pois como poderia eventualmente vir a ser branco a partir de culto, a não

188β I βεβηκός εἴη τῷ μὴ λευκῷ ἢ τῷ μέλανι τὸ μουσικόν; ἀλλὰ
 λευκὸν μὲν γίγνεται ἐξ οὐ λευκοῦ, καὶ τούτου οὐκ ἐκ παντὸς
 ἀλλ' ἐκ μέλανος ἢ τῶν μεταξὺ, καὶ μουσικὸν οὐκ ἐκ μου-
 σικοῦ, πλην οὐκ ἐκ παντὸς ἀλλ' ἐξ ἁμούσου ἢ εἴ τι αὐτῶν
 ἐστι μεταξὺ. οὐδὲ δὴ φθείρεται εἰς τὸ τυχὸν πρῶτον, οἶον
 5 τὸ λευκὸν οὐκ εἰς τὸ μουσικόν, πλην εἰ μὴ ποτε κατὰ συμ-
 βεβηκός, ἀλλ' εἰς τὸ μὴ λευκόν, καὶ οὐκ εἰς τὸ τυχὸν ἀλλ'
 εἰς τὸ μέλαν ἢ τὸ μεταξὺ· ὡς δ' αὐτως καὶ τὸ μουσικὸν
 εἰς τὸ μὴ μουσικόν, καὶ τοῦτο οὐκ εἰς τὸ τυχὸν ἀλλ' εἰς τὸ
 ἁμουσον ἢ εἴ τι αὐτῶν ἐστι μεταξὺ. ὁμοίως δὲ τοῦτο καὶ
 10 ἐπὶ τῶν ἄλλων, ἐπεὶ καὶ τὰ μὴ ἀπλὰ τῶν ὄντων ἀλλὰ
 σύνθετα κατὰ τὸν αὐτὸν ἔχει λόγον· ἀλλὰ διὰ τὸ μὴ τὰς
 ἀντικειμένας διαθέσεις ὠνομάσθαι λανθάνει τοῦτο συμβαῖνον.
 ἀνάγκη γὰρ πᾶν τὸ ἤρμοσμένον ἐξ ἀναρμόστου γίγνεσθαι καὶ
 τὸ ἀναρμόστον ἐξ ἤρμοσμένου, καὶ φθείρεσθαι τὸ ἤρμοσμέ-
 νον εἰς ἀναρμοστίαν, καὶ ταύτην οὐ τὴν τυχούσαν ἀλλὰ τὴν
 15 ἀντικειμένην. διαφέρει δ' οὐθεν ἐπὶ ἀρμονίας εἰπεῖν ἢ τάξεως
 ἢ συνθέσεως· φανερόν γὰρ ὅτι ὁ αὐτὸς λόγος. ἀλλὰ μὴν
 καὶ οἰκία καὶ ἀνδριάς καὶ ὀτιοῦν ἄλλο γίγνεται ὁμοίως· ἢ
 τε γὰρ οἰκία γίγνεται ἐκ τοῦ μὴ συγκείσθαι ἀλλὰ διηρη-
 σθαι ταδὶ ὠδί, καὶ ὁ ἀνδριάς καὶ τῶν ἐσχηματισμένων τι
 20 ἐξ ἀσχημοσύνης· καὶ ἕκαστον τούτων τὰ μὲν τάξις, τὰ δὲ
 σύνθεσις τίς ἐστιν. εἰ τοίνυν τοῦτ' ἐστιν ἀληθές, ἅπαν ἂν γί-
 γνοιτο τὸ γιγνόμενον καὶ φθείροιτο τὸ φθειρόμενον ἢ ἐξ ἐναν-
 τίων ἢ εἰς ἐναντία καὶ τὰ τούτων μεταξὺ. τὰ δὲ μεταξὺ
 ἐκ τῶν ἐναντίων ἐστίν, οἶον χρώματα ἐκ λευκοῦ καὶ μέλα-

ser que o culto sucedesse concomitantemente ao não-branco ou ao negro? Mas é certo que o branco vem a ser a partir de não-branco, e não a partir de todo e qualquer não-branco, mas sim a partir de negro ou a partir dos intermediários, assim como também o culto vem a ser a partir de não-culto, embora não a partir de todo e qualquer um, mas sim a partir do inculto ou de algum outro intermediário entre eles, se tal existe.

[188b 3] E, seguramente, algo tampouco se corrompe na primeira coisa que vier ao acaso, por exemplo, o branco não se corrompe no culto – a não ser porventura segundo concomitância –, mas sim no não-branco, e não se corrompe em qualquer não-branco que venha ao acaso, mas sim no negro ou no intermediário; e assim dessa mesma maneira, também o culto se corrompe no não-culto, e não em qualquer não-culto que venha ao acaso, mas sim no inculto ou em algum outro intermediário deles, se tal existe.

[188b 8] E isso ocorre semelhantemente também nos outros casos, uma vez que até mesmo os entes não simples, porém compostos, se comportam segundo a mesma maneira de enunciação: no entanto, a ocorrência disso passa despercebida, por não estarem nomeadas as disposições opostas. Pois é necessário que tudo que esteja arranjado venha a ser a partir do desaranjado, e que o desaranjado venha a ser a partir do arranjado, e que o arranjado se corrompa em desarranjo, e não num desarranjo qualquer, mas sim no oposto. E não faz nenhuma diferença falar em arranjo ou ordem ou composição: pois é manifesto que é a mesma maneira de enunciação.

[188b 16] Mas certamente também casa e estátua, bem como qualquer outra coisa que seja, vêm a ser de maneira semelhante: pois a casa vem a ser a partir do fato de que estas coisas aqui não estão compostas, mas sim dispersas de tal e tal modo, assim como a estátua e qualquer um dos refigurados vêm a ser a partir da ausência da figura. E cada uma dessas coisas é uma certa ordem, ou uma certa composição. Assim, se isso é verdadeiro, tudo aquilo que vem a ser, assim como tudo que se corrompe, vem a ser, ou se corrompe, ou a partir dos contrários, ou nos contrários e em seus intermediários. E os intermediários são a partir dos contrários, por exemplo: as cores são a partir do branco e do negro; de

- 25 νος ὥστε πάντ' ἂν εἴη τὰ φύσει γιγνόμενα ἢ ἐναντία ἢ ἐξ ἐναντίων. μέχρι μὲν οὖν ἐπὶ τοσούτον σχεδὸν συνηκολουθήκασιν καὶ τῶν ἄλλων οἱ πλείστοι, καθάπερ εἶπομεν πρότερον· πάντες γὰρ τὰ στοιχεῖα καὶ τὰς ὑπ' αὐτῶν καλουμένας ἀρχάς, καίπερ ἄνευ λόγου τιθέντες, ὅμως τὰναντία λέγουσιν, ὥσπερ ὑπ'
- 30 αὐτῆς τῆς ἀληθείας ἀναγκασθέντες. διαφέρουσι δ' ἀλλήλων τῶ τοὺς μὲν πρότερα τοὺς δ' ὕστερα λαμβάνειν, καὶ τοὺς μὲν γνωριμώτερα κατὰ τὸν λόγον τοὺς δὲ κατὰ τὴν αἴσθησιν (οἱ μὲν γὰρ θερμὸν καὶ ψυχρὸν, οἱ δ' ὑγρὸν καὶ ξηρὸν, ἕτεροι δὲ περιττὸν καὶ ἄρτιον ἢ νεῖκος καὶ φιλίαν αἰ-
- 35 τίας τίθενται τῆς γενέσεως· ταῦτα δ' ἀλλήλων διαφέρει κατὰ τὸν εἰρημένον τρόπον), ὥστε ταῦτα λέγειν πως καὶ ἕτερα ἀλλήλων, ἕτερα μὲν ὥσπερ καὶ δοκεῖ τοῖς πλείστοις, ταῦτα
- 189a I δὲ ἢ ἀνάλογον· λαμβάνουσι γὰρ ἐκ τῆς αὐτῆς συστοιχίας· τὰ μὲν γὰρ περιέχει, τὰ δὲ περιέχεται τῶν ἐναντίων. ταῦτη τε δὴ ὡσαύτως λέγουσι καὶ ἐτέρως, καὶ χεῖρον καὶ βέλτιον, καὶ οἱ μὲν γνωριμώτερα κατὰ τὸν λόγον, ὥσπερ εἴρηται
- 5 πρότερον, οἱ δὲ κατὰ τὴν αἴσθησιν (τὸ μὲν γὰρ καθόλου κατὰ τὸν λόγον γνώριμον, τὸ δὲ καθ' ἕκαστον κατὰ τὴν αἴσθησιν· ὁ μὲν γὰρ λόγος τοῦ καθόλου, ἢ δ' αἴσθησις τοῦ κατὰ μέρος), οἷον τὸ μὲν μέγα καὶ τὸ μικρὸν κατὰ τὸν λόγον, τὸ δὲ μακρὸν καὶ τὸ πυκνὸν κατὰ τὴν αἴσθησιν. ὅτι μὲν οὖν ἐναν-
- 10 τίας δεῖ τὰς ἀρχὰς εἶναι, φανερόν.
6. Ἐχόμενον δ' ἂν εἴη λέγειν πότερον δύο ἢ τρεῖς ἢ πλείους εἰσίν. μίαν μὲν γὰρ οὐχ οἶόν τε, ὅτι οὐχ ἓν τὰ ἐναντία, ἀπίρους δ', ὅτι οὐκ ἐπισητὸν τὸ ὄν ἔσται, μία τε ἐναντίωσις ἐν

modo que tudo o que vem a ser por natureza é ou contrário ou a partir de contrários.

[188b 26] Assim, conforme dissemos anteriormente, até esse ponto, por assim dizer, os outros em sua maioria estão em consenso: pois todos eles, embora o estabeleçam sem explicação, enunciam como contrários os elementos e os por eles denominados princípios – como que constrangidos pela própria verdade. Mas eles diferenciam-se entre si porque uns assumem princípios anteriores, ao passo que outros os assumem posteriores, assim como uns assumem os mais cognoscíveis conforme a razão, ao passo que outros assumem os mais cognoscíveis conforme a sensação (pois uns estabelecem, como causas do vir a ser, quente e frio, ao passo que outros estabelecem úmido e seco, outros, por sua vez, ímpar e par ou ódio e amizade: e essas coisas diferenciam-se entre si conforme o modo mencionado), de modo que, de certa maneira, afirmam, uns e outros, coisas idênticas e distintas: por um lado, distintas tal como inclusive parece à maior parte deles, mas idênticas na medida em que são análogas; pois tomam seus princípios a partir da mesma coordenação de elementos: pois, entre os contrários, uns excedem, ao passo que outros são excedidos. Com efeito, é nessa exata medida que afirmam por modo idêntico e distinto, assim como pior ou melhor, e uns mencionam os mais cognoscíveis segundo a razão, tal como foi dito antes, ao passo que outros mencionam os mais cognoscíveis segundo a sensação (pois o universal é cognoscível segundo a razão, enquanto o particular o é segundo a sensação: pois a razão é do universal, ao passo que a sensação é do particular), por exemplo: o grande e o pequeno são [*sc.* mais cognoscíveis] segundo a razão, mas o raro e o denso, por sua vez, segundo a sensação.

[189a 9] É manifesto, portanto, que é preciso que os princípios sejam contrários.

Capítulo 6

[189a 11] O ponto seguinte seria dizer se os princípios são dois ou três ou em maior número. Pois não é possível que o princípio seja um só, visto que os contrários não são um só; por outro lado, tampouco é possível que os princípios sejam ilimitados, visto que, neste caso, o ente não seria cognoscível, assim

- παντὶ γένει ἐνί, ἢ δ' οὐσία ἐν τι γένος, καὶ ὅτι ἐνδέχεται ἐκ
 15 πεπερασμένων, βέλτιον δ' ἐκ πεπερασμένων, ὥσπερ Ἐμπε-
 δοκλήης, ἢ ἐξ ἀπείρων· πάντα γὰρ ἀποδιδόναι οἶεται ὅσα-
 περ Ἀναξαγόρας ἐκ τῶν ἀπείρων. ἔτι δὲ ἔστιν ἄλλα ἄλλων
 πρότερα ἐναντία, καὶ γίγνεται ἕτερα ἐξ ἄλλων, οἶον γλυκὺ
 καὶ πικρὸν καὶ λευκὸν καὶ μέλαν, τὰς δὲ ἀρχὰς ἀεὶ δεῖ
 20 μένειν. ὅτι μὲν οὖν οὔτε μία οὔτε ἄπειροι, δῆλον ἐκ τούτων·
 ἐπεὶ δὲ πεπερασμένοι, τὸ μὴ ποιεῖν δύο μόνον ἔχει τινὰ λό-
 γον· ἀπορήσειε γὰρ ἂν τις πῶς ἢ ἡ πυκνότης τὴν μαυρότητα
 ποιεῖν τι πέφυκεν ἢ αὐτὴ τὴν πυκνότητα. ὁμοίως δὲ καὶ
 ἄλλη ὅποιασὺν ἐναντιότης· οὐ γὰρ ἡ φιλία τὸ νεῖκος συνάγει
 25 καὶ ποιεῖ τι ἐξ αὐτοῦ, οὐδὲ τὸ νεῖκος ἐξ ἐκείνης, ἀλλ' ἄμφω
 ἕτερόν τι τρίτον. ἔνιοι δὲ καὶ πλείω λαμβάνουσιν ἐξ ὧν κατα-
 σκευάζουσι τὴν τῶν ὄντων φύσιν. πρὸς δὲ τούτοις ἔτι κἂν
 τόδε τις ἀπορήσειεν, εἰ μὴ τις ἑτέραν ὑποθήσει τοῖς ἐναν-
 τίοις φύσιν· οὐθενὸς γὰρ ὀρώμεν τῶν ὄντων οὐσίαν τᾶναντία,
 30 τὴν δ' ἀρχὴν οὐ καθ' ὑποκειμένου δεῖ λέγεσθαι τινος. ἔσται
 γὰρ ἀρχὴ τῆς ἀρχῆς· τὸ γὰρ ὑποκείμενον ἀρχή, καὶ πρό-
 τερον δοκεῖ τοῦ κατηγορουμένου εἶναι. ἔτι οὐκ εἶναι φαμεν
 οὐσίαν ἐναντίαν οὐσίᾳ· πῶς οὖν ἐκ μὴ οὐσιῶν οὐσία ἂν εἴη; ἢ
 πῶς ἂν πρότερον μὴ οὐσία οὐσίας εἴη; διόπερ εἴ τις τὸν τε
 35 πρότερον ἀληθῆ νομίσειεν εἶναι λόγον καὶ τοῦτον, ἀναγκαῖον,
 189β I εἰ μέλλει διασώσειν ἀμφοτέρους αὐτούς, ὑποτιθέναι τι τρίτον,
 ὥσπερ φασὶν οἱ μίαν τινὰ φύσιν εἶναι λέγοντες τὸ πᾶν, οἶον
 ὕδωρ ἢ πῦρ ἢ τὸ μεταξὺ τούτων. δοκεῖ δὲ τὸ μεταξὺ μᾶλ-
 λον· πῦρ γὰρ ἤδη καὶ γῆ καὶ ἀήρ καὶ ὕδωρ μετ' ἐναντιότη-
 5 των συμπεπλεγμένα ἐστίν. διὸ καὶ οὐκ ἀλόγως ποιοῦσιν οἱ τὸ
 ὑποκείμενον ἕτερον τούτων ποιοῦντες, τῶν δ' ἄλλων οἱ ἀέρα·

como porque há apenas uma só contrariedade em qualquer gênero único – e a essência é um gênero único –, como também porque é possível a partir de limitados [*sc.* gerar os entes], e é melhor gerá-los a partir de limitados do que a partir de ilimitados – tal como Empédocles: pois ele julga ter aduzido [*sc.* a partir de limitados] tudo quanto Anaxágoras aduziu a partir de ilimitados. Além disso, há uns contrários que são anteriores a outros, e outros vêm a ser a partir de outros, tal como doce e amargo, branco e negro; no entanto, é preciso que os princípios sempre permaneçam.

[189a 20] A partir disso, portanto, é evidente que os princípios não são nem um só nem ilimitados. E uma vez que são limitados, há alguma razão em não fazê-los apenas dois: pois não se saberia dizer como a densidade naturalmente faria algo da rareza ou como esta faria algo da densidade. E semelhantemente também qualquer outra contrariedade que for: pois a amizade não concentra o ódio nem faz algo a partir dele, tampouco o ódio faz algo a partir dela, mas ambos agem sobre algum terceiro item distinto. E alguns assumem um número até maior de elementos, a partir dos quais constituem a natureza dos entes.

[189a 27] Em acréscimo a essas, alguém poderia levantar ainda a seguinte dificuldade, se não se estabelecer como suporte para os contrários uma outra natureza: não vemos os contrários como essência de nenhum dos entes, e é preciso que o princípio não seja afirmado de um subjacente. Pois, caso contrário, haveria um princípio do princípio: pois o subjacente é princípio, e se reputa ser anterior àquilo que dele se predica.

[189a 32] Além disso, afirmamos não haver essência contrária a essência; como, então, poderia haver essência a partir de não-essências? Ou como algo que não é essência poderia ser anterior à essência? Precisamente por isso, se alguém julgar verdadeiros tanto o argumento anterior como também este, é necessário, se se dispõe a conservar ambos, estabelecer como suporte um terceiro item, tal como dizem os que afirmam que o todo é uma única natureza, por exemplo, água, fogo ou o intermediário entre eles. E parece ser terceiro antes o intermediário: pois fogo, terra, ar e água já estão entretrecidos com as contrariedades. Por isso, também não procedem sem razão os que aduzem um subjacente distinto desses [*sc.* quatro elementos] e, entre aqueles outros, os que afirmam

- καὶ γὰρ ὁ ἀήρ ἥκιστα ἔχει τῶν ἄλλων διαφορὰς αἰσθητάς·
 ἐχόμενον δὲ τὸ ὕδωρ. ἀλλὰ πάντες γε τὸ ἐν τούτῳ τοῖς
 ἐναντίοις σχηματίζουσιν, πυκνότητι καὶ μαυότητι καὶ τῷ
 10 μᾶλλον καὶ ἥττον. ταῦτα δ' ἐστὶν ὅλως ὑπεροχὴ δηλονότι
 καὶ ἔλλειψις, ὡς περ εἴρηται πρότερον. καὶ ἔοικε παλαιὰ
 εἶναι καὶ αὕτη ἡ δόξα, ὅτι τὸ ἐν καὶ ὑπεροχὴ καὶ ἔλλει-
 ψις ἀρχαὶ τῶν ὄντων εἰσὶ, πλην οὐ τὸν αὐτὸν τρόπον, ἀλλ'
 οἱ μὲν ἀρχαῖοι τὰ δύο μὲν ποιεῖν τὸ δὲ ἐν πάσχειν, τῶν
 15 δ' ὑστέρων τινὲς τοῦναντίον τὸ μὲν ἐν ποιεῖν τὰ δὲ δύο πάσχειν
 φασὶ μᾶλλον. τὸ μὲν οὖν τρία φάσκειν τὰ στοιχεῖα εἶναι ἕκ-
 τε τούτων καὶ ἕκ τοιούτων ἄλλων ἐπισκοποῦσι δόξειεν ἂν ἔχειν
 τινὰ λόγον, ὡς περ εἵπομεν, τὸ δὲ πλείω τριῶν οὐκέτι· πρὸς
 μὲν γὰρ τὸ πάσχειν ἰκανὸν τὸ ἐν, εἰ δὲ τεττάρων ὄντων δύο
 20 ἔσονται ἐναντιώσεις, δεήσει χωρὶς ἑκατέρω ὑπάρχειν ἑτέραν
 τινὰ μεταξὺ φύσιν· εἰ δ' ἐξ ἀλλήλων δύνανται γεννᾶν δύο
 οὔσαι, περίεργος ἂν ἡ ἑτέρα τῶν ἐναντιώσεων εἴη. ἅμα δὲ καὶ
 ἀδύνατον πλείους εἶναι ἐναντιώσεις τὰς πρώτας. ἡ γὰρ οὐσία
 ἐν τι γένος ἐστὶ τοῦ ὄντος, ὥστε τῷ πρότερον καὶ ὕστερον διοί-
 25 σουσιν ἀλλήλων αἱ ἀρχαὶ μόνον, ἀλλ' οὐ τῷ γένει· αἰεὶ γὰρ
 ἐν ἐνὶ γένει μία ἐναντιώσις ἔστιν, πᾶσαι τε αἱ ἐναντιώσεις
 ἀνάγεσθαι δοκοῦσιν εἰς μίαν. ὅτι μὲν οὖν οὔτε ἐν τὸ στοιχεῖον
 οὔτε πλείω δυοῖν ἢ τριῶν, φανερόν· τούτων δὲ πότερον, κα-
 θάπερ εἵπομεν, ἀπορίαν ἔχει πολλήν.
- 30 7. Ὡδ' οὖν ἡμεῖς λέγωμεν πρῶτον περὶ πάσης γενέσεως
 ἐπελθόντες· ἔστι γὰρ κατὰ φύσιν τὰ κοινὰ πρῶτον εἰπόντας

ar; pois o ar tem as diferenças sensíveis em menor medida que os outros e, em segundo lugar, a água.

[189b 8] Em todo caso, com efeito, todos configuram esse subjacente único com os contrários: com densidade e rareza, com o mais e o menos. E é evidente que estes contrários são, em geral, excesso e falta, tal como foi dito anteriormente. E parece ser antiga inclusive esta opinião, a de que o um, excesso e falta são princípios dos entes, embora não seja do mesmo modo: pois os antigos afirmavam que os dois princípios agem e o outro padece, enquanto alguns dos posteriores, por sua vez, afirmam antes, contrariamente, que um age, ao passo que os outros dois padecem.

[189b 16] Portanto, é plausível que, aos que investigam a partir destas e outras considerações desse tipo, pareça haver alguma razão (conforme dissemos) em afirmar que os elementos são três, mas não mais em afirmar que são mais do que três: pois um só é suficiente para padecer e, se houvesse duas contrariedades – sendo quatro os princípios –, seria preciso que, para cada uma delas, estivesse respectivamente disponível uma outra natureza intermédia; por outro lado, se, sendo duas, as contrariedades fossem capazes de se gerar uma a partir da outra, uma das duas seria supérflua. E, ao mesmo tempo, é inclusive impossível que as contrariedades primeiras sejam mais de uma. Pois a essência é um gênero do ente, de modo que os princípios haveriam de ser diferentes entre si apenas conforme o anterior e posterior, mas não em gênero: pois, num gênero único, há sempre apenas uma única contrariedade, e todas as contrariedades parecem se reconduzir a uma só.

[189b 27] É manifesto, portanto, que os elementos não são nem um só, nem em maior número que dois ou três. Mas, entre esses números, qual deles, eis o que, conforme dissemos, comporta muita dificuldade.

Capítulo 7

[189b 30] De nossa parte, afirmemos então da seguinte maneira, discorrendo primeiramente sobre o vir a ser em geral – pois é conforme à natureza, após afirmar inicialmente as características comuns, estudar então as próprias de cada um. Ora, dizemos que uma coisa vem a ser a partir de outra, ou que uma

- οὕτω τὰ περὶ ἕκαστον ἴδια θεωρεῖν. φαμέν γὰρ γίγνεσθαι ἐξ
 ἄλλου ἄλλο καὶ ἐξ ἑτέρου ἕτερον ἢ τὰ ἀπλᾶ λέγοντες ἢ τὰ
 συγκείμενα. λέγω δὲ τοῦτο ὡδί. ἔστι γὰρ γίγνεσθαι ἄνθρωπον
- 35 μουσικόν, ἔστι δὲ τὸ μὴ μουσικόν γίγνεσθαι μουσικόν ἢ τὸν
 190a I μὴ μουσικὸν ἄνθρωπον ἄνθρωπον μουσικόν. ἀπλοῦν μὲν οὖν
 λέγω τὸ γιγνόμενον τὸν ἄνθρωπον καὶ τὸ μὴ μουσικόν, καὶ
 ὃ γίγνεται ἀπλοῦν, τὸ μουσικόν συγκείμενον δὲ καὶ ὃ γίγνε-
 ται καὶ τὸ γιγνόμενον, ὅταν τὸν μὴ μουσικὸν ἄνθρωπον φῶ-
 5 μεν γίγνεσθαι μουσικόν ἄνθρωπον. τούτων δὲ τὸ μὲν οὐ μόνον
 λέγεται τότε γίγνεσθαι ἀλλὰ καὶ ἐκ τοῦδε, οἷον ἐκ μὴ
 μουσικοῦ μουσικός, τὸ δ' οὐ λέγεται ἐπὶ πάντων· οὐ γὰρ ἐξ
 ἀνθρώπου ἐγένετο μουσικός, ἀλλ' ἄνθρωπος ἐγένετο μουσικός.
 τῶν δὲ γιγνομένων ὡς τὰ ἀπλᾶ λέγομεν γίγνεσθαι, τὸ μὲν
 10 ὑπομένον γίγνεται τὸ δ' οὐχ ὑπομένον· ὁ μὲν γὰρ ἄνθρωπος
 ὑπομένει μουσικός γιγνόμενος ἄνθρωπος καὶ ἔστι, τὸ δὲ μὴ
 μουσικόν καὶ τὸ ἄμουσον οὔτε ἀπλῶς οὔτε συνθεθειμένον ὑπο-
 μένει. διωρισμένων δὲ τούτων, ἐξ ἀπάντων τῶν γιγνομένων τοῦτο
 ἔστι λαβεῖν, εἴαν τις ἐπιβλέψῃ ὡς περ λέγομεν, ὅτι δεῖ τι
 15 αἰεὶ ὑποκεῖσθαι τὸ γιγνόμενον, καὶ τοῦτο εἰ καὶ ἀριθμῶ ἔστιν
 ἓν, ἀλλ' εἶδει γε οὐχ ἓν· τὸ γὰρ εἶδει λέγω καὶ λόγῳ ταύ-
 τόν· οὐ γὰρ ταυτόν τὸ ἀνθρώπῳ καὶ τὸ ἀμούσῳ εἶναι. καὶ τὸ
 μὲν ὑπομένει, τὸ δ' οὐχ ὑπομένει· τὸ μὲν μὴ ἀντικείμενον
 ὑπομένει (ὁ γὰρ ἄνθρωπος ὑπομένει), τὸ μὴ μουσικόν δὲ καὶ τὸ
 20 ἄμουσον οὐχ ὑπομένει, οὐδὲ τὸ ἐξ ἀμφοῖν συγκείμενον, οἷον
 ὁ ἄμουσος ἄνθρωπος. τὸ δ' ἐκ τίνος γίγνεσθαι τι, καὶ μὴ τό-
 δε γίγνεσθαι τι, μάλλον μὲν λέγεται ἐπὶ τῶν μὴ ὑπομενόν-
 των, οἷον ἐξ ἀμούσου μουσικόν γίγνεσθαι, ἐξ ἀνθρώπου δὲ οὐ
 οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ ἐπὶ τῶν ὑπομενόντων ἐνίοτε λέγεται ὡσαύ-
 25 τως· ἐκ γὰρ χαλκοῦ ἀνδριάντα γίγνεσθαι φαμεν, οὐ τὸν
 χαλκὸν ἀνδριάντα. τὸ μέντοι ἐκ τοῦ ἀντικειμένου καὶ μὴ
 ὑπομένουτος ἀμφοτέρως λέγεται, καὶ ἐκ τοῦδε τότε καὶ
 τότε· καὶ γὰρ ἐξ ἀμούσου καὶ ὁ ἄμουσος γίγνεται μουσι-

coisa distinta vem a ser a partir de uma coisa distinta, ou enunciando os simples, ou enunciando os complexos. Digo isso do seguinte modo: há “homem vem a ser culto”, há “o não-culto vem a ser culto”, ou “o homem não-culto vem a ser homem culto”. Assim, denomino simples o *homem* e o *não-culto*, no caso daquilo que devém, assim como o *culto*, no caso daquilo que surge; por outro lado, quando dizemos que “o homem não-culto vem a ser homem culto”, denomino complexo tanto aquilo que surge como aquilo que devém.

[190a 5] Desses casos, num deles se diz não apenas “isto vir a ser”, mas também “a partir disto vir a ser”, por exemplo, “a partir do não-culto vem a ser culto”; mas isso não se diz em todos os casos: pois não “a partir de homem veio a ser culto”, mas sim “o homem veio a ser culto”. E entre os que devém tal como dizemos que os simples devém, um deles devém subsistindo, ao passo que o outro devém sem subsistir: pois o homem subsiste e é ao vir a ser homem culto, mas o não-culto – ou o inculto –, por sua vez, não subsiste, nem simplesmente, nem composto.

[190a 13] Uma vez distinguidos esses pontos, é possível apreender, a partir de absolutamente todas as coisas que vêm a ser, o seguinte (se alguém encará-las tal como afirmamos): é preciso, sempre, que algo esteja subjacente àquilo que vem a ser, e que aquilo [*sc.* que subjaz], mesmo se for um em número, não seja um pela forma (pois por “pela forma” quero dizer o mesmo que “pela definição”); pois não são idênticos o *ser para homem* e o *ser para inculto*. E um deles subsiste, ao passo que o outro não subsiste: aquilo que não é oposto subsiste (pois o homem subsiste), mas o não-culto ou inculto, por sua vez, não subsiste, nem subsiste o conjunto de ambos, isto é, o homem inculto.

[190a 21] E “a partir de algo vir a ser algo”, e não “isto vir a ser algo”, afirma-se sobretudo a respeito daquilo que não subsiste, por exemplo: afirma-se que “a partir de inculto vem a ser culto”, mas não “a partir de homem”. Não obstante, entretanto, até mesmo a respeito daquilo que subsiste afirma-se às vezes de maneira semelhante: pois dizemos às vezes que “a partir do bronze vem a ser estátua”, não que “o bronze vem a ser estátua”. Mas, seguramente, a partir do oposto que não subsiste, afirma-se de ambos os modos: tanto “a partir disto vem a ser isto” como “isto vem a ser isto”. Pois “a partir do inculto vem a ser culto”,

- 30 κός. διὸ καὶ ἐπὶ τοῦ συγκειμένου ὡσαύτως· καὶ γὰρ ἐξ ἀμού-
 σου ἀνθρώπου καὶ ὁ ἄμουσος ἄνθρωπος γίγνεσθαι λέγεται
 μουσικός. πολλαχῶς δὲ λεγομένου τοῦ γίγνεσθαι, καὶ τῶν μὲν
 οὐ γίγνεσθαι ἀλλὰ τόδε τι γίγνεσθαι, ἀπλῶς δὲ γίγνεσθαι
 τῶν οὐσιῶν μόνον, κατὰ μὲν τὰλλα φανερόν ὅτι ἀνάγκη
 35 ὑποκείσθαι τι τὸ γιγνόμενον (καὶ γὰρ ποσὸν καὶ ποιὸν καὶ
 πρὸς ἕτερον [καὶ ποτέ] καὶ πού γίγνεται ὑποκειμένου τινὸς διὰ
 τὸ μόνην τὴν οὐσίαν μηθενὸς κατ' ἄλλου λέγεσθαι ὑποκειμένου,
 190β I τὰ δ' ἄλλα πάντα κατὰ τῆς οὐσίας)· ὅτι δὲ καὶ αἱ οὐσίαι
 καὶ ὅσα [ἄλλα] ἀπλῶς ὄντα ἐξ ὑποκειμένου τινὸς γίγνεται,
 ἐπισκοποῦντι γένοιτο ἂν φανερόν. αἰεὶ γὰρ ἔστι ὃ ὑπόκειται,
 ἐξ οὗ τὸ γιγνόμενον, οἷον τὰ φυτὰ καὶ τὰ ζῶα ἐκ
 5 σπέρματος. γίγνεται δὲ τὰ γιγνόμενα ἀπλῶς τὰ μὲν με-
 τασηματίσει, οἷον ἀνδριάς, τὰ δὲ προσθέσει, οἷον τὰ
 αὐξανόμενα, τὰ δ' ἀφαιρέσει, οἷον ἐκ τοῦ λίθου ὁ Ἑρμῆς,
 τὰ δὲ συνθέσει, οἷον οἰκία, τὰ δ' ἀλλοιώσει, οἷον τὰ
 τρεπόμενα κατὰ τὴν ὕλην. πάντα δὲ τὰ οὕτω γιγνόμενα
 10 φανερόν ὅτι ἐξ ὑποκειμένων γίγνεται. ὥστε δηλὸν ἐκ τῶν εἰ-
 ρημένων ὅτι τὸ γιγνόμενον ἅπαν αἰεὶ συνθετόν ἐστι, καὶ ἔστι
 μὲν τι γιγνόμενον, ἔστι δὲ τι ὃ τοῦτο γίγνεται, καὶ τοῦτο διττόν·
 ἢ γὰρ τὸ ὑποκείμενον ἢ τὸ ἀντικείμενον. λέγω δὲ ἀντικεί-
 σθαι μὲν τὸ ἄμουσον, ὑποκείσθαι δὲ τὸν ἄνθρωπον, καὶ τὴν
 15 μὲν ἀσχημοσύνην καὶ τὴν ἀμορφίαν καὶ τὴν ἀταξίαν τὸ ἀν-
 τικείμενον, τὸν δὲ χαλκὸν ἢ τὸν λίθον ἢ τὸν χρυσὸν τὸ ὑπο-
 κείμενον. φανερόν οὖν ὡς, εἴπερ εἰσὶν αἰτίαι καὶ ἀρχαὶ τῶν
 φύσει ὄντων, ἐξ ὧν πρώτων εἰσὶ καὶ γεγόνασι μὴ κατὰ
 συμβεβηκὸς ἀλλ' ἕκαστον ὃ λέγεται κατὰ τὴν οὐσίαν, ὅτι
 20 γίγνεται πᾶν ἐκ τε τοῦ ὑποκειμένου καὶ τῆς μορφῆς· σύγ-
 κεται γὰρ ὁ μουσικὸς ἄνθρωπος ἐξ ἀνθρώπου καὶ μουσικοῦ
 τρόπου τινά· διαλύσεις γὰρ [τοὺς λόγους] εἰς τοὺς λόγους τοὺς

e “o inculto vem a ser culto”. Por isso, é da mesma maneira também a respeito do composto: pois se diz tanto “a partir de homem inculto” como também “o homem inculto vem a ser culto”.

[190a 31] Visto que o vir a ser se diz de muitas maneiras, e que de umas coisas não se diz vir a ser [*sc.* simplesmente sem mais], mas sim “algo vir a ser isto”, e que apenas as essências se dizem vir a ser simplesmente sem mais, é manifesto que, no caso dos demais entes, é necessário que algo esteja subjacente àquilo que vem a ser (pois vem a ser de tal tamanho, ou de tal qualidade, ou em relação a outro, ou em algum lugar, na medida em que algo está subjacente, porque apenas a essência não se afirma de nenhum outro subjacente, ao passo que todos os outros se afirmam da essência).

[190b 1] Por outro lado, aos que o investigam, torna-se manifesto que até mesmo as essências, bem como tudo aquilo que é simples, vêm a ser a partir de um subjacente. Pois sempre há aquilo que subjaz, a partir de que vem a ser aquilo que surge, tal como as plantas e animais vêm a ser a partir da semente. E as coisas que vêm a ser simplesmente sem mais vêm a ser umas por refiguração, tal como a estátua, outras por adição, tal como as que crescem, outras, por subtração, como o Hermes a partir da pedra, outras, por composição, como uma casa, outras, por alteração, como as que se revertem pela matéria. E é manifesto que todas as coisas que vêm a ser dessa maneira vêm a ser a partir de subjacentes. Por conseguinte, a partir do que foi dito, é evidente que tudo aquilo que vem a ser, sem exceção, é sempre composto, e que há, de um lado, algo que vem a ser [surge] e, de outro lado, algo que vem a ser isso, de dois modos: pois ou é o subjacente, ou o oposto. E quero dizer que o inculto é oposto, ao passo que o homem está subjacente, assim como chamo “oposto” a desorganização, a ausência de forma e a desordem, ao passo que, de “subjacente”, chamo o bronze, a pedra e o ouro.

[190b 17] Assim, visto que, dos entes que são por natureza, há causas e princípios a partir dos quais, como a partir de primeiros, são e vêm a ser, não segundo concomitância, mas sim, cada coisa respectivamente, aquilo que se dizem conforme a essência, é manifesto que tudo vem a ser a partir do subjacente e da forma; pois de certo modo o homem culto se constitui a partir de homem e culto: pois poderias

- ἐκείνων. δῆλον οὖν ὡς γίγναιτ' ἂν τὰ γιγνόμενα ἐκ τούτων. ἔστι
 δὲ τὸ μὲν ὑποκείμενον ἀριθμῶ μὲν ἓν, εἶδει δὲ δύο (ὁ μὲν γὰρ
 25 ἄνθρωπος καὶ ὁ χρουσὸς καὶ ὄλως ἢ ὕλη ἀριθμητῆ· τότε
 γὰρ τι μᾶλλον, καὶ οὐ κατὰ συμβεβηκὸς ἐξ αὐτοῦ γίγνεται
 τὸ γιγνόμενον· ἢ δὲ στέρησις καὶ ἢ ἐναντίωσις συμβεβηκός).
 ἐν δὲ τὸ εἶδος, οἷον ἢ τάξις ἢ ἢ μουσικὴ ἢ τῶν ἄλλων τι
 τῶν οὕτω κατηγορουμένων. διὸ ἔστι μὲν ὡς δύο λεκτέον εἶναι
 30 τὰς ἀρχάς, ἔστι δ' ὡς τρεῖς· καὶ ἔστι μὲν ὡς τὰναντία,
 οἷον εἴ τις λέγοι τὸ μουσικὸν καὶ τὸ ἄμμουσον ἢ τὸ θερμὸν καὶ
 τὸ ψυχρὸν ἢ τὸ ἤρμοσμένον καὶ τὸ ἀνάρμοστον, ἔστι δ' ὡς οὐ·
 ὑπ' ἀλλήλων γὰρ πάσχειν τὰναντία ἀδύνατον. λύεται δὲ
 καὶ τοῦτο διὰ τὸ ἄλλο εἶναι τὸ ὑποκείμενον· τοῦτο γὰρ οὐκ
 35 ἐναντίον. ὥστε οὔτε πλείους τῶν ἐναντίων αἱ ἀρχαὶ τρόπον τινά,
 ἀλλὰ δύο ὡς εἰπεῖν τῶ ἀριθμῶ, οὐτ' αὖ παντελῶς δύο διὰ
 191α I τὸ ἕτερον ὑπάρχειν τὸ εἶναι αὐτοῖς, ἀλλὰ τρεῖς· ἕτερον γὰρ
 τὸ ἀνθρώπῳ καὶ τὸ ἀμούσῳ εἶναι, καὶ τὸ ἀσχηματίστῳ
 καὶ χαλκῶ. πόσαι μὲν οὖν αἱ ἀρχαὶ τῶν περὶ γένεσιν φυ-
 σικῶν, καὶ πῶς ποσαί, εἴρηται· καὶ δῆλόν ἐστιν ὅτι δεῖ ὑπο-
 5 κείσθαι τι τοῖς ἐναντίοις καὶ τὰναντία δύο εἶναι. τρόπον δὲ
 τινα ἄλλον οὐκ ἀναγκαῖον· ἰκανὸν γὰρ ἔσται τὸ ἕτερον τῶν
 ἐναντίων ποιεῖν τῆ ἀπουσίᾳ καὶ παρουσίᾳ τὴν μεταβολήν. ἢ
 δὲ ὑποκειμένη φύσις ἐπιστητῆ κατ' ἀναλογίαν. ὡς γὰρ πρὸς
 ἀνδριάντα χαλκὸς ἢ πρὸς κλίνην ξύλον ἢ πρὸς τῶν ἄλλων
 10 τι τῶν ἐχόντων μορφήν [ἢ ὕλη καὶ] τὸ ἄμορφον ἔχει πρὶν
 λαβεῖν τὴν μορφήν, οὕτως αὕτη πρὸς οὐσίαν ἔχει καὶ τὸ
 τότε τι καὶ τὸ ὄν. μία μὲν οὖν ἀρχὴ αὕτη, οὐχ οὕτω μία
 οὐσα οὐδὲ οὕτως ὄν ὡς τὸ τότε τι, μία δὲ ἦς ὁ λόγος, ἔτι
 δὲ τὸ ἐναντίον τούτῳ, ἢ στέρησις. ταῦτα δὲ πῶς δύο καὶ πῶς

analisá-lo em suas definições. Assim, é evidente que as coisas que vêm a ser vêm a ser a partir deles [*sc.* forma e subjacente]. E o subjacente é um em número, mas, pela forma, é dois (pois o homem, o ouro e, em geral, a matéria, são contáveis: pois são, de preferência, *um certo isto*, e não é segundo concomitância que vem a ser a partir deles aquilo que vem a ser; mas a privação e a contrariedade são concomitantes); a forma, por sua vez, é uma, por exemplo, a ordem, a cultura ou algum dos demais que se denominam assim desse modo.

[190b 29] Por isso, de certo modo, deve-se dizer que os princípios são dois, mas, de outro modo, que são três e, de certo modo, deve-se dizer que são os contrários – por exemplo, se alguém afirmasse o culto e o inculto, o quente e o frio, o arranjado e o desarranjado –; no entanto, de outro modo, não se deve dizer assim: pois é impossível que os contrários sofram a ação um do outro. Mas também isso se resolve por ser o subjacente uma coisa distinta: pois ele não é um contrário. Por conseguinte, os princípios não são, de certo modo, nem em maior número que os contrários (mas são dois em número, por assim dizer), nem inteiramente, por sua vez, dois, mas sim três, porque pertence-lhes um ser distinto: pois são distintos o *ser para homem* e o *ser para inculto*, e o *ser para sem-figura* e o *ser para bronze*.

[191a 3] Está dito, portanto, quantos são os princípios dos entes naturais no que concerne ao vir a ser, e de que modo são tantos. E é evidente que é preciso que algo esteja subjacente aos contrários e que os contrários sejam dois. Entretanto, segundo um outro modo, não é necessário que os contrários sejam dois: pois um dos contrários há de ser suficiente para efetuar a mudança, pela sua presença e ausência.

[191a 7] E a natureza subjacente é cognoscível por analogia. Pois, assim como o bronze se tem para a estátua, ou como a madeira se tem para a cama, ou como a matéria e o informe, antes de assumir a forma, se tem para algum outro dos que possuem forma, do mesmo modo ela [*sc.* a natureza subjacente] se tem para a essência, para *um certo isto* e para o ente.

[191a 12] Assim, esta última [*sc.* a natureza subjacente] é um princípio – embora ela não seja ente nem seja uma da maneira como *um certo isto* o é –; outro princípio é aquilo de que é a definição e outro, enfim, é o contrário deste

- 15 πλείω, εἴρηται ἐν τοῖς ἄνω. πρῶτον μὲν οὖν ἐλέχθη ὅτι ἀρ-
 χαὶ τὰναντία μόνον, ὕστερον δ' ὅτι ἀνάγκη καὶ ἄλλο τι
 ὑποκεῖσθαι καὶ εἶναι τρία· ἐκ δὲ τῶν νῦν φανερὸν τίς ἢ
 διαφορά τῶν ἐναντίων, καὶ πῶς ἔχουσιν αἱ ἀρχαὶ πρὸς
 ἀλλήλας, καὶ τί τὸ ὑποκείμενον. πότερον δὲ οὐσία τὸ εἶδος
 20 ἢ τὸ ὑποκείμενον, οὕτω δῆλον. ἀλλ' ὅτι αἱ ἀρχαὶ τρεῖς
 καὶ πῶς τρεῖς, καὶ τίς ὁ τρόπος αὐτῶν, δῆλον. πόσαι μὲν
 οὖν καὶ τίνες εἰσὶν αἱ ἀρχαί, ἐκ τούτων θεωρεῖσθωσαν.
 8. Ὅτι δὲ μοναχῶς οὕτω λύεται καὶ ἡ τῶν ἀρχαίων
 ἀπορία, λέγωμεν μετὰ ταῦτα. ζητοῦντες γὰρ οἱ κατὰ φι-
 25 λοσοφίαν πρῶτοι τὴν ἀλήθειαν καὶ τὴν φύσιν τῶν ὄντων
 ἐξετράπησαν οἷον ὁδὸν τινα ἄλλην ἀπωσθέντες ὑπὸ ἀπει-
 ρίας, καὶ φασι οὐτε γίγνεσθαι τῶν ὄντων οὐδὲν οὔτε φθεῖρεσθαι
 διὰ τὸ ἀναγκαῖον μὲν εἶναι γίγνεσθαι τὸ γιγνόμενον ἢ ἐξ
 ὄντος ἢ ἐκ μὴ ὄντος, ἐκ δὲ τούτων ἀμφοτέρων ἀδύνατον
 30 εἶναι· οὕτε γὰρ τὸ ὄν γίγνεσθαι (εἶναι γὰρ ἡδὴ) ἐκ τε μὴ
 ὄντος οὐδὲν ἂν γενέσθαι· ὑποκεῖσθαι γὰρ τι δεῖν. καὶ οὕτω
 δὴ τὸ ἐφεξῆς συμβαῖνον αὔξοντες οὐδ' εἶναι πολλά φασι
 ἀλλὰ μόνον αὐτὸ τὸ ὄν. ἐκείνοι μὲν οὖν ταύτην ἔλαβον τὴν
 δόξαν διὰ τὰ εἰρημένα· ἡμεῖς δὲ λέγομεν ὅτι τὸ ἐξ ὄντος
 35 ἢ μὴ ὄντος γίγνεσθαι, ἢ τὸ μὴ ὄν ἢ τὸ ὄν ποιεῖν τι ἢ
 πάσχειν ἢ ὅτιοῦν τόδε γίγνεσθαι, ἓνα μὲν τρόπον οὐθὲν δια-
 191β I φέρει ἢ τὸ τὸν ἰατρὸν ποιεῖν τι ἢ πάσχειν ἢ ἐξ ἰατροῦ
 εἶναι τι ἢ γίγνεσθαι, ὥστ' ἐπειδὴ τοῦτο διχῶς λέγεται,
 δῆλον ὅτι καὶ τὸ ἐξ ὄντος καὶ τὸ ὄν ἢ ποιεῖν ἢ πά-
 σχειν. οἰκοδομεῖ μὲν οὖν ὁ ἰατρὸς οὐχ ἢ ἰατρὸς ἀλλ' ἢ
 5 οἰκοδόμος, καὶ λευκὸς γίγνεται οὐχ ἢ ἰατρὸς ἀλλ' ἢ μέλας·

último: a privação. Foi dito nos argumentos acima de que modo eles são dois e de que modo são mais numerosos que dois. Ora, primeiramente, fora dito que apenas os contrários são princípios, mas, posteriormente, foi dito ser necessário que algo distinto esteja subjacente e que os princípios sejam três; e a partir dos argumentos de agora, é manifesto qual é a diferença dos contrários, de que modo os princípios se comportam entre si, e o que é o subjacente. Mas se é a forma ou o subjacente que é essência, ainda não é claro. No entanto, está claro que os princípios são três, de que maneira são três, e qual é o modo deles. Portanto, a partir desses argumentos, esteja contemplado quantos e quais são os princípios.

Capítulo 8

[191a 23] Depois disso, afirmemos que exclusivamente deste modo se resolve inclusive o impasse dos antigos. Pois os primeiros na filosofia, buscando a verdade e a natureza dos entes, desencaminharam-se por assim dizer para uma outra via, compelidos pela inexperiência, e afirmaram que nenhum dos entes nem vem a ser nem se corrompe, porque, por um lado, é necessário que aquilo que devém venha a ser ou a partir de ente ou a partir de não ente, mas, por outro lado, é impossível que algo venha a ser a partir de qualquer uma dessas alternativas: pois nem o ente vem a ser (pois já é, afirmam), nem nada vem a ser a partir do não ente: pois é preciso que algo esteja subjacente. Pois bem: aumentando assim deste modo a decorrência que daí se segue, afirmaram que tampouco há uma pluralidade de coisas, mas apenas o próprio ente em si mesmo.

[191a 33] Assim, devido ao que foi mencionado, eles assumiram essa opinião; mas nós, de nossa parte, afirmamos que “a partir de ente vir a ser” ou “a partir de não ente vir a ser”, ou “o não ente, ou o ente, fazer ou padecer algo”, ou “qualquer coisa que seja vir a ser isto”, de certo modo não é diferente de “o médico fazer (ou padecer) algo”, ou “a partir de médico ser (ou vir a ser) algo”. Por conseguinte, uma vez que isto se diz de duas maneiras, é evidente que também se diz de duas maneiras “a partir de ente” e “o ente fazer ou padecer”. Ora, por um lado, o médico constrói casa não enquanto médico, mas enquanto construtor de casa, e vem a ser branco não enquanto médico, mas sim enquanto

- ιατρεύει δὲ καὶ ἀνίατρος γίγνεται ἢ ἱατρός. ἐπεὶ δὲ μάλιστα
 λέγομεν κυρίως τὸν ἱατρὸν ποιεῖν τι ἢ πάσχειν ἢ γίγνεσθαι
 ἐξ ἱατροῦ, ἐὰν ἢ ἱατρός ταῦτα πάσχη ἢ ποιῆ ἢ γίγηται,
 δηλόν ὅτι καὶ τὸ ἐκ μὴ ὄντος γίγνεσθαι τοῦτο σημαίνει, τὸ
 10 ἢ μὴ ὄν. ὅπερ ἐκεῖνοι μὲν οὐ διελόντες ἀπέστησαν, καὶ διὰ
 ταύτην τὴν ἄγνοιαν τοσοῦτον προσηγήθησαν, ὥστε μηθὲν οἶε-
 σθαι γίγνεσθαι μὴ εἶναι τῶν ἄλλων, ἀλλ' ἀνελεῖν πᾶσαν
 τὴν γένεσιν· ἡμεῖς δὲ καὶ αὐτοὶ φαμεν γίγνεσθαι μὲν μηθὲν
 ἀπλῶς ἐκ μὴ ὄντος, πῶς μέντοι γίγνεσθαι ἐκ μὴ ὄντος, οἶον
 15 κατὰ συμβεβηκός (ἐκ γὰρ τῆς στερήσεως, ὃ ἔστι καθ' αὐτὸ μὴ
 ὄν, οὐκ ἐνυπάρχοντος γίγνεται τι· θαυμάζεται δὲ τοῦτο καὶ
 ἀδύνατον οὕτω δοκεῖ γίγνεσθαι τι, ἐκ μὴ ὄντος)· ὡσαύτως δὲ
 οὐδ' ἐξ ὄντος οὐδὲ τὸ ὄν γίγνεσθαι, πλην κατὰ συμβεβηκός· οὕτω
 δὲ καὶ τοῦτο γίγνεσθαι, τὸν αὐτὸν τρόπον οἶον εἰ ἐκ ζώου ζῶον
 20 γίγνοιτο καὶ ἐκ τινός ζώου τι ζῶον· οἶον εἰ κύων
 ἐξ ἵππου γίγνοιτο. γίγνοιτο μὲν γὰρ ἂν οὐ μόνον ἐκ τι-
 νός ζώου ὁ κύων, ἀλλὰ καὶ ἐκ ζώου, ἀλλ' οὐχ ἢ ζῶον· ὑπ-
 ἄρχει γὰρ ἤδη τοῦτο· εἰ δέ τι μέλλει γίγνεσθαι ζῶον μὴ
 κατὰ συμβεβηκός, οὐκ ἐκ ζώου ἔσται, καὶ εἴ τι ὄν, οὐκ ἐξ
 25 ὄντος· οὐδ' ἐκ μὴ ὄντος· τὸ γὰρ ἐκ μὴ ὄντος εἴρηται ἡμῖν
 τί σημαίνει, ὅτι ἢ μὴ ὄν. ἔτι δὲ καὶ τὸ εἶναι ἅπαν ἢ
 μὴ εἶναι οὐκ ἀναιροῦμεν. εἷς μὲν δὴ τρόπος οὗτος, ἄλλος δ'
 ὅτι ἐνδέχεται ταῦτά λέγειν κατὰ τὴν δύναμιν καὶ τὴν ἐνέρ-
 γειαν· τοῦτο δ' ἐν ἄλλοις διώρισται δι' ἀκριβείας μάλλον.
 30 ὡσθ' (ὅπερ ἐλέγομεν) αἱ ἀπορίαι λύονται δι' ἃς ἀναγκα-
 ζόμενοι ἀναιροῦσι τῶν εἰρημένων ἔνια· διὰ γὰρ τοῦτο τοσοῦτον
 καὶ οἱ πρότερον ἐξετράπησαν τῆς ὁδοῦ τῆς ἐπὶ τὴν γένεσιν

negro: por outro lado, é enquanto médico que ele medica e vem a ser não-médico. Uma vez que afirmamos de maneira apropriada que “o médico faz (ou padece) algo”, ou “a partir de médico vem a ser algo”, sobretudo nos casos em que é enquanto médico que ele faz, padece ou vem a ser tais coisas, é evidente que também “a partir de não ente vir a ser” significa isto: “[vir a ser a partir de não ente] enquanto não ente”. Foi precisamente por não terem distinguido isso que eles se desviaram, e devido a esse desconhecimento, enganaram-se a respeito de algo ainda maior, de modo a julgar que nada vem a ser e que nenhum dos outros é, e suprimiram todo o vir a ser. De nossa parte, nós também afirmamos que nada vem a ser simplesmente sem mais a partir de não ente; entretanto, afirmamos que de uma certa maneira vem a ser a partir de não ente, a saber, segundo concomitância (pois a partir da privação, que é por si mesma não ente, e que não está inerente [*sc.* no resultado], vem a ser algo; e isso causa espanto, e reputa-se impossível algo vir a ser assim, a partir de não ente); de modo semelhante, tampouco o ente vem a ser a partir de ente, a não ser segundo concomitância; e é assim desta maneira que também isso vem a ser: do mesmo modo tal como se animal viesse a ser a partir de animal e algum animal a partir de algum animal, por exemplo, se um cão viesse a ser a partir de cavalo. Pois, neste caso, o cão viria a ser não apenas a partir de algum animal, mas também a partir de animal, embora não enquanto animal: pois isto [*sc.* animal] já lhe pertenceria. No entanto, se algo devesse vir a ser animal não segundo concomitância, não poderia vir a ser a partir de animal e, se algo devesse vir a ser ente não segundo concomitância, não poderia vir a ser a partir de ente, tampouco a partir de não ente; pois foi dito por nós o que significa “a partir de não ente”, a saber, “enquanto não ente”. Além disso, não suprimimos [o princípio] “tudo, sem exceção, é ou não é”.

[191b 27] Com efeito, um modo de resolução é este, mas outro é que cabe enunciar as mesmas coisas segundo a potência ou segundo a efetividade; e isso encontra-se delimitado com maior precisão alhures. Por conseguinte (e isto é o que precisamente dizíamos), resolvem-se os impasses pelos quais foram contrangidos a suprimir alguns dos pontos mencionados; pois foi por isso que inclusive os de antigamente desviaram-se tanto do caminho concernente a vir a

καὶ φθορὰν καὶ ὄλως μεταβολήν· αὕτη γὰρ ἂν ὀφθεῖσα ἢ φύσις ἅπασαν ἔλυσεν αὐτῶν τὴν ἄγνοϊαν.

- 35 9. Ἡμμένοι μὲν οὖν καὶ ἕτεροὶ τινές εἰσιν αὐτῆς, ἀλλ' οὐκ
 192a I ἱκανῶς. πρῶτον μὲν γὰρ ὁμολογοῦσιν ἀπλῶς γίγνεσθαι τι ἐκ μὴ
 ὄντος, ἢ Παρμενίδην ὀρθῶς λέγειν· εἶτα φαίνεται αὐτοῖς,
 εἶπερ ἔστιν ἀριθμῶ μία, καὶ δυνάμει μία μόνον εἶναι. τοῦτο
 δὲ διαφέρει πλείστον. ἡμεῖς μὲν γὰρ ὕλην καὶ στέρησιν ἕτε-
 5 ρόν φαμεν εἶναι, καὶ τούτων τὸ μὲν οὐκ ὄν εἶναι κατὰ συμ-
 βεβηκός, τὴν ὕλην, τὴν δὲ στέρησιν καθ' αὐτήν, καὶ τὴν
 μὲν ἐγγὺς καὶ οὐσίαν πως, τὴν ὕλην, τὴν δὲ οὐδαμῶς· οἷ
 δὲ τὸ μὴ ὄν τὸ μέγα καὶ τὸ μικρὸν ὁμοίως, ἢ τὸ συναμ-
 φότερον ἢ τὸ χωρὶς ἐκάτερον. ὥστε παντελῶς ἕτερος ὁ τρό-
 10 ῖος οὗτος τῆς τριάδος ἀκεῖνος. μέχρι μὲν γὰρ δεῦρο προ-
 ἦλθον, ὅτι δεῖ τινὰ ὑποκεῖσθαι φύσιν, ταύτην μέντοι μίαν
 ποιοῦσιν· καὶ γὰρ εἴ τις δυάδα ποιεῖ, λέγων μέγα καὶ μι-
 κρὸν αὐτήν, οὐθὲν ἦπτον ταῦτ' οἰεῖ· τὴν γὰρ ἑτέραν παρεῖδεν.
 ἢ μὲν γὰρ ὑπομένουσα συναιτία τῇ μορφῇ τῶν γιγνομένων
 ἔστιν, ὥσπερ μήτηρ· ἢ δ' ἑτέρα μοῖρα τῆς ἐναντιώσεως πολ-
 15 λάκις ἂν φαντασθεῖη τῷ πρὸς τὸ κακοποιὸν αὐτῆς ἀτενί-
 ζοντι τὴν διάνοϊαν οὐδ' εἶναι τὸ παράπαν. ὄντος γὰρ τινος
 θεοῦ καὶ ἀγαθοῦ καὶ ἐφετοῦ, τὸ μὲν ἐναντίον αὐτῷ φαμεν
 εἶναι, τὸ δὲ ὃ πέφυκεν ἐφίεσθαι καὶ ὀρέγεσθαι αὐτοῦ κατὰ
 20 τὴν αὐτοῦ φύσιν. τοῖς δὲ συμβαίνει τὸ ἐναντίον ὀρέγεσθαι
 τῆς αὐτοῦ φθορᾶς. καίτοι οὔτε αὐτὸ αὐτοῦ οἶόν τε ἐφίεσθαι
 τὸ εἶδος διὰ τὸ μὴ εἶναι ἐνδεές, οὔτε τὸ ἐναντίον (φθαρτικὰ
 γὰρ ἀλλήλων τὰ ἐναντία), ἀλλὰ τοῦτ' ἔστιν ἡ ὕλη, ὥσπερ
 ἂν εἰ θῆλυ ἄρρενος καὶ αἰσχροῦ καλοῦ· πλὴν οὐ καθ' αὐτὸ
 αἰσchrόν, ἀλλὰ κατὰ συμβεβηκός, οὐδὲ θῆλυ, ἀλλὰ κατὰ

ser, corrupção e, em geral, mudança; pois a própria natureza, se tivesse sido observada, teria dissolvido inteiramente o desconhecimento deles.

Capítulo 9

[191b 35] Também alguns outros chegaram a alcançar essa natureza, mas não de maneira suficiente. Pois, em primeiro lugar, consentem que algo vem a ser simplesmente sem mais a partir do não ente, por onde concordam que Parmênides se pronuncia corretamente. Em seguida, manifesta-se-lhes que, se essa natureza é precisamente uma em número, ela é uma só também em potência. E isso faz uma enorme diferença. Pois nós, de nossa parte, afirmamos que matéria e privação são distintas entre si, e que uma delas, a matéria, é não ente segundo concomitância, ao passo que a privação é em si mesma não ente, e que uma delas – a matéria – é mais próxima à essência e é de certo modo essência, ao passo que a outra de modo algum é essência; no entanto, eles afirmam que o grande e o pequeno são semelhantemente não ente, ou o par de ambos, ou cada um à parte. Conseqüentemente, o modo dessa tríade é inteiramente distinto daquele outro modo (pois chegaram até este ponto, a saber: que é preciso que alguma natureza esteja subjacente e, de fato, fazem-na uma única; pois mesmo se alguém aduz a diáda, afirmando que ela é o grande e o pequeno, não menos faz a mesma coisa: pois despreza um dos dois princípios). Pois a natureza que subsiste é causa auxiliar, junto à forma, daquilo que vem a ser (tal como matriz) e, por outro lado, com respeito à outra parte da contrariedade, muitas vezes é plausível que, para quem concentra o pensamento no seu fator maleficiente, nem sequer se afigure que ela exista inteiramente. Pois, havendo algo divino, bom e desejável, afirmamos que um dos princípios lhe é contrário, ao passo que o outro é aquilo que, segundo sua própria natureza, o deseja e a ele aspira. E sucede-lhes desejar o contrário de sua própria corrupção. E certamente não é possível nem que a forma deseje a si mesma – por não ser carente –, nem que o contrário a deseje (pois os contrários são corruptivos uns dos outros), mas o que deseja a forma é a matéria, tal como se ela fosse fêmea a desejar o macho ou feio a desejar o belo: embora ela não seja feia em si mesma, mas sim segundo concomitância, nem fêmea em si mesma, mas sim segundo concomitância.

- 25 συμβεβηκός. φθείρεται δὲ καὶ γίγνεται ἔστι μὲν ὡς, ἔστι δ' ὡς οὐ. ὡς μὲν γὰρ τὸ ἐν ᾧ, καθ' αὐτὸ φθείρεται (τὸ γὰρ φθειρόμενον ἐν τούτῳ ἐστίν, ἢ στέρησις). ὡς δὲ κατὰ δύναμιν, οὐ καθ' αὐτό, ἀλλ' ἀφθαρτον καὶ ἀγέννητον ἀνάγκη αὐτὴν εἶναι. εἴτε γὰρ ἐγίγνετο, ὑποκεισθαί τι δεῖ πρῶτον ἐξ
- 30 οὐ ἐνυπάρχοντος· τοῦτο δ' ἐστὶν αὐτὴ ἢ φύσις, ὥστ' ἔσται πρὶν γενέσθαι (λέγω γὰρ ὕλην τὸ πρῶτον ὑποκείμενον ἐκάστῳ, ἐξ οὗ γίγνεται τι ἐνυπάρχοντος μὴ κατὰ συμβεβηκός). εἴτε φθείρεται, εἰς τοῦτο ἀφίξεται ἔσχατον, ὥστε ἐφθαρμένη ἔσται πρὶν φθαρῆναι. περὶ δὲ τῆς κατὰ τὸ εἶδος ἀρχῆς, πότερον
- 35 μία ἢ πολλαὶ καὶ τίς ἢ τίνες εἰσίν, δι' ἀκριβείας τῆς πρώτης φιλοσοφίας ἔργον ἐστὶν διορίσαι, ὥστ' εἰς ἐκεῖνον τὸν και-
- 192β I ρὸν ἀποκείσθω. περὶ δὲ τῶν φυσικῶν καὶ φθαρτῶν εἰδῶν ἐν τοῖς ὕστερον δεικνυμένοις ἐροῦμεν. ὅτι μὲν οὖν εἰσὶν ἀρχαί, καὶ τίνες, καὶ πόσαι τὸν ἀριθμὸν, διορίσθω ἡμῖν οὕτως· πάλιν δ' ἄλλην ἀρχὴν ἀρξάμενοι λέγωμεν.

[192a 25] De certo modo, é possível que [*sc.* essa natureza] se corrompa e venha a ser, mas, de outro modo, não. Pois, enquanto ela é aquilo *em que* [*sc.* está a forma], em si mesma é suscetível de corrupção (pois aquilo que se corrompe, a privação, está nisso); no entanto, conforme a potência, não é suscetível de corrupção em si mesma, pelo contrário, é necessário que ela seja incorruptível e ingenerável. Pois, se ela viesse a ser, seria preciso que algo, a partir de que se constituísse, como elemento imanente, lhe estivesse subjacente em primeiro lugar; mas isso seria a própria natureza, de modo que ela haveria de ser antes de vir a ser (pois denomino matéria aquilo que primeiramente está subjacente a cada coisa, a partir de que, como elemento imanente, vem a ser algo não segundo concomitância); por outro lado, se ela se corrompesse, haveria de chegar nesse extremo, de modo que haveria de estar corrompida antes de se ter corrompido.

[192a 34] A respeito do princípio segundo a forma, delimitar com precisão se ele é um só ou muitos, e qual ou quais são eles, é tarefa da filosofia primeira; por conseguinte, reserve-se tais problemas para tal oportunidade. A respeito das formas naturais e corruptíveis, falaremos no que se expõe a seguir.

[192b 2] Portanto, que há princípios, e quais, e quantos em número, esteja por nós delimitado desta maneira; mas, começando por um outro princípio, pronunciemo-nos novamente.

ΦΥΣΙΚΗΣ ΑΚΡΟΑΣΕΩΣ Β

- 192β 8 1. Τῶν ὄντων τὰ μὲν ἐστὶ φύσει, τὰ δὲ δι' ἄλλας αἰ-
τίας, φύσει μὲν τὰ τε ζῶα καὶ τὰ μέρη αὐτῶν καὶ τὰ
10 φυτὰ καὶ τὰ ἀπλᾶ τῶν σωμάτων, οἶον γῆ καὶ πῦρ καὶ
ἀήρ καὶ ὕδωρ (ταῦτα γὰρ εἶναι καὶ τὰ τοιαῦτα φύσει
φαμέν), πάντα δὲ ταῦτα φαίνεται διαφέροντα πρὸς τὰ
μὴ φύσει συνεστῶτα. τούτων μὲν γὰρ ἕκαστον ἐν ἑαυτῷ
ἀρχὴν ἔχει κινήσεως καὶ στάσεως, τὰ μὲν κατὰ τόπον,
15 τὰ δὲ κατ' αὐξήσιν καὶ φθίσιν, τὰ δὲ κατ' ἀλλοίωσιν·
κλίνη δὲ καὶ ἰμάτιον, καὶ εἴ τι τοιοῦτον ἄλλο γένος
ἐστίν, ἣ μὲν τετύχηκε τῆς κατηγορίας ἐκάστης καὶ
καθ' ὅσον ἐστὶν ἀπὸ τέχνης, οὐδεμίαν ὁρμὴν ἔχει μετα-
βολῆς ἔμφυτον, ἣ δὲ συμβέβηκεν αὐτοῖς εἶναι λιθίνοις ἢ
20 γηϊνοῖς ἢ μικτοῖς ἐκ τούτων, ἔχει, καὶ κατὰ τοσοῦτον, ὡς
οὔσης τῆς φύσεως ἀρχῆς τινὸς καὶ αἰτίας τοῦ κινεῖσθαι καὶ
ἡρεμεῖν ἐν ᾧ ὑπάρχει πρῶτως καθ' αὐτὸ καὶ μὴ κατὰ
συμβεβηκός (λέγω δὲ τὸ μὴ κατὰ συμβεβηκός, ὅτι γέ-
νοιτ' ἂν αὐτὸς αὐτῷ τις αἴτιος ὑγιείας ὡν ἰατρός· ἀλλ'
25 ὅμως οὐ καθὼ ὑγιάζεται τὴν ἰατρικὴν ἔχει, ἀλλὰ συμβέ-
βηκεν τὸν αὐτὸν ἰατρὸν εἶναι καὶ ὑγιαζόμενον· διὸ καὶ χωρί-
ζεται ποτ' ἀπ' ἀλλήλων). ὁμοίως δὲ καὶ τῶν ἄλλων ἕκα-
στον τῶν ποιουμένων· οὐδὲν γὰρ αὐτῶν ἔχει τὴν ἀρχὴν ἐν ἑαυ-
τῷ τῆς ποιήσεως, ἀλλὰ τὰ μὲν ἐν ἄλλοις καὶ ἔξωθεν, οἶον
30 οἰκία καὶ τῶν ἄλλων τῶν χειροκμητῶν ἕκαστον, τὰ δ' ἐν
αὐτοῖς μὲν ἀλλ' οὐ καθ' αὐτά, ὅσα κατὰ συμβεβηκός αἰ-

FÍSICA de Aristóteles

Livro II

Capítulo 1

[192b 8] Entre os entes, uns são por natureza, ao passo que outros são por outras causas; por natureza, seguramente, são os animais e as partes deles, bem como as plantas e os corpos simples, isto é, terra, fogo, ar e água (pois dizemos que essas e tais coisas são por natureza), e todos eles manifestam-se diferentes em comparação com os que não se constituem por natureza. Pois cada um deles tem em si mesmo princípio de movimento e repouso – uns, segundo o lugar, outros, segundo crescimento e definhamento, ao passo que outros, segundo alteração –; no entanto, cama e veste, por sua vez; e qualquer outro gênero de tal tipo, na medida precisamente em que comportam a respectiva designação e enquanto são a partir da técnica, não têm nenhum impulso inato para a mudança, mas, enquanto lhes sucede ser de pedra, de terra ou misturados a partir desses elementos, eles o têm, e nesta exata medida – pois a natureza é um certo princípio e causa pelo qual aquilo em que primeiramente se encontra move-se ou repousa por si mesmo e não segundo concomitância; digo “não segundo concomitância”, porque alguém, por ser médico, poderia se tornar ele mesmo causa de sua própria saúde; mas, não obstante, não é por se curar que ele tem a arte medicinal, mas sucede que o mesmo é concomitantemente médico e quem se cura; por isso, inclusive, às vezes eles estão separados um do outro. Semelhantemente, também cada uma das coisas que são produzidas: pois nenhuma delas tem em si mesma o princípio da produção, mas algumas o têm em outras coisas e a partir de fora, por exemplo, casa e cada um dos outros manufaturados, ao passo que outras – todas aquelas que poderiam vir a ser segundo concomitância

- τια γένοιτ' ἂν αὐτοῖς. φύσις μὲν οὖν ἐστὶ τὸ ῥηθέν· φύσιν δὲ
 ἔχει ὅσα τοιαύτην ἔχει ἀρχήν. καὶ ἔστιν πάντα ταῦτα οὐσία·
 ὑποκειμένον γὰρ τι, καὶ ἐν ὑποκειμένῳ ἐστὶν ἡ φύσις αἰεὶ.
- 35 κατὰ φύσιν δὲ ταῦτά τε καὶ ὅσα τούτοις ὑπάρχει καθ'
 αὐτά, οἷον τῷ πυρὶ φέρεσθαι ἄνω· τοῦτο γὰρ φύσις μὲν οὐκ
 193α I ἔστιν οὐδ' ἔχει φύσιν, φύσει δὲ καὶ κατὰ φύσιν ἐστίν. τί μὲν
 οὖν ἐστὶν ἡ φύσις, εἴρηται, καὶ τί τὸ φύσει καὶ κατὰ φύσιν.
 ὡς δ' ἔστιν ἡ φύσις, πειρᾶσθαι δεικνύναι γελοῖον· φανερόν
 γὰρ ὅτι τοιαῦτα τῶν ὄντων ἐστὶν πολλά. τὸ δὲ δεικνύναι τὰ
 5 φανερά διὰ τῶν ἀφανῶν οὐ δυναμένου κρίνειν ἐστὶ τὸ δι' αὐτὸ
 καὶ μὴ δι' αὐτὸ γινώριμον (ὅτι δ' ἐνδέχεται τοῦτο πάσχειν, οὐκ
 ἄδηλον· συλλογίσαιτο γὰρ ἂν τις ἐκ γενετῆς ὡν τυφλὸς
 περὶ χρωμάτων), ὥστε ἀνάγκη τοῖς τοιοῦτοις περὶ τῶν ὀνομά-
 των εἶναι τὸν λόγον, νοεῖν δὲ μηδέν. δοκεῖ δ' ἡ φύσις καὶ ἡ
 10 οὐσία τῶν φύσει ὄντων ἐνίοις εἶναι τὸ πρῶτον ἐνυπάρχον ἐκά-
 στῳ, ἀρρύθμιστον <ὄν> καθ' ἑαυτό, οἷον κλίνης φύσις τὸ ξύλον,
 ἀνδριάντος δ' ὁ χαλκός. σημεῖον δὲ φησὶν Ἀντιφῶν ὅτι, εἴ
 τις κατορύξειε κλίνην καὶ λάβοι δύναμιν ἢ σηπεδῶν ὥστε
 ἀνεῖναι βλαστόν, οὐκ ἂν γενέσθαι κλίνην ἀλλὰ ξύλον, ὡς τὸ
 15 μὲν κατὰ συμβεβηκὸς ὑπάρχον, τὴν κατὰ νόμον διάθεσιν
 καὶ τὴν τέχνην, τὴν δ' οὐσίαν οὖσαν ἐκείνην ἢ καὶ διαμένει
 ταῦτα πάσχουσα συνεχῶς. εἰ δὲ καὶ τούτων ἕκαστον πρὸς ἕτε-
 ρόν τι ταῦτὸ τοῦτο πέπονθεν (οἷον ὁ μὲν χαλκὸς καὶ ὁ χρυσὸς
 πρὸς ὕδωρ, τὰ δ' ὄστᾶ καὶ ξύλα πρὸς γῆν, ὁμοίως δὲ καὶ
 20 τῶν ἄλλων ὀτιοῦν), ἐκεῖνο τὴν φύσιν εἶναι καὶ τὴν οὐσίαν αὐ-
 τῶν. διόπερ οἱ μὲν πῦρ, οἱ δὲ γῆν, οἱ δ' ἀέρα φασίν, οἱ δὲ
 ὕδωρ, οἱ δ' ἔνια τούτων, οἱ δὲ πάντα ταῦτα τὴν φύσιν εἶ-
 ναι τὴν τῶν ὄντων. ὁ γὰρ τις αὐτῶν ὑπέλαβε τοιοῦτον, εἴτε

causa para si mesmas – o têm, de fato, em si mesmas, mas não enquanto são tomadas conforme elas mesmas.

[192b 32] Natureza, assim, é isso que foi dito; por sua vez, tem natureza tudo quanto tem um tal princípio. E todas essas coisas são essência: pois são um subjacente, e a natureza reside sempre no subjacente. E são conforme à natureza tais coisas e tudo aquilo que lhes pertence devido a elas mesmas – por exemplo, para o fogo, locomover-se para o alto: pois isso não é natureza, nem tem natureza, mas é por natureza e conforme à natureza.

[193a 1] Está dito, portanto, o que é a natureza e o que é “por natureza” e “conforme à natureza”; por outro lado, seria ridículo tentar mostrar que a natureza existe: pois é manifesto que, entre os entes, há muitos assim desse tipo. E mostrar as coisas manifestas através das não-manifestas é próprio de alguém incapaz de discernir entre aquilo que é cognoscível através de si mesmo e aquilo que é cognoscível não através de si mesmo (e não é desprovido de evidência que é possível padecer disso: pois alguém, sendo cego de nascença, poderia raciocinar a respeito de cores); por conseguinte, é necessário que tais adversários nada pensem, e que o argumento deles seja concernente às palavras.

[193a 9] Alguns reputam que a natureza e a essência dos entes naturais seria aquilo que, desarranjado em si mesmo, é primeiramente inerente a cada um, por exemplo, de uma cama, seria natureza a madeira e, de estátua, o bronze. E como sinal disso Antifonte afirma que, se alguém enterrasse uma cama e se a podridão adquirisse poder de lançar um broto, não surgiria cama, mas sim madeira, como se, por um lado, estivesse presente segundo concomitância a técnica e a disposição conforme à regra e, por outro lado, a essência fosse aquela que de fato permanece continuamente ao suportar tais modificações. E se também cada um desses padece isso mesmo em relação a algo diverso (por exemplo: o bronze e o ouro em relação à água, os ossos e a lenha em relação à terra, e semelhantemente também qualquer uma das outras coisas), afirma que este último é a natureza e a essência deles. Por isso, precisamente, uns afirmam que a natureza dos entes é fogo, outros afirmam que é terra, outros, que é ar, outros, que é água, outros, alguns desses elementos e outros, enfim, todos eles. Pois aquilo que um deles julga ser de tal tipo (seja um só, seja mais de um), eis o que

- ἐν εἴτε πλείω, τοῦτο καὶ τοσαῦτά φησιν εἶναι τὴν ἅπασαν
 25 οὐσίαν, τὰ δὲ ἄλλα πάντα πάθη τούτων καὶ ἕξεις καὶ δια-
 θέσεις, καὶ τούτων μὲν ὁτιοῦν αἰδῖον (οὐ γὰρ εἶναι μετα-
 βολὴν αὐτοῖς ἐξ αὐτῶν), τὰ δ' ἄλλα γίνεσθαι καὶ φθεί-
 ρεσθαι ἀπειράκις. ἓνα μὲν οὖν τρόπον οὕτως ἡ φύσις λέγεται,
 ἢ πρώτη ἐκάστω ὑποκειμένη ὕλη τῶν ἐχόντων ἐν αὐτοῖς ἀρ-
 30 χὴν κινήσεως καὶ μεταβολῆς, ἄλλον δὲ τρόπον ἢ μορφὴν
 καὶ τὸ εἶδος τὸ κατὰ τὸν λόγον. ὥσπερ γὰρ τέχνη λέγεται
 τὸ κατὰ τέχνην καὶ τὸ τεχνικόν, οὕτω καὶ φύσις τὸ κατὰ
 φύσιν [λέγεται] καὶ τὸ φυσικόν, οὔτε δὲ ἐκεῖ πω φαίμεν ἂν
 ἔχειν κατὰ τὴν τέχνην οὐδέν, εἰ δυνάμει μόνον ἐστὶ κλίνη, μὴ
 35 πω δ' ἔχει τὸ εἶδος τῆς κλίνης, οὐδ' εἶναι τέχνην, οὔτ' ἐν
 τοῖς φύσει συνισταμένοις· τὸ γὰρ δυνάμει σὰρξ ἢ ὄστουν οὔτ'
 193β I ἔχει πω τὴν ἑαυτοῦ φύσιν, πρὶν ἂν λάβῃ τὸ εἶδος τὸ κατὰ
 τὸν λόγον, ᾧ ὀριζόμενοι λέγομεν τί ἐστὶ σὰρξ ἢ ὄστουν, οὔτε
 φύσει ἐστίν. ὥστε ἄλλον τρόπον ἢ φύσις ἂν εἴη τῶν ἐχόντων
 ἐν αὐτοῖς κινήσεως ἀρχὴν ἢ μορφὴν καὶ τὸ εἶδος, οὐ χωρι-
 5 στὸν ὃν ἀλλ' ἢ κατὰ τὸν λόγον. (τὸ δ' ἐκ τούτων φύσις μὲν
 οὐκ ἔστιν, φύσει δέ, οἷον ἄνθρωπος.) καὶ μᾶλλον αὕτη φύσις
 τῆς ὕλης· ἕκαστον γὰρ τότε λέγεται ὅταν ἐντελεχθεῖ ἢ,
 μᾶλλον ἢ ὅταν δυνάμει. ἔτι γίνεται ἄνθρωπος ἐξ ἀνθρώπου,
 ἀλλ' οὐ κλίνη ἐκ κλίνης· διὸ καὶ φασιν οὐ τὸ σχῆμα εἶναι
 10 τὴν φύσιν ἀλλὰ τὸ ξύλον, ὅτι γένοιτ' ἂν, εἰ βλαστάνοι, οὐ
 κλίνη ἀλλὰ ξύλον. εἰ δ' ἄρα τοῦτο φύσις, καὶ ἡ μορφὴ
 φύσις· γίνεται γὰρ ἐξ ἀνθρώπου ἄνθρωπος. ἔτι δ' ἡ φύσις
 ἢ λεγομένη ὡς γένεσις ὁδὸς ἐστὶν εἰς φύσιν. οὐ γὰρ ὥσπερ
 ἢ ἰατρούσις λέγεται οὐκ εἰς ἰατρικὴν ὁδὸς ἀλλ' εἰς ὑγίειαν·
 15 ἀνάγκη μὲν γὰρ ἀπὸ ἰατρικῆς οὐκ εἰς ἰατρικὴν εἶναι τὴν ἰά-

afirma ser (em tal quantidade) a essência inteira, ao passo que todas as demais coisas seriam modificações ou propriedades ou disposições daquilo; e afirmam que, entre esses elementos, um qualquer seria eterno (pois afirmam não haver possibilidade de mudança para eles a partir deles mesmos), ao passo que as demais coisas viriam a ser e se corromperiam ilimitadas vezes.

[193a 28] Portanto, de uma certa maneira, a natureza se denomina assim: a primeira matéria que subjaz a cada um dos que possuem em si mesmos princípio de movimento e mudança; no entanto, de outra maneira, denomina-se natureza a configuração e a forma segundo a definição; pois, assim como denomina-se “técnica” aquilo que é conforme à técnica e o artificial, do mesmo modo também denomina-se “natureza” aquilo que é natural e conforme à natureza. E naquele caso, quando algo é cama apenas em potência, mas ainda não tem a forma da cama, ainda não dizemos que se tem conforme à técnica, nem que há técnica, tampouco no caso dos que se constituem por natureza: pois a carne ou o osso em potência não têm ainda sua natureza própria, nem são por natureza, antes de assumir a forma, a que é conforme o enunciado pelo qual dizemos, ao defini-los, o *quê é carne* ou osso.

[193b 3] Por conseguinte, de outra maneira, a natureza dos que possuem em si mesmos princípio de movimento é a configuração e a forma, que não é separável a não ser conforme a definição (o composto de ambos, por sua vez, não é natureza, mas sim por natureza – por exemplo, homem).

[193b 6] E esta é natureza mais do que a matéria: pois cada coisa se denomina quando é em efetividade, mais do que quando é em potência.

[193b 8] Além disso, um homem vem a ser a partir de um homem, mas uma cama não vem a ser a partir de uma cama: por isso, inclusive, dizem que a natureza não é a figura, mas sim a madeira, porque, se algo brotasse, surgiria não uma cama, mas sim madeira. Ora, ora, mas se natureza é isso, também a forma é natureza, pois é a partir de homem que vem a ser homem.

[193b 12] Além disso, a natureza que se afirma como vir a ser é processo em direção à natureza. Pois não é como a cura, que se afirma ser processo não em direção à arte curativa, mas sim em direção à saúde – pois é necessário que a cura seja a partir da arte curativa, mas não em direção à arte curativa, ao passo

τρευσιν, οὐχ οὕτω δ' ἡ φύσις ἔχει πρὸς τὴν φύσιν, ἀλλὰ τὸ
 φύομενον ἐκ τινὸς εἰς τι ἔρχεται ἢ φύεται. τί οὖν φύε-
 ται; οὐχὶ ἐξ οὗ, ἀλλ' εἰς ὅ. ἢ ἄρα μορφή φύσις. ἡ δὲ
 μορφή καὶ ἡ φύσις διχῶς λέγεται· καὶ γὰρ ἡ στέρησις εἰ-
 20 δός πῶς ἐστίν. εἰ δ' ἐστίν στέρησις καὶ ἐναντίον τι περὶ τὴν
 ἀπλήν γένεσιν ἢ μὴ ἐστίν, ὕστερον ἐπισκεπτέον.

2. Ἐπεὶ δὲ διώρισται ποσαχῶς ἡ φύσις, μετὰ τοῦτο
 θεωρητέον τίνα διαφέρει ὁ μαθηματικὸς τοῦ φυσικοῦ (καὶ
 γὰρ ἐπίπεδα καὶ στερεὰ ἔχει τὰ φυσικὰ σώματα καὶ μήκη
 25 καὶ στιγμαῖς, περὶ ὧν σκοπεῖ ὁ μαθηματικὸς)· ἔτι εἰ ἡ
 ἀστρολογία ἑτέρα ἢ μέρος τῆς φυσικῆς· εἰ γὰρ τοῦ φυσικοῦ
 τὸ τί ἐστίν ἥλιος ἢ σελήνη εἰδέναι, τῶν δὲ συμβεβηκότων
 καθ' αὐτὰ μηδέν, ἄτοπον, ἄλλως τε καὶ ὅτι φαίνονται λέ-
 γοντες οἱ περὶ φύσεως καὶ περὶ σχήματος σελήνης καὶ ἡλίου,
 30 καὶ δὴ καὶ πότερον σφαιροειδῆς ἢ γῆ καὶ ὁ κόσμος ἢ οὐ.
 περὶ τούτων μὲν οὖν πραγματεύεται καὶ ὁ μαθηματικὸς,
 ἀλλ' οὐχ ἡ φυσικοῦ σώματος πέρας ἕκαστον· οὐδὲ τὰ συμ-
 βεβηκότα θεωρεῖ ἢ τοιοῦτοις οὔσι συμβέβηκεν· διὸ καὶ χωρί-
 ζει· χωριστὰ γὰρ τῇ νοήσει κινήσεώς ἐστι, καὶ οὐδὲν διαφέ-
 35 ρει, οὐδὲ γίγνεται ψεῦδος χωρίζοντων. λαμβάνουσι δὲ τοῦτο ποι-
 οῦντες καὶ οἱ τὰς ιδέας λέγοντες· τὰ γὰρ φυσικὰ χωρίζου-
 194a I σιν ἤττον ὄντα χωριστὰ τῶν μαθηματικῶν. γίγνοιτο δ' ἂν
 τοῦτο δῆλον, εἴ τις ἐκατέρων πειρῶτο λέγειν τοὺς ὄρους, καὶ
 αὐτῶν καὶ τῶν συμβεβηκότων. τὸ μὲν γὰρ περιττὸν ἔσται
 καὶ τὸ ἄρτιον καὶ τὸ εὐθύ καὶ τὸ καμπύλον, ἔτι δὲ ἀριθμὸς
 5 καὶ γραμμὴ καὶ σχῆμα, ἄνευ κινήσεως, σὰρξ δὲ καὶ ὄστουν
 καὶ ἄνθρωπος οὐκέτι, ἀλλὰ ταῦτα ὡσπερ ρίς σιμῆ ἀλλ' οὐχ

que não é assim deste modo que a natureza se comporta para com a natureza; pelo contrário, aquilo que nasce, enquanto nasce, vai a partir de algo em direção a algo. Mas o que é que nasce? Não aquilo a partir de que, mas sim aquilo em direção a que: portanto, a forma é natureza.

[193b 18] Mas a forma e a natureza se dizem de dois modos: pois até mesmo a privação é, de uma certa maneira, forma. Mas se há ou não há, no que concerne à geração simples, privação e algum contrário, deve ser examinado posteriormente.

Capítulo 2

[193b 22] Visto que foi delimitado de quantos modos se diz a natureza, depois disso deve-se inspecionar em que o matemático se diferencia do estudioso da natureza (pois também os corpos naturais têm superfícies e sólidos, bem como comprimentos e pontos, a respeito dos quais o matemático faz seu estudo); além disso, deve-se inspecionar se a astronomia é uma parte da ciência natural, ou se é lhe distinta; pois seria absurdo se coubesse ao estudioso da natureza conhecer o quê é o sol ou a lua, mas não conhecer nenhum dos concomitantes que lhes sucedem por si mesmos, principalmente porque aqueles que estudam a natureza manifestamente pronunciam-se também a respeito da figura da lua e do sol, e inclusive a respeito de saber se a Terra e o mundo são esféricos ou não. Ora, também o matemático se ocupa desses itens, mas não enquanto cada um é limite de corpo natural; tampouco estuda os concomitantes enquanto sucedem aos corpos naturais tomados nesta qualidade; por isso, inclusive, o matemático separa: pois, pelo pensamento, [sc. tais itens] são separáveis do movimento, e isso não faz nenhuma diferença, tampouco surge algo falso na medida em que eles os separam.

[193b 35] Despercebidamente fazem isso também os que afirmam as idéias: pois separam os entes naturais, que são menos separáveis do que os matemáticos. Isso torna-se evidente quando alguém tenta enunciar as definições de cada um deles, tanto deles mesmos, como de seus concomitantes. Pois o par e o ímpar, o reto e o curvo e, ainda, número, linha e figura, hão de ser definidos sem movimento, mas carne, osso e homem não mais poderiam ser definidos sem

- ὡς τὸ καμπύλον λέγεται. δηλοῖ δὲ καὶ τὰ φυσικώτερα
 τῶν μαθημάτων, οἷον ὀπτική καὶ ἄρμονική καὶ ἀστρολογία·
 ἀνάπαλιν γὰρ τρόπον τιν' ἔχουσιν τῇ γεωμετρία. ἢ μὲν γὰρ
 10 γεωμετρία περὶ γραμμῆς φυσικῆς σκοπεῖ, ἀλλ' οὐχ ἡ φυ-
 σική, ἢ δ' ὀπτική μαθηματικὴν μὲν γραμμὴν, ἀλλ' οὐχ ἡ
 μαθηματικὴ ἀλλ' ἡ φυσική. ἐπεὶ δ' ἡ φύσις διχῶς, τό τε
 εἶδος καὶ ἡ ὕλη, ὡς ἂν εἰ περὶ σιμότητος σκοποῖμεν τί ἐστιν,
 οὕτω θεωρητέον· ὥστ' οὐτ' ἄνευ ὕλης τὰ τοιαῦτα οὔτε κατὰ τὴν
 15 ὕλην. καὶ γὰρ δὴ καὶ περὶ τούτου ἀπορήσειεν ἂν τις,
 ἐπεὶ δύο αἱ φύσεις, περὶ ποτέρας τοῦ φυσικοῦ. ἢ περὶ τοῦ ἐξ
 ἀμφοῖν; ἀλλ' εἰ περὶ τοῦ ἐξ ἀμφοῖν, καὶ περὶ ἑκατέρας.
 πότερον οὖν τῆς αὐτῆς ἢ ἄλλης ἑκατέραν γνωρίζειν; εἰς μὲν
 γὰρ τοὺς ἀρχαίους ἀποβλέψαντι δόξειεν ἂν εἶναι τῆς ὕλης
 20 (ἐπὶ μικρὸν γὰρ τι μέρος Ἐμπεδοκλῆς καὶ Δημόκριτος τοῦ
 εἶδους καὶ τοῦ τί ἦν εἶναι ἤψαντο)· εἰ δὲ ἡ τέχνη μιμεῖται
 τὴν φύσιν, τῆς δὲ αὐτῆς ἐπιστήμης εἰδέναι τὸ εἶδος καὶ τὴν
 ὕλην μέχρι τοῦ (οἷον ἰατροῦ ὑγίειαν καὶ χολὴν καὶ φλέγμα,
 ἐν οἷς ἡ ὑγίεια, ὁμοίως δὲ καὶ οἰκοδόμου τό τε εἶδος τῆς
 25 οἰκίας καὶ τὴν ὕλην, ὅτι πλίνθοι καὶ ξύλα· ὡσαύτως δὲ
 καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων), καὶ τῆς φυσικῆς ἂν εἴη τὸ γνωρίζειν
 ἀμφοτέρας τὰς φύσεις. ἔτι τὸ οὐ ἔνεκα καὶ τὸ τέλος τῆς
 αὐτῆς, καὶ ὅσα τούτων ἔνεκα. ἢ δὲ φύσις τέλος καὶ οὐ ἔνε-
 κα (ὧν γὰρ συνεχοῦς τῆς κινήσεως οὔσης ἔστι τι τέλος,
 30 τοῦτο <τὸ> ἔσχατον καὶ τὸ οὐ ἔνεκα· διὸ καὶ ὁ ποιητῆς

movimento – pelo contrário, estas coisas se definem como o nariz adunco, mas não como o curvo.

[194a 7] Mostram isso também as mais naturais entre as disciplinas matemáticas, como a ótica, a harmônica e a astronomia: pois, de certo modo, elas se comportam de maneira inversa à geometria; pois a geometria estuda a linha natural, mas não enquanto natural, ao passo que a ótica, por sua vez, estuda a linha matemática, não enquanto linha matemática, mas sim enquanto linha natural.

[194a 12] Visto que a natureza se diz de dois modos – a forma e a matéria –, é assim deste modo que se deve estudar: tal como no caso em que investigamos, a respeito da aduncidade, o que ela é; por conseguinte, os entes desse tipo não são nem *sem* matéria, nem tampouco *segundo* a matéria. Pois é plausível, com efeito, que alguém levantasse inclusive a seguinte dificuldade: visto serem duas as naturezas, qual das duas competiria ao estudioso da natureza investigar? Ou lhe competiria investigar o composto de ambas? Mas, se lhe competisse investigar o composto de ambas, também lhe competiria investigar cada uma delas. Ora, neste caso, tomar conhecimento de cada uma das duas competiria à mesma ciência, ou a uma ciência diversa? Por um lado, para quem considerou os antigos, é plausível que a ciência da natureza parecesse ser da matéria (pois Empédocles e Demócrito alcançaram a forma e o *quê era ser* apenas em pequena parte); por outro lado, visto que a técnica imita a natureza, e que compete a uma mesma ciência conhecer a forma e a matéria, até certo ponto (por exemplo: compete ao médico conhecer a saúde e também a bile e a fleuma, nas quais reside a saúde e, semelhantemente, compete ao construtor conhecer a forma da casa e saber que a matéria são tijolos e madeiras; e do mesmo modo também nos demais casos), também à ciência natural competiria conhecer ambas as naturezas.

[194a 27] Além disso, compete a uma mesma ciência conhecer aquilo *em vista de que* (isto é, o acabamento) e todas as coisas que são em vista daquilo. E a natureza é acabamento e aquilo *em vista de que* (pois, das coisas de que há algum acabamento – havendo um movimento contínuo para tal –, o acabamento é o extremo e aquilo *em vista de que*, por isso, inclusive, o poeta permitiu-se

- γελοιώς προήχθη εἰπεῖν "ἔχει τελευτήν, ἥσπερ οὐνεκ' ἐγένετο". βούλεται γὰρ οὐ πᾶν εἶναι τὸ ἔσχατον τέλος, ἀλλὰ τὸ βέλτιστον· ἐπεὶ καὶ ποιοῦσιν αἱ τέχναι τὴν ὕλην αἱ μὲν ἀπλῶς αἱ δὲ εὐεργόν, καὶ χρώμεθα ὡς ἡμῶν ἔνεκα πάντων ὑπαρχόντων (ἔσμεν γάρ πως καὶ ἡμεῖς τέλος· διχῶς γὰρ τὸ οὐ ἔνεκα· εἴρηται δ' ἐν τοῖς περὶ φιλοσοφίας).
- 35 200 β 1 δὲ αἱ ἄρχουσαι τῆς ὕλης καὶ γνωρίζουσαι τέχναι, ἣ τε χρωμένη καὶ τῆς ποιητικῆς ἢ ἀρχιτεκτονικῆς. διὸ καὶ ἡ χρωμένη ἀρχιτεκτονικῆς πως, διαφέρει δὲ ἢ ἢ μὲν τοῦ εἶδους γνωριστικῆς, ἢ ἀρχιτεκτονικῆς, ἢ δὲ ὡς ποιητικῆς, τῆς
- 5 ὕλης· ὁ μὲν γὰρ κυβερνήτης ποῖόν τι τὸ εἶδος τοῦ πηδαλίου γνωρίζει καὶ ἐπιτάττει, ὁ δ' ἐκ ποίου ξύλου καὶ ποίων κινήσεων ἔσται. ἐν μὲν οὖν τοῖς κατὰ τέχνην ἡμεῖς ποιοῦμεν τὴν ὕλην τοῦ ἔργου ἔνεκα, ἐν δὲ τοῖς φυσικοῖς ὑπάρχει οὐσα. ἔτι τῶν πρὸς τι ἢ ὕλη· ἄλλω γὰρ εἶδει ἄλλη ὕλη. μέχρι δὴ
- 10 πόσου τὸν φυσικὸν δεῖ εἰδέναι τὸ εἶδος καὶ τὸ τί ἐστίν; ἢ ὡσπερ ἰατρὸν νεῦρον ἢ χαλκέα χαλκόν, μέχρι τοῦ τίνος [γὰρ] ἔνεκα ἕκαστον, καὶ περὶ ταῦτα ἃ ἐστὶ χωριστὰ μὲν εἶδει, ἐν ὕλη δέ; ἄνθρωπος γὰρ ἄνθρωπον γεννᾷ καὶ ἥλιος. πῶς δ' ἔχει τὸ χωριστὸν καὶ τί ἐστὶ, φιλοσοφίας ἔργον
- 15 διορίσαι τῆς πρώτης.
3. Διωρισμένων δὲ τούτων ἐπισκεπτέον περὶ τῶν αἰτίων, ποῖά τε καὶ πόσα τὸν ἀριθμὸν ἐστίν. ἐπεὶ γὰρ τοῦ εἰδέναι χάριν ἢ πραγματεία, εἰδέναι δὲ οὐ πρότερον οἴομεθα ἕκαστον πρὶν ἂν λάβωμεν τὸ διὰ τί περὶ ἕκαστον (τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ
- 20 λαβεῖν τὴν πρώτην αἰτίαν), δῆλον ὅτι καὶ ἡμῖν τοῦτο ποιητέον καὶ περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς καὶ πάσης τῆς φυσικῆς

dizer de modo cômico: “tem final, em vista do qual veio a ser”; pois não é todo e qualquer extremo que se dispõe a ser acabamento, mas sim o melhor), dado que as técnicas produzem também a matéria – umas, simplesmente sem mais, outras, tornando-a propícia à obra – e utilizamo-nos de tudo como se estivesse disponível em vista de nós (pois de certo modo também nós somos acabamento: pois “em vista de que” se diz de duas maneiras; foi dito no *Sobre a Filosofia*).

[194a 36] E são duas as técnicas que conhecem e dominam a matéria, a que usa e a que comanda na técnica fabricante. Por isso, também a técnica que usa é de certo modo uma que comanda, mas há diferença na medida em que uma é conhecedora da forma, ao passo que a outra, a que comanda como fabricante, é conhecedora da matéria: pois o piloto conhece e prescreve *de que qualidade* é a forma do leme, ao passo que o outro sabe *a partir de qual madeira e de quais movimentos* há de ser um leme.

[194b 7] Assim, naquilo que é conforme a técnica, somos nós que fazemos a matéria ser em vista da obra, ao passo que, nos entes naturais, a matéria já se encontra disponível [*sc.* em vista da obra].

[194b 8] Além disso, a matéria se conta entre os relativos: pois, para uma forma diversa, a matéria é diversa.

[194b 9] Pois bem: até que ponto é preciso que o estudioso da natureza conheça a forma e o *quê é?* Ou tal como é preciso que o médico conheça o tendão e o bronzista conheça o bronze, até conhecer *em vista de que* cada coisa é, inclusive a respeito dessas coisas que são separáveis em forma, mas estão na matéria? Pois um homem e o sol geram um homem. Mas delimitar como se comporta e o *quê é* o separável é tarefa da filosofia primeira.

Capítulo 3

[194b 16] Uma vez delimitados esses pontos, deve-se inspecionar, a respeito das causas, quais e quantas são em número. Pois, visto que o estudo é em vista do conhecer, e visto que não julgamos conhecer cada coisa antes de apreendermos o *por que* a respeito de cada uma (eis o que é apreender a causa primeira), é evidente que devemos fazer isso também no que concerne a geração e corrupção

μεταβολῆς, ὅπως εἰδότες αὐτῶν τὰς ἀρχὰς ἀνάγειν εἰς
 αὐτὰς πειρώμεθα τῶν ζητουμένων ἕκαστον. ἓνα μὲν οὖν τρό-
 πον αἴτιον λέγεται τὸ ἐξ οὗ γίγνεται τι ἐνυπάρχοντος, οἷον ὁ
 25 χαλκὸς τοῦ ἀνδριάντος καὶ ὁ ἄργυρος τῆς φιάλης καὶ τὰ
 τούτων γένη· ἄλλον δὲ τὸ εἶδος καὶ τὸ παράδειγμα, τοῦτο
 δ' ἐστὶν ὁ λόγος ὁ τοῦ τί ἦν εἶναι καὶ τὰ τούτου γένη (οἷον τοῦ
 διὰ πασῶν τὰ δύο πρὸς ἓν, καὶ ὅλως ὁ ἀριθμὸς) καὶ τὰ
 μέρη τὰ ἐν τῷ λόγῳ. ἔτι ὅθεν ἡ ἀρχὴ τῆς μεταβολῆς ἢ
 30 πρῶτη ἢ τῆς ἡρεμῆσεως, οἷον ὁ βουλευσας αἴτιος, καὶ ὁ πα-
 τήρ τοῦ τέκνου, καὶ ὅλως τὸ ποιοῦν τοῦ ποιουμένου καὶ τὸ μετα-
 βάλλον τοῦ μεταβαλλομένου. ἔτι ὡς τὸ τέλος· τοῦτο δ' ἐστὶν
 τὸ οὗ ἔνεκα, οἷον τοῦ περιπατεῖν ἢ ὑγίεια· διὰ τί γὰρ περι-
 πατεῖ; φημέν "ἵνα ὑγιαίνῃ", καὶ εἰπόντες οὕτως οἰόμεθα ἀπο-
 35 δεδωκέναι τὸ αἴτιον. καὶ ὅσα δὴ κινήσαντος ἄλλου μεταξὺ
 γίγνεται τοῦ τέλους, οἷον τῆς ὑγείας ἢ ἰσχυασία ἢ ἡ κάθαρ-
 195a I σις ἢ τὰ φάρμακα ἢ τὰ ὄργανα· πάντα γὰρ ταῦτα τοῦ
 τέλους ἔνεκά ἐστιν, διαφέρει δὲ ἀλλήλων ὡς ὄντα τὰ μὲν
 ἔργα τὰ δ' ὄργανα. τὰ μὲν οὖν αἴτια σχεδὸν τοσαυταχῶς
 λέγεται, συμβαίνει δὲ πολλαχῶς λεγομένων τῶν αἰτίων καὶ
 5 πολλὰ τοῦ αὐτοῦ αἴτια εἶναι, οὐ κατὰ συμβεβηκός, οἷον τοῦ
 ἀνδριάντος καὶ ἡ ἀνδριαντοποιικὴ καὶ ὁ χαλκός, οὐ καθ'
 ἕτερόν τι ἀλλ' ἢ ἀνδριάς, ἀλλ' οὐ τὸν αὐτὸν τρόπον, ἀλλὰ
 τὸ μὲν ὡς ὕλη τὸ δ' ὡς ὅθεν ἢ κίνησις. ἔστιν δέ τινα καὶ
 ἀλλήλων αἴτια, οἷον τὸ πονεῖν τῆς εὐεξίας καὶ αὕτη τοῦ
 10 πονεῖν· ἀλλ' οὐ τὸν αὐτὸν τρόπον, ἀλλὰ τὸ μὲν ὡς τέλος
 τὸ δ' ὡς ἀρχὴ κινήσεως. ἔτι δὲ τὸ αὐτὸ τῶν ἐναντίων
 ἐστὶν· ὁ γὰρ παρὸν αἴτιον τοῦδε, τοῦτο καὶ ἀπὸν αἰτιώμεθα

e toda mudança natural, de tal modo que, conhecendo suas causas, tentemos reportar a elas cada um dos itens que se investigam.

[194b 23] Assim, conforme um certo modo, denomina-se “causa” o item imanente a partir de que algo vem a ser, por exemplo, o bronze da estátua e a prata da taça, bem como os gêneros dessas coisas; conforme outro modo, denomina-se “causa” a forma e o modelo, e isso é o enunciado do *quê era ser* e seus gêneros (por exemplo: do diapasão, “dois para um” e, em geral, a relação numérica), bem como as partes que estão no enunciado. Além disso, denomina-se “causa” aquilo de onde é o começo primeiro da mudança ou do repouso, por exemplo, é causa aquele que deliberou, assim como o pai o é da criança e, em geral, o produtor o é do produzido e aquilo que faz a mudança o é daquilo que se muda. Além disso, denomina-se “causa” tal como o fim: e isso é aquilo *em vista de que*, por exemplo, do caminhar, a saúde; pois por que caminha? Dizemos “a fim de que tenha saúde” e, assim dizendo, julgamos ter aduzido a causa. Também denomina-se “causa”, seguramente, tudo aquilo que – algum outro princípio tendo iniciado o movimento – vem a ser intermediário para o fim, por exemplo, da saúde, o emagrecimento, a purgação, as drogas ou os instrumentos; pois todos esses itens são em vista do fim, mas diferem entre si porque uns são operações, ao passo que outros são instrumentos.

[195a 3] Assim, as causas se denominam de todas essas maneiras; por outro lado, sucede que – na medida em que as causas se denominam de diversas maneiras – também há várias causas para uma mesma coisa, não segundo concomitância; por exemplo, tanto a arte de confeccionar estátuas como também o bronze são causas da estátua não segundo alguma outra coisa, mas sim enquanto estátua, embora não conforme o mesmo modo – pelo contrário, uma é como matéria, ao passo que a outra é como aquilo de onde é o movimento. Há inclusive algumas causas recíprocas, tal como o fatigar-se em relação ao bom condicionamento corporal e este em relação ao fatigar-se; mas não são causas conforme o mesmo modo, pois uma é como fim, ao passo que a outra é como origem de movimento.

[195a 11] Além disso, um mesmo item é causa de coisas contrárias: pois às vezes apontamos como causa do [*sc.* efeito] contrário aquilo que está ausente, o

- ἐνίοτε τοῦ ἐναντίου, οἷον τὴν ἀπουσίαν τοῦ κυβερνήτου τῆς τοῦ
 πλοίου ἀνατροπῆς, οὗ ἦν ἡ παρουσία αἰτία τῆς σωτηρίας.
- 15 ἅπαντα δὲ τὰ νῦν εἰρημένα αἰτία εἰς τέτταρας πίπτει τρόπους
 τοὺς φανερωτάτους. τὰ μὲν γὰρ στοιχεῖα τῶν συλλαβῶν καὶ
 ἡ ὕλη τῶν σκευαστῶν καὶ τὸ πῦρ καὶ τὰ τοιαῦτα τῶν σω-
 μάτων καὶ τὰ μέρη τοῦ ὄλου καὶ αἱ ὑποθέσεις τοῦ συμπε-
 ράσματος ὡς τὸ ἐξ οὗ αἰτία ἐστίν, τούτων δὲ τὰ μὲν ὡς τὸ
- 20 ὑποκείμενον, οἷον τὰ μέρη, τὰ δὲ ὡς τὸ τί ἦν εἶναι, τὸ τε
 ὄλον καὶ ἡ σύνθεσις καὶ τὸ εἶδος· τὸ δὲ σπέρμα καὶ ὁ ἰα-
 τρὸς καὶ ὁ βουλευσας καὶ ὅλως τὸ ποιῶν, πάντα ὅθεν ἡ
 ἀρχὴ τῆς μεταβολῆς ἢ στάσεως [ἢ κινήσεως]: τὰ δ' ὡς τὸ
 τέλος καὶ ἀγαθὸν τῶν ἄλλων· τὸ γὰρ οὗ ἕνεκα βέλτιστον
- 25 καὶ τέλος τῶν ἄλλων ἐθέλει εἶναι· διαφερέτω δὲ μηδὲν εἰ-
 πεῖν αὐτὸ ἀγαθὸν ἢ φαινόμενον ἀγαθόν. τὰ μὲν οὖν αἰτία
 ταῦτα καὶ τοσαῦτά ἐστι τῷ εἶδει· τρόποι δὲ τῶν αἰτίων
 ἀριθμῷ μὲν εἰσὶ πολλοί, κεφαλαιούμενοι δὲ καὶ οὗτοι ἐλάτ-
 τους. λέγεται γὰρ αἰτία πολλαχῶς, καὶ αὐτῶν τῶν ὁμοει-
- 30 δῶν προτέρως καὶ ὑστέρωσ ἄλλο ἄλλου, οἷον ὑγιείας ἰατρὸς
 καὶ τεχνίτης, καὶ τοῦ διὰ πασῶν τὸ διπλάσιον καὶ ἀριθ-
 μός, καὶ αἰεὶ τὰ περιέχοντα πρὸς τὰ καθ' ἕκαστον. ἔτι δ'
 ὡς τὸ συμβεβηκὸς καὶ τὰ τούτων γένη, οἷον ἀνδριάντος ἄλ-
 λως Πολύκλειτος καὶ ἄλλως ἀνδριαντοποιός, ὅτι συμβέβηκε
- 35 τῷ ἀνδριαντοποιῷ τὸ Πολυκλείτω εἶναι. καὶ τὰ περιέχοντα δὲ
 τὸ συμβεβηκός, οἷον εἰ ὁ ἄνθρωπος αἰτίος εἰῆ ἀνδριάντος ἢ
 195β I ὅλως ζῶον. ἐστὶ δὲ καὶ τῶν συμβεβηκόντων ἄλλα ἄλλων
 πορρώτερον καὶ ἐγγύτερον, οἷον εἰ ὁ λευκὸς καὶ ὁ μουσικὸς αἰ-
 τίος λέγοιτο τοῦ ἀνδριάντος. πάντα δὲ καὶ τὰ οἰκείως λεγό-

qual, quando está presente, é causa responsável por tal coisa; por exemplo, apontamos como causa da ruína do navio a ausência do piloto, cuja presença é causa da salvação.

[195a 15] Todas as causas aqui mencionadas caem em quatro modos mais manifestos. Pois as letras das sílabas, bem como a matéria dos fabricáveis, o fogo e, entre os corpos, os que são desse tipo, assim como as partes do todo e as hipóteses da conclusão, são causas como aquilo *a partir de que*, desses itens, uns são causa como o subjacente (por exemplo, as partes), ao passo que outros são causa como o *quê-era-ser*. o todo, a composição e a forma. Por outro lado, a semente, o médico, aquele que deliberou e, em geral, aquilo que produz, tudo isso é causa como aquilo de onde é o começo de mudança e repouso; outras coisas, por sua vez, são causas como o acabamento e o bem dos outros: pois aquilo *em vista de que* é o melhor de todos e tende a ser acabamento das outras coisas; e não faz nenhuma diferença dizer o bem em si mesmo ou o bem aparente.

[195a 26] As causas, assim, são essas tantas em espécie; mas os modos das causas são múltiplos em número, embora, resumidos, também eles sejam em número menor; pois denominam-se causas de muitas maneiras e, entre os próprios itens homóformos, um se denomina causa do outro de modo anterior ou posterior, por exemplo: de saúde, denominam-se causa o médico e o experto, assim como, do diapasão, o duplo e o número e, em qualquer caso, além dos itens particulares, também aqueles que os contêm.

[195a 32] Além disso, denominam-se causas tal como aquilo que é concomitante e seus gêneros, por exemplo, da estátua, de um certo modo a causa é Policleto, mas, de outro modo, é o escultor, porque sucede concomitantemente ao escultor ser Policleto.

[195a 35] Denomina-se “causa” também aquilo que envolve o concomitante, por exemplo, se o homem fosse causa da estátua ou, em geral, o animal. Até mesmo entre os concomitantes, uns são causa de modo mais remoto ou mais próximo que outros, por exemplo, se o branco e o culto fossem denominados causa da estátua.

- μενα καὶ τὰ κατὰ συμβεβηκός τὰ μὲν ὡς δυνάμενα λέ-
 5 γεται τὰ δ' ὡς ἐνεργούντα, οἷον τοῦ οἰκοδομεῖσθαι οἰκίαν οἰ-
 κοδόμος ἢ οἰκοδομῶν οἰκοδόμος. ὁμοίως δὲ λεχθήσεται καὶ
 ἐφ' ὧν αἴτια τὰ αἴτια τοῖς εἰρημένοις, οἷον τουδί τοῦ ἀνδριάν-
 τος ἢ ἀνδριάντος ἢ ὄλως εἰκόνος, καὶ χαλκοῦ τοῦδε ἢ
 10 χαλκοῦ ἢ ὄλως ὕλης· καὶ ἐπὶ τῶν συμβεβηκόντων ὡσαύ-
 τως. ἔτι δὲ συμπλεκόμενα καὶ ταῦτα κάκεῖνα λεχθήσεται,
 οἷον οὐ Πολύκλειτος οὐδὲ ἀνδριαντοποιός, ἀλλὰ Πολύκλειτος
 ἀνδριαντοποιός. ἀλλ' ὅμως ἅπαντα ταῦτά ἐστι τὸ μὲν πλη-
 ῖθος ἔξ, λεγόμενα δὲ διχῶς· ἢ γὰρ ὡς τὸ καθ' ἕκαστον,
 ἢ ὡς τὸ γένος, ἢ ὡς τὸ συμβεβηκός, ἢ ὡς τὸ γένος τοῦ
 15 συμβεβηκός, ἢ ὡς συμπλεκόμενα ταῦτα ἢ ὡς ἀπλῶς
 λεγόμενα· πάντα δὲ ἢ ἐνεργούντα ἢ κατὰ δύναμιν. δια-
 φέρει δὲ τοσοῦτον, ὅτι τὰ μὲν ἐνεργούντα καὶ τὰ καθ' ἕκα-
 στον ἅμα ἐστι καὶ οὐκ ἐστι καὶ ὧν αἴτια, οἷον ὄδ' ὁ ἰα-
 τρέων τῷδε τῷ ὑγιαζομένῳ καὶ ὄδε ὁ οἰκοδομῶν τῷδε
 20 τῷ οἰκοδομουμένῳ, τὰ δὲ κατὰ δύναμιν οὐκ αἰεὶ. φθεί-
 ρεται γὰρ οὐχ ἅμα ἢ οἰκία καὶ ὁ οἰκοδόμος. δεῖ δ' αἰεὶ
 τὸ αἴτιον ἐκάστου τὸ ἀκρότατον ζητεῖν, ὥσπερ καὶ ἐπὶ τῶν
 ἄλλων (οἷον ἄνθρωπος οἰκοδομεῖ ὅτι οἰκοδόμος, ὁ δ' οἰκο-
 δόμος κατὰ τὴν οἰκοδομικὴν· τοῦτο τοίνυν πρότερον τὸ αἰ-
 25 τιον, καὶ οὕτως ἐπὶ πάντων)· ἔτι τὰ μὲν γένη τῶν γενῶν,
 τὰ δὲ καθ' ἕκαστον τῶν καθ' ἕκαστον (οἷον ἀνδριαντο-
 ποιός μὲν ἀνδριάντος, ὁδὶ δὲ τουδί)· καὶ τὰς μὲν δυνάμεις

[195b 3] E todas essas causas, tanto as que se denominam apropriadamente como as que se denominam segundo concomitância, denominam-se umas como capazes, ao passo que outras, como efetivamente atuantes, por exemplo: do construir-se uma casa é causa ou o construtor, ou o construtor que está construindo.

[195b 6] De maneira semelhante às que foram mencionadas, há de ser denominado também aquilo de que as causas são causas, por exemplo: desta estátua, ou de estátua, ou, em geral, de imagem, e deste bronze, ou de bronze, ou, em geral, de matéria. E do mesmo modo também no que respeita aos concomitantes.

[195b 10] Além disso, tanto estes itens como também as causas poderão ser denominados em complexão, por exemplo, nem “Policleto” nem “escultor”, mas sim “Policleto escultor”.

[195b 12] Mas, no entanto, todos esses casos são em número de seis, e se denominam de dois modos: pois são ou como o particular, ou como o gênero, ou como o concomitante, ou como o gênero do concomitante, e são denominados ou em complexão, ou de maneira simples. E todos eles são ou efetivamente atuantes, ou segundo potência.

[195b 16] E isso faz diferença nesta exata medida: as causas efetivamente atuantes, bem como as particulares, são, assim como não são, simultaneamente àquilo de que são causas, por exemplo, este que está medicando é simultâneo a este que está sendo curado, e este que está a construir é simultâneo a isto que está sendo construído. Mas as causas segundo potência, em contrapartida, nem sempre são simultâneas: pois não se corrompem ao mesmo tempo a casa e o construtor.

[195b 21] Por outro lado, é preciso sempre buscar a causa mais extrema de cada coisa, como inclusive nos outros casos (por exemplo: o homem constrói casa porque é construtor, e o construtor constrói segundo a arte da construção: ora, esta causa é anterior, e é assim do mesmo modo em todos os demais casos); além disso, de gêneros, é preciso buscar como causas gêneros e, de particulares, por sua vez, particulares (por exemplo, escultor é causa de estátua, mas este escultor é causa desta estátua), assim como, das coisas possíveis, [sc. é preciso

- τῶν δυνατῶν, τὰ δ' ἐνεργοῦντα πρὸς τὰ ἐνεργούμενα. ὅσα
 μὲν οὖν τὰ αἴτια καὶ ὄν τρόπον αἴτια, ἔστω ἡμῖν διωρισμένα
- 30 ἱκανῶς.
4. Λέγεται δὲ καὶ ἡ τύχη καὶ τὸ αὐτόματον τῶν αἰτίων,
 καὶ πολλὰ καὶ εἶναι καὶ γίγνεσθαι διὰ τύχην καὶ διὰ τὸ
 αὐτόματον· τίνα οὖν τρόπον ἐν τούτοις ἐστὶ τοῖς αἰτίοις ἡ τύχη
 καὶ τὸ αὐτόματον, καὶ πότερον τὸ αὐτὸ ἢ τύχη καὶ τὸ
- 35 αὐτόματον ἢ ἕτερον, καὶ ὅλως τί ἐστὶν ἡ τύχη καὶ τὸ αὐ-
 τόματον, ἐπισκεπτέον. ἔνιοι γὰρ καὶ εἰ ἔστιν ἢ μὴ ἀποροῦσιν·
- 196a I οὐδὲν γὰρ δὴ γίγνεσθαι ἀπὸ τύχης φασίν, ἀλλὰ πάντων εἶναί
 τι αἴτιον ὠρισμένον ὅσα λέγομεν ἀπὸ ταυτομάτου γίγνεσθαι
 ἢ τύχης, οἷον τοῦ ἐλθεῖν ἀπὸ τύχης εἰς τὴν ἀγοράν, καὶ
 καταλαβεῖν ὃν ἐβούλετο μὲν οὐκ ᾤετο δέ, αἴτιον τὸ βούλεσθαι
- 5 ἀγοράσαι ἐλθόντα· ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων τῶν ἀπὸ
 τύχης λεγομένων αἰεὶ τι εἶναι λαβεῖν τὸ αἴτιον, ἀλλ' οὐ τύ-
 χην, ἐπεὶ εἴ γέ τι ἦν ἡ τύχη, ἄτοπον ἂν φανείη ὡς ἀλη-
 θῶς, καὶ ἀπορήσειεν ἂν τις διὰ τί ποτ' οὐδεὶς τῶν ἀρχαίων
 σοφῶν τὰ αἴτια περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς λέγων περὶ τύ-
- 10 χης οὐδὲν διώρισεν, ἀλλ' ὡς ἔοικεν, οὐδὲν ᾤοντο οὐδ' ἐκείνοι εἶ-
 ναι ἀπὸ τύχης. ἀλλὰ καὶ τοῦτο θαυμαστόν· πολλὰ γὰρ
 καὶ γίγνεται καὶ ἔστιν ἀπὸ τύχης καὶ ἀπὸ ταυτομάτου, ἃ
 οὐκ ἀγνοοῦντες ὅτι ἔστιν ἐπανενεγκεῖν ἕκαστον ἐπὶ τι αἴτιον τῶν
 γιγνομένων, καθάπερ ὁ παλαιὸς λόγος εἶπεν ὁ ἀναιρῶν τὴν
- 15 τύχην, ὅμως τούτων τὰ μὲν εἶναί φασι πάντες ἀπὸ τύχης
 τὰ δ' οὐκ ἀπὸ τύχης· διὸ καὶ ἀμῶς γέ πως ἦν ποιητέον αὐ-
 τοῖς μνεῖαν. ἀλλὰ μὴν οὐδ' ἐκείνων γέ τι ᾤοντο εἶναι τὴν
 τύχην, οἷον φιλίαν ἢ νεῖκος ἢ νοῦν ἢ πῦρ ἢ ἄλλο γέ τι τῶν

buscar como causas] potências, ao passo que, em relação àquilo que está se efetuando, as causas efetivamente atuantes.

[195b 28] Assim, esteja suficientemente delimitado por nós quantas são as causas e de que modo são causas.

Capítulo 4

[195b 31] E se diz também que o acaso e o espontâneo se contam entre as causas, e que muitas coisas são e vêm a ser por acaso e pelo espontâneo: deve-se examinar, então, de que modo o acaso e o espontâneo se encontram entre essas causas, bem como se o acaso e o espontâneo são idênticos ou distintos e, em suma, o quê são o acaso e o espontâneo.

[195b 36] Pois alguns se embarçam em saber se existem ou não [sc. o acaso e o espontâneo]: pois afirmam, com ênfase, que nada vem a ser a partir do acaso, mas que há uma causa determinada de tudo aquilo que dizemos vir a ser por acaso ou pelo espontâneo; por exemplo: do vir por acaso ao mercado e encontrar alguém que desejaria, mas que não julgava encontrar, é causa o querer vir ao mercado; semelhantemente, afirmam que também a respeito das demais coisas que se dizem ser a partir do acaso sempre é possível apreender alguma causa, mas não o acaso, visto que, se o acaso fosse algo, manifestar-se-ia como verdadeiramente absurdo, e poder-se-ia indagar por que nenhum dos antigos sábios, ao enunciar as causas concernentes a geração e corrupção, nada delimitou a respeito do acaso, mas, ao que parece, tampouco eles julgaram haver algo por acaso.

[196a 11] Mas também isto é espantoso: muitas coisas vêm a ser e são a partir do acaso e do espontâneo; com relação a elas, não ignoram que é possível reportar cada uma a algo que seja causa das coisas que vêm a ser (conforme dizia o velho argumento que suprimia o acaso); no entanto, todos afirmam que algumas delas são a partir do acaso, enquanto que outras não são a partir do acaso. Por isso, deveriam ter feito algum relato sobre eles, mesmo que fosse de um modo ou de outro. Mas, com efeito, tampouco julgaram ser acaso algum daqueles princípios, como amizade, ou ódio, ou intelecto, ou fogo, ou algum outro desse tipo. Assim, é absurdo, quer tenham julgado que não há acaso, quer,

- 20 τοιούτων. ἄτοπον οὖν εἴτε μὴ ὑπελάμβανον εἶναι εἴτε οἴμε-
 νοι παρέλειπον, καὶ ταῦτ' ἐνίοτε χρώμενοι, ὥσπερ Ἐμπε-
 δοκλῆς οὐκ ἀεὶ τὸν ἀέρα ἀνωτάτω ἀποκρίνεσθαι φησιν, ἀλλ'
 ὅπως ἂν τύχη, λέγει γοῦν ἐν τῇ κοσμοποιίᾳ ὡς "οὕτω συνέ-
 κυρσε θεῶν τοτέ, πολλάκι δ' ἄλλως"· καὶ τὰ μόρια τῶν
 ζῶων ἀπὸ τύχης γενέσθαι τὰ πλείστα φησιν. εἰσὶ δέ τινες
 25 οἱ καὶ τοῦρανοῦ τοῦδε καὶ τῶν κόσμων πάντων αἰτιῶνται τὸ
 αὐτόματον· ἀπὸ ταυτομάτου γὰρ γενέσθαι τὴν δίνην καὶ
 τὴν κίνησιν τὴν διακρίνασαν καὶ καταστήσασαν εἰς ταύτην
 τὴν τάξιν τὸ πᾶν. καὶ μάλα τοῦτό γε αὐτὸ θαυμάσαι ἄξιον· λέ-
 γοντες γὰρ τὰ μὲν ζῶα καὶ τὰ φυτὰ ἀπὸ τύχης μήτε
 30 εἶναι μήτε γίνεσθαι, ἀλλ' ἦτοι φύσιν ἢ νοῦν ἢ τι τοιοῦτον
 ἕτερον εἶναι τὸ αἴτιον (οὐ γὰρ ὅ τι ἔτυχεν ἐκ τοῦ σπέρματος
 ἐκάστου γίνεται, ἀλλ' ἐκ μὲν τοῦ τοιουδοῖ ἐλαία ἐκ δὲ τοῦ
 τοιουδοῖ ἄνθρωπος), τὸν δ' οὐρανὸν καὶ τὰ θεϊότατα τῶν φα-
 νερῶν ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου γενέσθαι, τοιαύτην δ' αἰτίαν μη-
 35 δεμίαν εἶναι οἴαν τῶν ζῶων καὶ τῶν φυτῶν. καίτοι εἰ οὕτως
 ἔχει, τοῦτ' αὐτὸ ἄξιον ἐπιστάσεως, καὶ καλῶς ἔχει λεχ-
 196β I θῆναί τι περὶ αὐτοῦ. πρὸς γὰρ τῷ καὶ ἄλλως ἄτοπον εἶναι
 τὸ λεγόμενον, ἔτι ἀτοπώτερον τὸ λέγειν ταῦτα ὀρώντας ἐν
 μὲν τῷ οὐρανῷ οὐδὲν ἀπὸ ταυτομάτου γιγνόμενον, ἐν δὲ τοῖς
 5 οὐκ ἀπὸ τύχης πολλὰ συμβαίνοντα ἀπὸ τύχης· καίτοι εἰκός
 γε ἦν τοῦναντίον γίνεσθαι. εἰσὶ δέ τινες οἷς δοκεῖ εἶναι μὲν
 αἰτία ἡ τύχη, ἄδηλος δὲ ἀνθρωπίνῃ διανοίᾳ ὡς θεῖον τι οὐσα
 καὶ δαιμονιώτερον. ὥστε σκεπτέον καὶ τί ἐκότερον, καὶ εἰ
 ταῦτόν ἢ ἕτερον τό τε αὐτόματον καὶ ἡ τύχη, καὶ πῶς εἰς
 τὰ διωρισμένα αἰτία ἐμπίπτουσιν.
- 10 5. Πρῶτον μὲν οὖν, ἐπειδὴ ὀρώμεν τὰ μὲν ἀεὶ ὡσαύτως
 γιγνόμενα τὰ δὲ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, φανερόν ὅτι οὐδετέρου τούτων
 αἰτία ἡ τύχη λέγεται οὐδὲ τὸ ἀπὸ τύχης, οὔτε τοῦ ἐξ ἀνάγκ-

tendo julgado que há, o tenham deixado de lado, sobretudo se o utilizaram às vezes, tal como Empédocles disse que o ar não se discrimina sempre para o alto, mas sim do modo que lhe coincidir. Ao menos é certo que no poema cosmogônico ele diz que “encontra-se correndo às vezes assim, mas freqüentemente de outro modo”, e diz que a maioria das partes dos animais vem a ser a partir do acaso.

[196a 24] E há alguns que responsabilizam o espontâneo até mesmo por este céu e por todos os mundos: pois afirmam que se gerou a partir do espontâneo o vórtice e o movimento discriminador que estabeleceu o todo nesta ordem. Ora, precisamente isso mesmo é ainda mais digno de admiração: pois afirmam que os animais e as plantas não são nem vêm a ser a partir do acaso, mas que é natureza, ou inteligência, ou alguma outra coisa de tal tipo, que é causa (pois não é qualquer coisa casual que vem a ser a partir da semente de cada um; pelo contrário, a partir desta vem a ser oliveira e, a partir daquela, homem), e que o céu e os mais divinos dos entes manifestos, por outro lado, vieram a ser a partir do espontâneo, e que não há [sc. para estes últimos] nenhuma causa tal como a dos animais e plantas. Mas, se é assim, eis o que precisamente é digno de escrutínio, e cai bem que algo seja dito a esse respeito. Pois, além de tal pronunciamento ser absurdo até mesmo de outro modo, é ainda mais absurdo dizer tais coisas quando não se observa no céu nada que venha a ser a partir do espontâneo, ao passo que, entre as coisas que não seriam a partir do acaso, observa-se muitas que sucedem a partir do acaso; embora fosse plausível esperar que viesse a ser de modo contrário!

[196b 5] Há alguns que reputam que o acaso é causa, embora não-evidente para o pensamento humano, por ser algo divino e prodigioso. Por conseguinte, deve-se examinar o que é cada um, e se são idênticos ou distintos o espontâneo e o acaso, e como eles incidem sob as causas que foram distinguidas.

Capítulo 5

[196b 10] Primeiramente, então, uma vez que vemos algumas coisas vindo a ser da mesma maneira sempre, outras, no mais das vezes, é manifesto que o acaso e aquilo que é a partir de acaso não se denominam causa de nenhuma

- κης καὶ αἰεὶ οὔτε τοῦ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ. ἀλλ' ἐπειδὴ ἔστιν ἂ γίγνεται καὶ παρὰ ταῦτα, καὶ ταῦτα πάντες φασὶν εἶναι ἀπὸ
- 15 τύχης, φανερόν ὅτι ἔστι τι ἢ τύχη καὶ τὸ αὐτόματον· τὰ τε γὰρ τοιαῦτα ἀπὸ τύχης καὶ τὰ ἀπὸ τύχης τοιαῦτα ὄντα ἴσμεν. τῶν δὲ γιγνομένων τὰ μὲν ἕνεκά του γίγνεται τὰ δ' οὐ (τούτων δὲ τὰ μὲν κατὰ προαίρεσιν, τὰ δ' οὐ κατὰ προαίρεσιν, ἄμφω δ' ἐν τοῖς ἕνεκά του), ὥστε δῆλον ὅτι καὶ
- 20 ἐν τοῖς παρὰ τὸ ἀναγκαῖον καὶ τὸ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ἔστιν ἕνια περὶ ἂ ἐνδέχεται ὑπάρχειν τὸ ἕνεκά του. ἔστι δ' ἕνεκά του ὅσα τε ἀπὸ διανοίας ἂν πραχθεῖη καὶ ὅσα ἀπὸ φύσεως. τὰ δὴ τοιαῦτα ὅταν κατὰ συμβεβηκὸς γένηται, ἀπὸ τύχης φαιμὲν εἶναι (ὥσπερ γὰρ καὶ ὄν ἔστι τὸ μὲν καθ' αὐτὸ
- 25 τὸ δὲ κατὰ συμβεβηκὸς, οὕτω καὶ αἴτιον ἐνδέχεται εἶναι, οἶον οἰκίας καθ' αὐτὸ μὲν αἴτιον τὸ οἰκοδομικόν, κατὰ συμβεβηκὸς δὲ τὸ λευκὸν ἢ τὸ μουσικόν· τὸ μὲν οὖν καθ' αὐτὸ αἴτιον ὠρισμένον, τὸ δὲ κατὰ συμβεβηκὸς ἀόριστον· ἄπειρα γὰρ ἂν τῷ ἐνὶ συμβαίῃ). καθάπερ οὖν ἐλέχθη, ὅταν ἐν τοῖς
- 30 ἕνεκά του γιγνομένοις τοῦτο γένηται, τότε λέγεται ἀπὸ ταυτομάτου καὶ ἀπὸ τύχης (αὐτῶν δὲ πρὸς ἀλληλα τὴν διαφορὰν τούτων ὑστερον διοριστέον· νῦν δὲ τοῦτο ἔστω φανερόν, ὅτι ἄμφω ἐν τοῖς ἕνεκά του ἔστιν)· οἶον ἕνεκα τοῦ ἀπολαβεῖν τὸ ἀργύριον ἦλθεν ἂν κομιζομένου τὸν ἔρανον, εἰ ἦδει ἦλθε δ' οὐ τούτου ἕνεκα, ἀλλὰ συνέβη αὐτῷ ἐλθεῖν, καὶ ποιῆσαι τοῦτο τοῦ κομίσασθαι ἕνεκα· τοῦτο δὲ οὐθ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ φοιτῶν εἰς τὸ
- 35 χωρίον οὐτ' ἐξ ἀνάγκης· ἔστι δὲ τὸ τέλος, ἢ κομιδὴ, οὐ τῶν ἐν αὐτῷ αἰτίων, ἀλλὰ τῶν προαιρετῶν καὶ ἀπὸ διανοίας· καὶ
- I97a I

delas, nem daquilo que é por necessidade e sempre, nem daquilo que é no mais das vezes.

[196b 13] Mas, uma vez que, além dessas, há também outras coisas que vêm a ser, e estas todos afirmam ser a partir do acaso, é manifesto que o acaso e o espontâneo são algo; pois reconhecemos as coisas desse tipo como sendo a partir do acaso e as coisas a partir do acaso como sendo desse tipo.

[196b 17] Entre as coisas que vêm a ser, umas vêm a ser em vista de algo, mas outras não (e entre aquelas, umas são conforme escolha, ao passo que outras não são conforme escolha, mas ambas estão entre as coisas que vêm a ser em vista de algo); por conseguinte, é evidente que, mesmo entre as coisas que vêm a ser à parte do necessário e do *no mais das vezes*, há algumas a respeito das quais é possível que se dê o *em vista de algo*.

[196b 21] São em vista de algo as coisas que poderiam ser feitas a partir do pensamento, bem como as coisas que são a partir de natureza. Pois bem: quando tais coisas vêm a ser segundo concomitância, dizemos que elas são a partir do acaso (pois assim como ente é ou em si mesmo ou segundo concomitância, semelhantemente, cabe que também “causa” seja do mesmo modo; por exemplo, de casa, o construtor é causa em si mesmo, mas o branco ou o culto são causas segundo concomitância; assim, aquilo que é causa em si mesmo é determinado, ao passo que aquilo que é causa segundo concomitância é indeterminável: pois ilimitadas coisas podem suceder concomitantemente a uma só). Assim, conforme foi dito, quando isso sucede no domínio das coisas que vêm a ser em vista de algo, denomina-se então “a partir do espontâneo” e “a partir do acaso” (e a diferença recíproca entre eles deve ser delimitada depois; agora, no entanto, que isto fique manifesto: ambos estão no domínio das coisas que vêm a ser em vista de algo); por exemplo: alguém que recobra um empréstimo poderia ter vindo em vista do retomar o dinheiro, se soubesse; no entanto, não foi em vista disso que ele veio, pelo contrário, sucedeu-lhe concomitantemente vir e fazer isso em vista do recobrar; mas isso não lhe sucede nem no mais das vezes, ao frequentar a praça, nem a partir de necessidade; e o desfecho, o ressarcimento, não se conta entre as causas que residiam nele mesmo, mas se conta entre as coisas suscetíveis de escolha e [*sc. que podem vir a ser*] a partir de pensamento;

- λέγεται γε τότε ἀπὸ τύχης ἐλθεῖν, εἰ δὲ προελόμενος καὶ
 τούτου ἕνεκα ἢ αἰεὶ φοιτῶν ἢ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ [κομιζόμε-
 5 νος], οὐκ ἀπὸ τύχης. δῆλον ἄρα ὅτι ἡ τύχη αἰτία κατὰ
 συμβεβηκὸς ἐν τοῖς κατὰ προαίρεσιν τῶν ἕνεκά του. διὸ
 περὶ τὸ αὐτὸ διάνοια καὶ τύχη· ἢ γὰρ προαίρεσις οὐκ ἄνευ
 διανοίας. ἀόριστα μὲν οὖν τὰ αἰτία ἀνάγκη εἶναι ἀφ' ὧν
 ἂν γένοιτο τὸ ἀπὸ τύχης. ὅθεν καὶ ἡ τύχη τοῦ ἀορίστου εἶναι
 10 δοκεῖ καὶ ἄδηλος ἀνθρώπῳ, καὶ ἔστιν ὡς οὐδὲν ἀπὸ τύχης
 δόξειεν ἂν γίνεσθαι. πάντα γὰρ ταῦτα ὀρθῶς λέγεται,
 εὐλόγως, ἔστιν μὲν γὰρ ὡς γίγνεται ἀπὸ τύχης· κατὰ συμ-
 βεβηκὸς γὰρ γίγνεται, καὶ ἔστιν αἰτίον ὡς συμβεβηκὸς ἢ
 15 τύχη· ὡς δ' ἀπλῶς οὐδενός· οἶον οἰκίας οἰκοδόμος μὲν αἰ-
 τιος, κατὰ συμβεβηκὸς δὲ αὐλητῆς, καὶ τοῦ ἐλθόντα κο-
 μίσασθαι τὸ ἀργύριον, μὴ τούτου ἕνεκα ἐλθόντα, ἄπειρα τὸ
 πλήθος· καὶ γὰρ ἰδεῖν τινὰ βουλόμενος καὶ διώκων καὶ φεύγων
 καὶ θεασόμενος. καὶ τὸ φάναι εἶναι τι παράλογον τὴν τύχην ὀρ-
 20 θῶς· ὁ γὰρ λόγος ἢ τῶν αἰεὶ ὄντων ἢ τῶν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, ἢ δὲ
 τύχη ἐν τοῖς γιγνομένοις παρὰ ταῦτα. ὥστ' ἐπεὶ ἀόριστα
 τὰ οὕτως αἰτία, καὶ ἡ τύχη ἀόριστον. ὅμως δ' ἐπ' ἐνίων
 ἀπορήσειεν ἂν τις, ἂρ' οὖν τὰ τυχόντα αἰτί' ἂν γένοιτο τῆς
 τύχης· οἶον ὑγείας ἢ πνεῦμα ἢ εἴλησις, ἀλλ' οὐ τὸ ἀποκε-
 25 βεβηκὸς αἰτίων. τύχη δὲ ἀγαθὴ μὲν λέγεται ὅταν ἀγα-
 θόν τι ἀποβῆ, φαῦλη δὲ ὅταν φαῦλόν τι, εὐτυχία δὲ

é assim nestas condições que ao menos se diz que veio a partir do acaso; no entanto, se ele veio depois de escolher e em vista daquilo, ou se ele frequenta o lugar sempre ou no mais das vezes <fazendo cobranças>, não se diz “a partir do acaso”.

[197a 5] É evidente, portanto, que o acaso é causa segundo concomitância, no domínio daquilo que é conforme escolha, das coisas que vêm a ser em vista de algo. Por isso, pensamento e acaso são a respeito do mesmo [domínio]: pois a escolha não é sem pensamento.

[197a 8] Assim, é necessário que estejam indeterminadas as causas a partir das quais vem a ser o que é a partir do acaso. Por isso, reputa-se que o acaso pertence ao indeterminável e é não-evidente ao homem, e de um certo modo pode-se plausivelmente reputar que nada vem a ser a partir do acaso. Pois tudo isso se diz de modo acertado, razoavelmente. Pois, de certo modo, é possível vir a ser a partir do acaso: pois vem a ser segundo concomitância, e o acaso é causa enquanto concomitante; no entanto, simplesmente sem mais, o acaso não é causa de nada; por exemplo: de casa, é o construtor que é causa, mas, segundo concomitância, é o flautista, e, do recobrar o dinheiro ao vir à praça, quando se vem não em vista disso, as causas são ilimitadas em número: pois [sc. pode vir à praça] querendo ver alguém, ou para acusar e se defender no tribunal, ou a fim de assistir a um espetáculo.

[197a 18] É correto dizer que o acaso é algo à parte da explicação: pois a explicação é ou das coisas que são sempre, ou das que são no mais das vezes, ao passo que o acaso está no domínio das coisas que vêm a ser à parte dessas. Por conseguinte, visto serem indetermináveis as coisas que são causas desse tipo, também o acaso é indeterminável.

[197a 21] Não obstante, em alguns casos, alguém poderia levantar a seguinte dificuldade: qualquer coisa que seja pode vir a ser causa do acaso? Por exemplo, da saúde, ou brisa, ou canícula, mas não o ter cortado os cabelos: pois, entre as coisas que são causas segundo concomitância, há algumas mais próximas que outras.

[197a 25] E se diz “bom acaso” quando algo bom resulta, mas se diz “acaso ruim” quando resulta algo ruim; assim como se diz “boa fortuna” e “infortúnio”

- καὶ δυστυχία ὅταν μέγεθος ἔχοντα ταῦτα· διὸ καὶ τὸ παρὰ
 μικρὸν κακὸν ἢ ἀγαθὸν λαβεῖν μέγα ἢ εὐτυχεῖν ἢ ἀτυ-
 χεῖν ἐστίν, ὅτι ὡς ὑπάρχον λέγει ἡ διάνοια· τὸ γὰρ παρὰ
 30 μικρὸν ὥσπερ οὐδὲν ἀπέχειν δοκεῖ. ἔτι ἀβέβαιον ἢ εὐτυχία
 εὐλόγως· ἢ γὰρ τύχη ἀβέβαιος· οὔτε γὰρ ἀεὶ οὔθ' ὡς ἐπὶ
 τὸ πολὺ οἶόν τ' εἶναι τῶν ἀπὸ τύχης οὐθέν. ἔστι μὲν οὖν ἀμφω
 αἷτια, καθάπερ εἴρηται, κατὰ συμβεβηκός—καὶ ἡ τύχη
 καὶ τὸ αὐτόματον—ἐν τοῖς ἐνδεχομένοις γίγνεσθαι μὴ ἀπλῶς
 35 μῆδ' ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ, καὶ τούτων ὅσ' ἂν γένοιτο ἕνεκά του.
 6. Διαφέρει δ' ὅτι τὸ αὐτόματον ἐπὶ πλείον ἐστι· τὸ μὲν
 γὰρ ἀπὸ τύχης πᾶν ἀπὸ ταῦτομάτου, τοῦτο δ' οὐ πᾶν
 197β I ἀπὸ τύχης· ἢ μὲν γὰρ τύχη καὶ τὸ ἀπὸ τύχης ἐστὶν ὅσοις
 καὶ τὸ εὐτυχεῖσθαι ἂν ὑπάρξειεν καὶ ὅλως πράξις. διὸ καὶ
 ἀνάγκη περὶ τὰ πρακτὰ εἶναι τὴν τύχην (σημεῖον δ' ὅτι
 δοκεῖ ἤτοι ταῦτόν εἶναι τῆ εὐδαιμονία ἢ εὐτυχία ἢ ἐγγύς,
 5 ἢ δ' εὐδαιμονία πράξις τις· εὐπραξία γάρ), ὥσθ' ὀπόσοις
 μὴ ἐνδέχεται πράξαι, οὐδὲ τὸ ἀπὸ τύχης τι ποιῆσαι. καὶ
 διὰ τοῦτο οὔτε ἀψυχον οὐδὲν οὔτε θηρίον οὔτε παιδίον οὐδὲν ποιεῖ
 ἀπὸ τύχης, ὅτι οὐκ ἔχει προαίρεσιν· οὐδ' εὐτυχία οὐδ' ἀτυ-
 χία ὑπάρχει τούτοις, εἰ μὴ καθ' ὁμοιότητα, ὥσπερ ἔφη
 10 Πρώταρχος εὐτυχεῖς εἶναι τοὺς λίθους ἐξ ὧν οἱ βωμοί, ὅτι
 τιμῶνται, οἱ δὲ ὁμόζυγες αὐτῶν καταπατοῦνται. τὸ δὲ
 πάσχειν ἀπὸ τύχης ὑπάρξει πως καὶ τούτοις, ὅταν ὁ πρᾶτ-
 των τι περὶ αὐτὰ πράξη ἀπὸ τύχης, ἄλλως δὲ οὐκ ἔστιν· τὸ

quando essas coisas têm grandeza; por isso, inclusive, por pouco quase apanhar um grande bem ou um grande mal é ter boa fortuna ou ser desafortunado, porque o pensamento os afirma como se estivessem presentes: pois o “por pouco” parece não ser nada distante.

[197a 30] Além disso, é razoável que a boa fortuna seja inconstante, pois o acaso é inconstante: pois nenhuma das coisas que são a partir do acaso pode ser sempre ou no mais das vezes.

[197a 32] Assim, conforme foi dito, ambos, tanto o acaso como o espontâneo, são causas segundo concomitância, no domínio das coisas que não podem vir a ser de maneira simples, nem no mais das vezes, e causas daquilo que poderia vir a ser em vista de algo.

Capítulo 6

[197a 36] No entanto, diferem porque o espontâneo é mais amplo: pois tudo que é a partir do acaso é a partir do espontâneo, mas nem tudo que é espontâneo é a partir do acaso. Pois o acaso e aquilo que é a partir de acaso encontram-se no domínio daquilo a que se pode atribuir o ser bem afortunado e, em geral, a ação. Por isso, inclusive, é necessário que o acaso seja concernente às ações factíveis (sinal disso é que a boa fortuna parece ser ou o mesmo que a felicidade, ou algo próximo, e a felicidade, por sua vez, é uma certa ação: pois é uma boa disposição em agir bem); por conseguinte, para aqueles aos quais não é possível agir, tampouco é possível produzir algo a partir do acaso.

[197b 6] E por isso, nenhum inanimado, tampouco besta alguma ou criança alguma fazem algo a partir do acaso, porque não dispõem de escolha; tampouco se lhes atribui boa fortuna ou infortúnio, a não ser segundo semelhança, tal como Protarco disse que são bem-aventuradas as pedras a partir das quais são feitos os altares, porque recebem honras, ao passo que suas vizinhas são pisoteadas.

[197b 11] No entanto, também a tais coisas é possível atribuir de certo modo o padecer a partir do acaso, quando quem age sobre elas agir a partir do acaso; mas, de outro modo, não é possível.

- δ' αὐτόματον καὶ τοῖς ἄλλοις ζώοις καὶ πολλοῖς τῶν ἀψύ-
 15 χων, οἷον ὁ ἵππος αὐτόματος, φαμέν, ἦλθεν, ὅτι ἐσωθή-
 μὲν ἐλθῶν, οὐ τοῦ σωθῆναι δὲ ἔνεκα ἦλθε· καὶ ὁ τρίπους αὐτό-
 ματος κατέπεσεν· ἔστη μὲν γὰρ τοῦ καθῆσθαι ἔνεκα, ἀλλ'
 οὐ τοῦ καθῆσθαι ἔνεκα κατέπεσεν. ὥστε φανερόν ὅτι ἐν τοῖς
 20 ἀπλῶς ἔνεκά του γιγνομένοις, ὅταν μὴ τοῦ συμβάντος ἔνεκα γέ-
 νηται ὧν ἔξω τὸ αἴτιον, τότε ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου λέγομεν· ἀπὸ
 τύχης δέ, τούτων ὅσα ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου γίγνεται τῶν προαι-
 ρετῶν τοῖς ἔχουσι προαίρεσιν. σημεῖον δὲ τὸ μάτην, ὅτι λέγε-
 ται ὅταν μὴ γένηται τὸ ἔνεκα ἄλλου ἐκείνου ἔνεκα, οἷον εἰ τὸ
 βαδίσαι λαπάξεως ἔνεκά ἐστιν, εἰ δὲ μὴ ἐγένετο βαδίσαντι,
 25 μάτην φαμέν βαδίσαι καὶ ἡ βιάδισις ματαιαία, ὡς τοῦτο ὄν
 τὸ μάτην, τὸ πεφυκὸς ἄλλου ἔνεκα, ὅταν μὴ περαίνῃ ἐκεῖνο
 οὐδ' ἔνεκα ἦν καὶ ἐπεφύκει, ἐπεὶ εἴ τις λούσασθαι φαίῃ μάτην ὅτι
 οὐκ ἐξέλιπεν ὁ ἥλιος, γελοῖος ἂν εἴῃ· οὐ γὰρ ἦν τοῦτο ἐκεῖ-
 νου ἔνεκα. οὕτω δὴ τὸ αὐτόματον καὶ κατὰ τὸ ὄνομα ὅταν
 30 αὐτὸ μάτην γένηται· κατέπεσεν γὰρ οὐ τοῦ πατάξαι ἔνεκα
 ὁ λίθος· ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου ἄρα κατέπεσεν ὁ λίθος, ὅτι
 πέσοι ἂν ὑπὸ τινὸς καὶ τοῦ πατάξαι ἔνεκα. μάλιστα δ'
 ἐστὶ χωριζόμενον τοῦ ἀπὸ τύχης ἐν τοῖς φύσει γιγνομένοις·
 ὅταν γὰρ γένηται τι παρὰ φύσιν, τότε οὐκ ἀπὸ τύχης
 35 ἀλλὰ μᾶλλον ἀπὸ ταυτομάτου γεγονέναι φαμέν. ἐστὶ
 δὲ καὶ τοῦτο ἕτερον· τοῦ μὲν γὰρ ἔξω τὸ αἴτιον, τοῦ δ'
 ἐντός.
- 198^a I τί μὲν οὖν ἐστὶν τὸ αὐτόματον καὶ τί ἡ τύχη, εἴρηται,
 καὶ τί διαφέρουσιν ἀλλήλων. τῶν δὲ τρόπων τῆς αἰτίας ἐν
 τοῖς ὅθεν ἡ ἀρχὴ τῆς κινήσεως ἐκάτερον αὐτῶν· ἡ γὰρ τῶν
 φύσει τι ἢ τῶν ἀπὸ διανοίας αἰτίων ἀεὶ ἐστὶν· ἀλλὰ τούτων

[197b 13] O espontâneo, por sua vez, se atribui também aos outros animais e mesmo a muitos dos inanimados; por exemplo, o cavalo, dizemos, veio espontaneamente, porque salvou-se ao vir; não obstante, ele não veio em vista do ser salvo; também o tripé caiu espontaneamente: pois ficou em pé em vista do servir de assento, mas não caiu em vista do servir de assento.

[197b 18] Por conseguinte, é manifesto que, no domínio das coisas que vêm a ser simplesmente em vista de algo, quando algo cuja causa é externa vem a ser não em vista daquilo que resulta, dizemos então “a partir do espontâneo”; “a partir do acaso”, por sua vez, dizemos quando vêm a ser as coisas (entre as suscetíveis de escolha) que vêm a ser a partir do espontâneo para os que dispõem de escolha.

[197b 22] Sinal disso é o “em vão”, porque é dito quando aquilo que é em vista de outra coisa não vem a ser em vista dela, por exemplo, se o caminhar é em vista da evacuação, e se esta não vier a ser para aquele que caminhou, dizemos ter caminhado em vão e a caminhada se diz vã, como se aquilo que é em vão fosse isto, a saber, o item que por natureza surgiria em vista de outro, no caso em que não conclui aquilo em vista de que era e surgiu – uma vez que seria ridículo quem dissesse que se banhou em vão, porque o sol não sofreu eclipse: pois aquilo não era em vista disso.

[197b 29] Assim, com efeito, o espontâneo, inclusive conforme a denominação, se dá quando a própria coisa vem a ser em vão; pois a pedra caiu não em vista do vulnerar: portanto, foi a partir do espontâneo que a pedra caiu, porque ela poderia ter caído também em vista do vulnerar, por obra de alguém.

[197b 32] Mas é sobretudo no domínio das coisas que vêm a ser por natureza que o espontâneo se distingue daquilo que é a partir do acaso: pois, quando algo vem a ser contra natureza, não dizemos que veio a ser a partir do acaso, mas, antes, a partir do espontâneo. Também é diverso o seguinte: de um, a causa é externa, mas, do outro, é interna.

[198a 1] Está dito, portanto, o que é o espontâneo e o que é o acaso, e em que se diferenciam um do outro. Por outro lado, entre os modos de causalidade, ambos estão no domínio das causas de onde procede o começo do movimento: pois contam-se sempre entre as causas por natureza ou entre as causas a partir

- 5 τὸ πλήθος ἀόριστον. ἐπεὶ δ' ἐστὶ τὸ αὐτόματον καὶ ἡ τύχη
αἷτια ὧν ἂν ἡ νοῦς γένοιτο αἷτιος ἢ φύσις, ὅταν κατὰ συμ-
βεβηκὸς αἷτιόν τι γένηται τούτων αὐτῶν, οὐδὲν δὲ κατὰ συμ-
βεβηκὸς ἐστὶ πρότερον τῶν καθ' αὐτό, δηλὸν ὅτι οὐδὲ τὸ κατὰ
συμβεβηκὸς αἷτιον πρότερον τοῦ καθ' αὐτό. ὕστερον ἄρα τὸ
10 αὐτόματον καὶ ἡ τύχη καὶ νοῦ καὶ φύσεως· ὥστ' εἰ ὅτι μά-
λιστα τοῦ οὐρανοῦ αἷτιον τὸ αὐτόματον, ἀνάγκη πρότερον
νοῦν αἷτιον καὶ φύσιν εἶναι καὶ ἄλλων πολλῶν καὶ τοῦδε
τοῦ παντός.
7. Ὅτι δὲ ἐστὶν αἷτια, καὶ ὅτι τοσαῦτα τὸν ἀριθμὸν ὅσα
15 φαμέν, δηλὸν· τοσαῦτα γὰρ τὸν ἀριθμὸν τὸ διὰ τί περιεί-
ληφεν ἢ γὰρ εἰς τὸ τί ἐστὶν ἀνάγεται τὸ διὰ τί ἔσχατον,
ἐν τοῖς ἀκινήτοις (οἶον ἐν τοῖς μαθήμασιν· εἰς ὀρισμὸν γὰρ
τοῦ εὐθέος ἢ συμμετρου ἢ ἄλλου τινὸς ἀνάγεται ἔσχατον),
ἢ εἰς τὸ κινήσαν πρῶτον (οἶον διὰ τί ἐπολέμησαν; ὅτι ἐσύ-
20 λησαν), ἢ τίνος ἕνεκα (ἴνα ἀρξῶσιν), ἢ ἐν τοῖς γιγνομένοις ἢ
ὑλῃ. ὅτι μὲν οὖν τὰ αἷτια ταῦτα καὶ τοσαῦτα, φανερόν·
ἐπεὶ δ' αἱ αἷτῆαι τέτταρες, περὶ πασῶν τοῦ φυσικοῦ εἰδέναί,
καὶ εἰς πάσας ἀνάγων τὸ διὰ τί ἀποδώσει φυσικῶς, τὴν
ὑλῆν, τὸ εἶδος, τὸ κινήσαν, τὸ οὐ ἕνεκα. ἔρχεται δὲ τὰ τρία
25 εἰς [τὸ] ἐν πολλάκις· τὸ μὲν γὰρ τί ἐστὶ καὶ τὸ οὐ ἕνεκα ἐν
ἐστὶ, τὸ δ' ὅθεν ἢ κίνησις πρῶτον τῷ εἶδει ταῦτ' οὕτοις· ἄν-
θρωπος γὰρ ἄνθρωπον γεννᾷ—καὶ ὅλως ὅσα κινούμενα κινεῖ
(ὅσα δὲ μὴ, οὐκέτι φυσικῆς· οὐ γὰρ ἐν αὐτοῖς ἔχοντα κίνησιν
οὐδ' ἀρχὴν κινήσεως κινεῖ, ἀλλ' ἀκίνητα ὄντα· διὸ τρεῖς αἱ
30 πραγματεῖαι, ἢ μὲν περὶ ἀκινήτων, ἢ δὲ περὶ κινουμένων μὲν

do pensamento. O número delas, no entanto, é indeterminável. Visto que é das coisas de que a inteligência e a natureza poderiam vir a ser causas que o espontâneo e o acaso são causas, quando algo vem a ser segundo concomitância causa das mesmas, e visto que nada que é segundo concomitância é anterior às coisas que são em si mesmas, evidentemente tampouco aquilo que é causa segundo concomitância é anterior ao que é em si mesmo causa. Portanto, o acaso e o espontâneo são posteriores a inteligência e natureza. Por conseguinte, ainda que o espontâneo fosse causa do céu, seria necessário que inteligência e natureza fossem causas anteriores de diversas outras coisas e também deste todo.

Capítulo 7

[198a 14] É evidente que há causas, e tantas em número quantas afirmamos. Pois o *por quê* compreende um tal número: pois o *por quê* último ou se reporta ao *quê é*, entre as coisas não suscetíveis de movimento (por exemplo, nas matemáticas: pois é à definição de retilíneo, ou de comensurável, ou de algum outro, que em última instância se reporta), ou àquilo que moveu primeiramente (por exemplo, por que fizeram guerra? Porque saquearam), ou ao em vista de *quê* (a fim de que tivessem o mando), ou, no domínio daquilo que vem a ser, a matéria.

[198a 21] É manifesto, portanto, que as causas são essas e tantas; e uma vez que as causas são quatro, compete ao estudioso da natureza conhecer todas, e ele há de explicar o *por quê* de maneira própria à ciência natural na medida em que se reportar a todas elas, a matéria, a forma, aquilo que moveu, aquilo em vista de que.

[198a 24] Mas, muitas vezes, três convergem para uma só: pois o *quê é* e aquilo *em vista de que* são uma só, e lhes é idêntico em forma aquilo de onde procede primeiramente o movimento: pois um homem gera um homem – e, em geral, tudo quanto move sendo movido (mas tudo quanto move sem ser movido, não mais compete à ciência natural: pois não é por terem em si mesmos movimento ou princípio de movimento que movem, mas, pelo contrário, sendo imóveis; por isso, são três os empreendimentos, um a respeito de coisas não suscetíveis ao movimento, outro, por sua vez, a respeito de coisas que se movem,

- ἀφθάρτων δέ, ἢ δὲ περὶ τὰ φθαρτά). ὥστε τὸ διὰ τί καὶ
 εἰς τὴν ὕλην ἀνάγοντι ἀποδίδονται, καὶ εἰς τὸ τί ἐστίν, καὶ
 εἰς τὸ πρῶτον κινήσαν. περὶ γενέσεως γὰρ μάλιστα τοῦτον
 τὸν τρόπον τὰς αἰτίας σκοποῦσι, τί μετὰ τί γίγνεται, καὶ τί
 35 πρῶτον ἐποίησεν ἢ τί ἔπαθεν, καὶ οὕτως αἰεὶ τὸ ἐφεξῆς. διτταὶ
 δὲ αἱ ἀρχαὶ αἱ κινουσαι φυσικῶς, ὧν ἡ ἑτέρα οὐ φυσικὴ· οὐ
 198β I γὰρ ἔχει κινήσεως ἀρχὴν ἐν αὐτῇ. τοιοῦτον δ' ἐστὶν εἴ τι κι-
 νεῖ μὴ κινούμενον, ὥσπερ τό τε παντελῶς ἀκίνητον καὶ [τὸ]
 πάντων πρῶτον καὶ τὸ τί ἐστίν καὶ ἡ μορφή· τέλος γὰρ καὶ
 οὐ ἔνεκα· ὥστε ἐπεὶ ἡ φύσις ἔνεκά του, καὶ ταύτην εἰδέναι
 5 δεῖ, καὶ πάντως ἀποδοτέον τὸ διὰ τί, οἷον ὅτι ἐκ τοῦδε
 ἀνάγκη τὸδε (τὸ δὲ ἐκ τοῦδε ἢ ἀπλῶς ἢ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ),
 καὶ εἰ μέλλει τοδὶ ἔσεσθαι (ὥσπερ ἐκ τῶν προτάσεων τὸ
 συμπέρασμα), καὶ ὅτι τοῦτ' ἦν τὸ τί ἦν εἶναι, καὶ διότι βέλ-
 τιον οὕτως, οὐχ ἀπλῶς, ἀλλὰ τὸ πρὸς τὴν ἐκάστου οὐσίαν.
- 10 8. Λεκτέον δὴ πρῶτον μὲν διότι ἡ φύσις τῶν ἔνεκά του
 αἰτίων, ἔπειτα περὶ τοῦ ἀναγκαίου, πῶς ἔχει ἐν τοῖς φυσι-
 κοῖς· εἰς γὰρ ταύτην τὴν αἰτίαν ἀνάγουσι πάντες, ὅτι ἐπειδὴ
 τὸ θερμὸν τοιονδὶ πέφυκεν καὶ τὸ ψυχρὸν καὶ ἕκαστον δὴ τῶν
 τοιούτων, ταδὶ ἐξ ἀνάγκης ἐστὶ καὶ γίγνεται· καὶ γὰρ ἐὰν
 15 ἄλλην αἰτίαν εἴπωσιν, ὅσον ἀψάμενοι χαίρειν ἐῶσιν, ὁ μὲν
 τὴν φιλίαν καὶ τὸ νεῖκος, ὁ δὲ τὸν νοῦν· ἔχει δ' ἀπορίαν τί
 κωλύει τὴν φύσιν μὴ ἔνεκά του ποιεῖν μῆδ' ὅτι βέλτιον, ἀλλ'
 ὥσπερ ὕει ὁ Ζεὺς οὐχ ὅπως τὸν σίτον αὐξήσῃ, ἀλλ' ἐξ

mas são incorruptíveis e, enfim, outro a respeito de coisas corruptíveis). Por conseguinte, o *por quê* é explicado por alguém na medida em que se reporta à matéria, na medida em que se reporta ao *quê é* e na medida em que se reporta àquilo que primeiramente moveu. Pois, a respeito do vir a ser, é sobretudo neste último modo que procuram as causas: “o que vem a ser depois do que?”, ou “o que inicialmente agiu?” ou “o que padeceu?”, e assim deste modo, continuamente, o item seguinte.

[198a 35] São dois os princípios que movem naturalmente, dos quais um não é natural: pois não tem princípio de movimento em si mesmo. E algo é de tal tipo na medida em que move sem ser movido, tal como aquilo que é inteiramente imóvel e primeiro entre todos, assim como o *quê é* e a forma: pois estes são acabamento e aquilo *em vista de que*, por conseguinte, uma vez que a natureza é em vista de algo, é preciso conhecer também essa causa, e deve-se explicar o *por quê* de todos os modos; por exemplo: “isto é necessário a partir disto” (“a partir disto”, ou simplesmente sem mais, ou no mais das vezes), “[isto é necessário] se isto há de ser o caso” (tal como a conclusão a partir das premissas), “[isto é necessário] porque o *quê era ser* era isto” e “[isto é necessário] porque é melhor assim deste modo” (não simplesmente sem mais, mas aquilo que é melhor para a essência de cada um).

Capítulo 8

[198b 10] Pois bem: deve-se dizer, primeiramente, por que a natureza se conta entre as causas que são em vista de algo e, em seguida, a respeito do necessário, de que modo ele se comporta no domínio dos entes naturais; pois todos reportam-se a essa causa: “visto que o quente é naturalmente de tal qualidade – assim como o frio e, com efeito, cada um dos que são desse tipo –, tais e tais coisas são e vêm a ser por necessidade”; pois mesmo se enunciam uma outra causa, abandonam-na tão logo a tenham tocado, um, a amizade e o ódio, o outro, por sua vez, o intelecto.

[198b 16] Mas comporta dificuldade saber o que impediria a natureza de produzir não em vista de algo, nem porque é melhor, mas sim tal como Zeus faz chover, não a fim de que o trigo cresça, mas a partir de necessidade (pois é

- ἀνάγκης (τὸ γὰρ ἀναγκθὲν ψυχθῆναι δεῖ, καὶ τὸ ψυχθὲν
 20 ὕδωρ γενόμενον κατελθεῖν· τὸ δ' αὐξάνεσθαι τούτου γενομέ-
 νου τὸν σῖτον συμβαίνει), ὁμοίως δὲ καὶ εἴ τω ἀπόλλυται ὁ
 σῖτος ἐν τῇ ἄλφῃ, οὐ τούτου ἕνεκα ὕει ὅπως ἀπόληται, ἀλλὰ
 τοῦτο συμβέβηκεν—ὥστε τί κωλύει οὕτω καὶ τὰ μέρη ἔχειν
 ἐν τῇ φύσει, οἷον τοὺς ὀδόντας ἐξ ἀνάγκης ἀνατεῖλαι τοὺς
 25 μὲν ἐμπροσθίους ὀξεῖς, ἐπιτηδείους πρὸς τὸ διαιρεῖν, τοὺς δὲ
 γομφίους πλατεῖς καὶ χρησίμους πρὸς τὸ λεαίνειν τὴν τροφήν,
 ἐπεὶ οὐ τούτου ἕνεκα γενέσθαι, ἀλλὰ συμπεσεῖν· ὁμοίως δὲ
 καὶ περὶ τῶν ἄλλων μερῶν, ἐν ὅσοις δοκεῖ ὑπάρχειν τὸ ἕνεκά
 του. ὅπου μὲν οὖν ἅπαντα συνέβη ὥσπερ κἂν εἰ ἕνεκά του ἐγί-
 30 γνετο, ταῦτα μὲν ἐσώθη ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου συστάντα ἐπι-
 τηδείως· ὅσα δὲ μὴ οὕτως, ἀπώλετο καὶ ἀπόλλυται, κα-
 θάπερ Ἐμπεδοκλῆς λέγει τὰ βουγενῆ ἀνδρόπρωρα. ὁ μὲν
 οὖν λόγος, ὃ ἂν τις ἀπορήσειεν, οὗτος, καὶ εἴ τις ἄλλος
 τοιοῦτός ἐστιν· ἀδύνατον δὲ τοῦτον ἔχειν τὸν τρόπον. ταῦτα
 35 μὲν γὰρ καὶ πάντα τὰ φύσει ἢ αἰεὶ οὕτω γίγνεται ἢ ὡς ἐπὶ
 τὸ πολὺ, τῶν δ' ἀπὸ τύχης καὶ τοῦ αὐτομάτου οὐδέν. οὐ
 199a I γὰρ ἀπὸ τύχης οὐδ' ἀπὸ συμπτώματος δοκεῖ ὕειν πολλάκις
 τοῦ χειμῶνος, ἀλλ' ἐὰν ὑπὸ κύνα· οὐδὲ καύματα ὑπὸ κύνα,
 ἀλλ' ἂν χειμῶνος. εἰ οὖν ἢ ἀπὸ συμπτώματος δοκεῖ ἢ
 ἕνεκά του εἶναι, εἰ μὴ οἷόν τε ταυτ' εἶναι μῆτε ἀπὸ συμ-
 5 πτώματος μῆτ' ἀπὸ ταυτομάτου, ἕνεκά του ἂν εἴη. ἀλλὰ
 μὴν φύσει γ' ἐστὶ τὰ τοιαῦτα πάντα, ὡς κἂν αὐτοὶ φαῖεν
 οἱ ταῦτα λέγοντες. ἔστιν ἄρα τὸ ἕνεκά του ἐν τοῖς φύσει γι-
 γνομένοις καὶ οὖσιν. ἔτι ἐν ὅσοις τέλος ἔστι τι, τούτου ἕνεκα
 πράττεται τὸ πρότερον καὶ τὸ ἐφεξῆς. οὐκοῦν ὡς πράττεται,

preciso que se resfrie aquilo que foi levado para cima, e é preciso que aquilo que se resfriou, tendo se tornado água, volte; mas crescer o trigo, quando isso ocorre, sucede concomitantemente); semelhantemente, se o trigo de alguém perece na eira, não é em vista disso que chove, para que pereça, mas isso sucede concomitantemente – por conseguinte, o que impediria que também as partes na natureza se comportassem assim desse modo, por exemplo, que, a partir de necessidade, os dentes dianteiros se perfaçam agudos, propositados para o dividir, e os molares se perfaçam largos e úteis para aplainar o alimento, uma vez que não teriam vindo a ser em vista disso, mas antes teria coincido? Semelhantemente também no caso das demais partes, em todas nas quais parece se encontrar o *em vista de algo*. Assim, no domínio em que absolutamente tudo tivesse concomitantemente sucedido como se tivesse vindo a ser em vista de algo, as coisas teriam se conservado na medida em que teriam se constituído de maneira apropriada a partir do espontâneo; por outro lado, teriam perecido e pereceriam todas as coisas que não teriam vindo a ser assim desse modo, tal como Empédocles menciona os bovinos de face humana.

[198b 32] Assim, o argumento com o qual alguém poderia se embaraçar é esse, e qualquer outro que houver desse tipo. No entanto, é impossível que seja desse modo. Pois tais coisas, bem como todas as que são por natureza, ou sempre ou no mais das vezes vêm a ser dessa maneira, ao passo que, entre as coisas que são a partir do acaso ou do espontâneo, nenhuma vem a ser assim desse modo. Pois não se reputa que chove muitas vezes no inverno a partir de acaso e coincidência, mas sim se chove durante a canícula; tampouco se reputa que o calor durante a canícula é a partir de acaso e coincidência, mas sim se for no inverno. Ora, visto que se reputa que tais coisas são ou a partir de coincidência ou em vista de algo, se não é possível que elas sejam nem a partir de coincidência nem a partir do espontâneo, é plausível que elas sejam em vista de algo. Pois bem: todas as coisas desse tipo são por natureza – como diriam até mesmo os que afirmam aquelas teses. Portanto, o *em vista de algo* está presente nas coisas que são e vêm a ser por natureza.

[199a 8] Além disso, em tudo aquilo em que há algum acabamento, é em vista dele que se faz aquilo que é anterior e o seguinte. Pois bem: tal como se

- 10 οὕτω πέφυκε, καὶ ὡς πέφυκεν, οὕτω πράττεται ἕκαστον, ἂν
 μὴ τι ἐμποδίσῃ. πράττεται δ' ἕνεκά του καὶ πέφυκεν ἄρα
 ἕνεκά του. οἶον εἰ οἰκία τῶν φύσει γιγνομένων ἦν, οὕτως ἂν
 ἐγίγνετο ὡς νῦν ὑπὸ τῆς τέχνης· εἰ δὲ τὰ φύσει μὴ μόνον
 φύσει ἀλλὰ καὶ τέχνῃ γίγνοιτο, ὡσαύτως ἂν γίγνοιτο ἢ πέ-
 15 φυκεν. ἕνεκα ἄρα θατέρου θάτερον. ὅλως δὲ ἡ τέχνη τὰ
 μὲν ἐπιτελεῖ ἃ ἡ φύσις ἀδυνατεῖ ἀπεργάσασθαι, τὰ δὲ μι-
 μεῖται. εἰ οὖν τὰ κατὰ τέχνην ἕνεκά του, δηλον ὅτι
 καὶ τὰ κατὰ φύσιν· ὁμοίως γὰρ ἔχει πρὸς ἄλληλα
 ἐν τοῖς κατὰ τέχνην καὶ ἐν τοῖς κατὰ φύσιν τὰ ὕστερα πρὸς
 20 τὰ πρότερα. μάλιστα δὲ φανερόν ἐπὶ τῶν ζώων τῶν ἄλλων,
 ἃ οὔτε τέχνῃ οὔτε ζητήσαντα οὔτε βουλευσάμενα ποιεῖ ὅθεν
 διαποροῦσί τινες πότερον νῶ ἢ τινι ἄλλῳ ἐργάζονται οἷ τ' ἀρ-
 άχναι καὶ οἱ μύρμηκες καὶ τὰ τοιαῦτα. κατὰ μικρὸν δ'
 οὕτω προϊόντι καὶ ἐν τοῖς φυτοῖς φαίνεται τὰ συμφέροντα γι-
 25 γνόμενα πρὸς τὸ τέλος, οἶον τὰ φύλλα τῆς τοῦ καρποῦ ἕνεκα
 σκέπης. ὥστ' εἰ φύσει τε ποιεῖ καὶ ἕνεκά του ἡ χελιδὼν τὴν
 νεοπτιὰν καὶ ὁ ἀράχνης τὸ ἀράχνιον, καὶ τὰ φυτὰ τὰ
 φύλλα ἕνεκα τῶν καρπῶν καὶ τὰς ρίζας οὐκ ἄνω ἀλλὰ
 κάτω τῆς τροφῆς, φανερόν ὅτι ἔστιν ἡ αἰτία ἡ τοι-
 30 αὔτη ἐν τοῖς φύσει γιγνομένοις καὶ οὖσιν. καὶ ἐπεὶ ἡ φύσις
 διττή, ἡ μὲν ὡς ὕλη ἢ δ' ὡς μορφή, τέλος δ' αὔτη, τοῦ
 τέλους δὲ ἕνεκα τᾶλλα, αὔτη ἂν εἴη ἡ αἰτία, ἡ οὖν ἕνεκα.
 ἁμαρτία δὲ γίγνεται καὶ ἐν τοῖς κατὰ τέχνην (ἔγραψε γὰρ
 οὐκ ὀρθῶς ὁ γραμματικὸς, καὶ ἐπότισεν [οὐκ ὀρθῶς] ὁ ἰατρὸς
 35 τὸ φάρμακον), ὥστε δηλον ὅτι ἐνδέχεται καὶ ἐν τοῖς κατὰ
 199β I φύσιν. εἰ δὴ ἔστιν ἕνια κατὰ τέχνην ἐν οἷς τὸ ὀρθῶς ἕνεκά
 του, ἐν δὲ τοῖς ἁμαρτανομένοις ἕνεκα μὲν τινος ἐπιχειρεῖ-
 ται ἀλλ' ἀποτυγχάνεται, ὁμοίως ἂν ἔχοι καὶ ἐν τοῖς φυ-

faz, assim mesmo é que por natureza surge e, assim como surge por natureza, do mesmo modo se faz cada coisa, se algo não impedir. E se faz em vista de algo: portanto, também surge por natureza em vista de algo. Por exemplo: se casa se contasse entre aquilo que por natureza vem a ser, viria a ser do mesmo modo tal como agora vem a ser pela técnica; por outro lado, se as coisas que são por natureza vierem a ser não apenas por natureza, mas também por técnica, é plausível que venham a ser do mesmo modo pelo qual surgem por natureza. Portanto, uma coisa é em vista de outra coisa. Em geral, a técnica perfaz algumas coisas – aquelas que a natureza é incapaz de elaborar – e imita outras. Assim, se as coisas que são conforme à técnica são em vista de algo, evidentemente também o são as coisas conforme à natureza: pois os itens posteriores e os itens anteriores comportam-se entre si de maneira semelhante nas coisas conforme à técnica e nas coisas conforme à natureza.

[199a 20] Isso é manifesto sobretudo no caso dos outros animais, que produzem não por técnica, tampouco depois de ter examinado ou deliberado. A partir disso, alguns se embaraçam em saber se é com inteligência ou com algo diverso que operam as aranhas, as formigas e outros desse tipo. E a quem passo a passo procede dessa maneira, é manifesto que até mesmo nas plantas surgem coisas convenientes ao acabamento, como, por exemplo, as folhas em vista da proteção do fruto. Por conseguinte, se é por natureza e em vista de algo que a andorinha faz o ninho, assim como a aranha faz a teia, bem como as plantas fazem as folhas em vista dos frutos, e as raízes para baixo, não para cima, em vista do alimento, é manifesto que há uma causa de tal tipo nas coisas que vêm a ser e são por natureza. E uma vez que a natureza é dupla, uma como matéria, outra, como forma, e uma vez que esta última é acabamento e as demais coisas são em vista do acabamento, é ela que é a causa em vista de que.

[199a 33] O erro ocorre até mesmo nas coisas que são conforme à técnica (pois o escrivão escreveu de modo incorreto, e o médico incorretamente deu de beber a droga), de modo que, evidentemente, pode ocorrer também nas coisas que são conforme à natureza. Assim, visto que há algumas coisas conforme à técnica nas quais sucede corretamente o *em vista de algo*, ao passo que nos produtos falhos tenta-se algo em vista de algo, mas não se acerta, é plausível que

- σικοῖς, καὶ τὰ τέρατα ἀμαρτήματα ἐκείνου τοῦ ἕνεκά του.
- 5 καὶ ἐν ταῖς ἐξ ἀρχῆς ἄρα συστάσεσι τὰ βουγενῆ, εἰ μὴ
 πρὸς τινα ὄρον καὶ τέλος δυνατὰ ἦν ἐλθεῖν, διαφθειρομένης
 ἂν ἀρχῆς τινὸς ἐγίγνετο, ὥσπερ νῦν τοῦ σπέρματος. ἔτι
 ἀνάγκη σπέρμα γενέσθαι πρῶτον, ἀλλὰ μὴ εὐθὺς τὰ ζῶα·
 καὶ τὸ "οὐλοφυῆς μὲν πρῶτα" σπέρμα ἦν. ἔτι καὶ ἐν τοῖς
- 10 φυτοῖς ἕνεστι τὸ ἕνεκά του, ἦττον δὲ διήρθρωται· πότερον
 οὖν καὶ ἐν τοῖς φυτοῖς ἐγίγνετο, ὥσπερ τὰ βουγενῆ ἀνδρό-
 πρῳρα, οὕτω καὶ ἀμπελογενῆ ἐλαιόπρῳρα, ἢ οὐ; ἄτοπον
 γάρ· ἀλλὰ μὴν ἔδει γε, εἴπερ καὶ ἐν τοῖς ζῴοις. ἔτι ἔδει
 καὶ ἐν τοῖς σπέρμασι γίγνεσθαι ὅπως ἔτυχεν· ὅλως δ' ἀναίρει
- 15 ὁ οὕτως λέγων τὰ φύσει τε καὶ φύσιν· φύσει γάρ, ὅσα
 ἀπὸ τινος ἐν αὐτοῖς ἀρχῆς συνεχῶς κινούμενα ἀφικνεῖται
 εἰς τι τέλος· ἀφ' ἐκάστης δὲ οὐ τὸ αὐτὸ ἐκάστοις οὐδὲ τὸ
 τυχόν, ἀεὶ μέντοι ἐπὶ τὸ αὐτό, ἂν μὴ τι ἐμποδίσῃ. τὸ
 δὲ οὐ ἕνεκα, καὶ ὁ τούτου ἕνεκα, γένοιτο ἂν καὶ ἀπὸ τύ-
- 20 χης, οἷον λέγομεν ὅτι ἀπὸ τύχης ἦλθεν ὁ ξένος καὶ λυ-
 σάμενος ἀπῆλθεν, ὅταν ὥσπερ ἕνεκα τούτου ἐλθὼν πράξῃ,
 μὴ ἕνεκα δὲ τούτου ἔλθῃ. καὶ τοῦτο κατὰ συμβεβηκός
 (ἢ γὰρ τύχη τῶν κατὰ συμβεβηκὸς αἰτίων, καθάπερ καὶ
 πρότερον εἵπομεν), ἀλλ' ὅταν τοῦτο αἰεὶ ἢ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ γέ-
- 25 νηται, οὐ συμβεβηκὸς οὐδ' ἀπὸ τύχης· ἐν δὲ τοῖς φυσι-
 κοῖς ἀεὶ οὕτως, ἂν μὴ τι ἐμποδίσῃ. ἄτοπον δὲ τὸ μὴ οἶε-
 σθαι ἕνεκά του γίγνεσθαι, εἰ μὴ ἴδωσι τὸ κινοῦν βουλευ-
 σάμενον. καίτοι καὶ ἡ τέχνη οὐ βουλεύεται· καὶ εἰ ἐνῆν
 ἐν τῷ ξύλῳ ἢ ναυπηγικῇ, ὁμοίως ἂν τῇ φύσει ἐποίει· ὥστ'

seja do mesmo modo também entre as coisas naturais, e que os monstros sejam falhas de um certo *em vista de algo*. Portanto, também nas constituições do começo, se os bovinos não tivessem sido capazes de ter chegado a alguma definição e acabamento, eles teriam surgido pelo fato de algum princípio ter sido destruído, assim como, agora, surgem mostros quando a semente se destrói...

[199b 7] Além disso, é necessário que primeiramente venha a ser semente, mas não imediatamente os animais: até mesmo o “inicialmente informe” era semente.

[199b 9] Além disso, também nas plantas há o *em vista de algo*, embora seja menos articulado; então, será que também entre as plantas, tal como os bovinos com fronte humana, semelhantemente vieram a ser vinhas com fronde de oliveiras, ou não? Pois seria absurdo: no entanto, seria preciso, se de fato também o fosse entre os animais...

[199b 13] Além disso, seria preciso que também entre as sementes viesse a ser de qualquer maneira que fosse. Em geral, quem se pronuncia assim dessa maneira suprime as coisas que são por natureza e a natureza: pois são por natureza todas as coisas que, movidas continuamente a partir de algum princípio nelas mesmas, chegam a algum acabamento; a partir de cada princípio, não é o mesmo acabamento para cada um, nem qualquer acabamento que coincidir; entretanto, se nada impedir, sempre se há de chegar ao mesmo acabamento. E o *em vista de que*, bem como aquilo que é em vista dele, poderiam vir a ser inclusive a partir do acaso, tal como dizemos que o estrangeiro veio a partir do acaso e, tendo pago o resgate, partiu, quando ele age como se tivesse vindo em vista disso, embora não tenha vindo em vista disso. E isso é segundo concomitância (pois o acaso se conta entre as causas segundo concomitância, conforme já anteriormente dissemos), mas, quando isso vem a ser ou sempre ou no mais das vezes, não é concomitante, nem é a partir do acaso; no entanto, nas coisas naturais, é sempre assim, se algo não impedir.

[199b 26] É absurdo julgar que não vem a ser em vista de algo, quando não se percebe que o movente tenha deliberado. Ora, mesmo a técnica não delibera: com efeito, se a técnica de construir navio estivesse inerente na madeira, ela haveria de produzir de modo semelhante à natureza; por conseguinte, visto que

- 30 εἰ ἐν τῇ τέχνῃ ἔνεστι τὸ ἕνεκά του, καὶ ἐν τῇ φύσει. μάλιστα δὲ δῆλον, ὅταν τις ἰατρούη αὐτὸς ἑαυτὸν· τούτῳ γὰρ ἔοικει ἢ φύσις· ὅτι μὲν οὖν αἰτία ἢ φύσις, καὶ οὕτως ὡς ἕνεκά του, φανερόν.
9. Τὸ δ' ἐξ ἀνάγκης πότερον ἐξ ὑποθέσεως ὑπάρχει
- 35 ἢ καὶ ἀπλῶς; νῦν μὲν γὰρ οἴονται τὸ ἐξ ἀνάγκης εἶναι
- 200a I ἐν τῇ γενέσει ὡσπερ ἂν εἴ τις τὸν τοῖχον ἐξ ἀνάγκης γε-
γενῆσθαι νομίζοι, ὅτι τὰ μὲν βαρέα κάτω πέφυκε φέρε-
σθαι τὰ δὲ κοῦφα ἐπιπολῆς, διὸ οἱ λίθοι μὲν κάτω καὶ τὰ
θεμέλια, ἢ δὲ γῆ ἄνω διὰ κουφότητα, ἐπιπολῆς δὲ μάλιστα
- 5 τὰ ξύλα· κουφότατα γάρ· ἀλλ' ὅμως οὐκ ἄνευ μὲν τούτων
γέγονεν, οὐ μέντοι διὰ ταῦτα πλην ὡς δι' ὕλην, ἀλλ' ἕνεκα
τοῦ κρύπτειν ἅττα καὶ σώζειν· ὁμοίως δὲ καὶ ἐν τοῖς ἄλλοις
πᾶσιν, ἐν ὅσοις τὸ ἕνεκά του ἔστιν, οὐκ ἄνευ μὲν τῶν ἀναγ-
καίαν ἐχόντων τὴν φύσιν, οὐ μέντοι γε διὰ ταῦτα ἀλλ' ἢ ὡς
- 10 ὕλην, ἀλλ' ἕνεκά του, οἷον διὰ τί ὁ πρίων τοιοσδί; ὅπως τοδί
καὶ ἕνεκα τουδί· τοῦτο μέντοι τὸ οὐ ἕνεκα ἀδύνατον γενέσθαι,
ἂν μὴ σιδηροῦς ἢ ἀνάγκη ἄρα σιδηροῦν εἶναι, εἰ πρίων ἔσται
καὶ τὸ ἔργον αὐτοῦ· ἐξ ὑποθέσεως δὲ τὸ ἀναγκαῖον, ἀλλ' οὐχ
ὡς τέλος· ἐν γὰρ τῇ ὕλῃ τὸ ἀναγκαῖον, τὸ δ' οὐ ἕνεκα ἐν
- 15 τῷ λόγῳ· ἔστι δὲ τὸ ἀναγκαῖον ἔν τε τοῖς μαθήμασι καὶ ἐν
τοῖς κατὰ φύσιν γιγνομένοις τρόπον τινὰ παραπλησίως· ἐπεὶ
γὰρ τὸ εὐθύ τοδί ἐστιν, ἀνάγκη τὸ τρίγωνον δύο ὀρθαῖς ἴσας
ἔχειν· ἀλλ' οὐκ ἐπεὶ τοῦτο, ἐκεῖνο· ἀλλ' εἴ γε τοῦτο μὴ ἔστιν,

na técnica está presente o *em vista de algo*, também está presente na natureza. Isso é evidente sobretudo quando alguém se cura a si mesmo: pois a natureza se assemelha a isso.

[199b 32] Portanto, é manifesto que a natureza é causa, e que é causa assim deste modo: como *em vista de algo*.

Capítulo 9

[199b 34] E aquilo que é por necessidade, será que se dá a partir de hipótese ou também absolutamente? Com efeito, agora julgam que o *por necessidade* está presente no vir a ser tal como se alguém considerasse que uma parede teria vindo a ser por necessidade, porque as coisas pesadas são naturalmente levadas para baixo, ao passo que as leves são naturalmente levadas à camada de cima, pelo que, as pedras e os alicerces estariam em baixo, ao passo que a terra, devido à leveza, estaria acima e, ainda mais no topo, as madeiras (pois são mais leves).

[200a 5] Entretanto, é verdade que, sem essas coisas, a parede não vem a ser; todavia, não é devido a tais coisas que ela vem a ser, senão como que devido à matéria; pelo contrário, ela vem a ser em vista do esconder e conservar certas coisas. Semelhantemente, também todas as demais coisas nas quais está presente o *em vista de algo* não se geram sem os itens que possuem uma natureza necessária, mas, no entanto, não são, com certeza, devido a esses itens, a não ser como matéria, mas sim são antes em vista de algo. Por exemplo: por que o serrote é assim de tal e tal tipo? Para isso é em vista disso. Entretanto, é impossível que isso – o *em vista de que* – venha a ser, se não for de ferro; portanto, é necessário que seja de ferro, se há de ser serrote e se há de haver a função dele. Pois bem: aquilo que é necessário se dá a partir de hipótese, mas não como acabamento; pois é na matéria que está aquilo que é necessário, ao passo que o *em vista de que* está na definição.

[200a 15] O necessário é de certo modo similar nas matemáticas e nas coisas que vêm a ser conforme à natureza. Pois, visto que o retilíneo é tal e tal coisa, é necessário que o triângulo tenha ângulos iguais a dois retos. No entanto, não é verdade que “visto que isto é o caso, necessariamente aquilo é o caso”. Não

- οὐδὲ τὸ εὐθὺ ἔστιν. ἐν δὲ τοῖς γιγνομένοις ἕνεκά του ἀνάπαλιν,
 20 εἰ τὸ τέλος ἔσται ἢ ἔστι, καὶ τὸ ἔμπροσθεν ἔσται ἢ ἔστιν· εἰ
 δὲ μὴ, ὥσπερ ἐκεῖ μὴ ὄντος τοῦ συμπεράσματος ἢ ἀρχῆ
 οὐκ ἔσται, καὶ ἐνταῦθα τὸ τέλος καὶ τὸ οὐ ἕνεκα. ἀρχὴ γὰρ
 καὶ αὐτὴ, οὐ τῆς πράξεως ἀλλὰ τοῦ λογισμοῦ (ἐκεῖ δὲ τοῦ
 λογισμοῦ· πράξεις γὰρ οὐκ εἰσίν). ὥστ' εἰ ἔσται οἰκία, ἀνάγκη
 25 ταῦτα γενέσθαι ἢ ὑπάρχειν, ἢ εἶναι [ἢ] ὄλως τὴν ὕλην τὴν
 ἕνεκά του, οἶον πλίνθους καὶ λίθους, εἰ οἰκία· οὐ μέντοι διὰ
 ταῦτά ἐστι τὸ τέλος ἀλλ' ἢ ὡς ὕλην, οὐδ' ἔσται διὰ ταῦτα.
 ὄλως μέντοι μὴ ὄντων οὐκ ἔσται οὔθ' ἢ οἰκία οὔθ' ὁ πρίων, ἢ
 μὲν εἰ μὴ οἱ λίθοι, ὁ δ' εἰ μὴ ὁ σίδηρος· οὐδὲ γὰρ ἐκεῖ αἰ
 30 ἀρχαί, εἰ μὴ τὸ τρίγωνον δύο ὀρθαί. φανερόν δ' ἔστι τὸ
 ἀναγκαῖον ἐν τοῖς φυσικοῖς τὸ ὡς ὕλη λεγόμενον καὶ αἰ κι-
 νήσεις αἰ ταύτης. καὶ ἄμφω μὲν τῶ φυσικῶ λεκτέαι αἰ
 αἰτίαι, μᾶλλον δὲ ἢ τίνος ἕνεκα· αἴτιον γὰρ τοῦτο τῆς ὕλης,
 ἀλλ' οὐχ αὐτὴ τοῦ τέλους· καὶ τὸ τέλος τὸ οὐ ἕνεκα, καὶ ἢ
 35 ἀρχὴ ἀπὸ τοῦ ὀρισμοῦ καὶ τοῦ λόγου, ὥσπερ ἐν τοῖς κατὰ
 200β I τέχνῃν, ἐπεὶ ἢ οἰκία τοιόνδε, τάδε δεῖ γενέσθαι καὶ ὑπάρ-
 χειν ἐξ ἀνάγκης, καὶ ἐπεὶ ἢ ὑγίεια τοδί, τάδε δεῖ γενέ-
 σθαι ἐξ ἀνάγκης καὶ ὑπάρχειν—οὕτως καὶ εἰ ἀνθρώπος τοδί,

obstante, se precisamente isto não é verdadeiro, tampouco o retilíneo o é. Nas coisas que vêm a ser em vista de algo, é do mesmo modo: se o acabamento há de ser (ou é), também o que antecede há de ser (ou é); mas se o que antecede não for o caso, tal como lá o princípio não havia de ser o caso se a conclusão não fosse verdadeira, do mesmo modo aqui o acabamento e *o em vista de que* não hão de ser o caso. Pois também isso é princípio, não da ação, mas sim do raciocínio (lá, é princípio do raciocínio: pois não há ações).

[200a 24] Por conseguinte, se há de haver casa, é necessário que tais e tais coisas venham a ser ou estejam disponíveis, ou que seja inteiramente o caso a matéria que é em vista de algo; por exemplo, tijolos e pedras, se há de haver casa. Mas, no entanto, o acabamento não é devido a tais coisas (a não ser enquanto matéria), tampouco é devido a tais coisas que ele haveria de ser. Entretanto, se tais coisas em geral não forem o caso, nem a casa nem o serrote poderão ser o caso – aquela, se não houver pedras, este, se não houver ferro; pois tampouco lá seriam verdadeiros os princípios, se não fosse verdadeiro que o triângulo tem dois ângulos retos.

[200a 30] Pois bem: é manifesto que, nas coisas naturais, o que é necessário é aquilo que se enuncia como matéria, bem como os movimentos dela. E ambas as causas devem ser enunciadas pelo estudioso da natureza, mas, sobretudo, a em vista de que: pois ela é causa responsável pela matéria, ao passo que esta última não é causa responsável pelo acabamento; e o acabamento é o *em vista de que*, assim como é o princípio pela definição e pelo enunciado, tal como nas coisas que são conforme à técnica: visto que a casa é de tal e tal tipo, é preciso, por necessidade, que tais e tais coisas venham a ser e estejam disponíveis; visto que a saúde é tal e tal coisa, é preciso, por necessidade, que tais e tais coisas venham a ser e estejam disponíveis – assim, do mesmo modo, visto que o homem é tal e tal coisa, é preciso que tais e tais coisas venham a ser e estejam disponíveis; por sua vez, se estas últimas hão de ser o caso, é preciso que tais e tais outras venham a ser.

5 ταδί· εἰ δὲ ταδί, ταδί. ἴσως δὲ καὶ ἐν τῷ λόγῳ ἔστιν τὸ
ἀναγκαῖον. ὁρισαμένῳ γὰρ τὸ ἔργον τοῦ πρίειν ὅτι διαίρεσις
τοιαδί, αὕτη γ' οὐκ ἔσται, εἰ μὴ ἔξει ὀδόντας τοιουσδί· οὔτοι
δ' οὔ, εἰ μὴ σιδηροῦς. ἔστι γὰρ καὶ ἐν τῷ λόγῳ ἓνια μόρια
ὡς ὕλη τοῦ λόγου.

[200b 4] Mas certamente aquilo que é necessário está também na definição. Pois, para quem definiu que a função do serrar é uma divisão de tal e tal tipo, esta, precisamente, não poderá ser o caso, se não dispuser de dentes de tal e tal tipo; estes, por sua vez, não poderão ser o caso, se não forem de ferro. Pois também na definição há algumas partes como matéria da definição.

NOTAS

184a 23-24: os termos correlatos *katholou* e *kath' hekaston* foram traduzidos, conforme o modo habitual, por *universal* e *particular*. Não obstante, o uso desses termos nesta passagem contrasta com diversas outras. Para um tratamento mais detalhado, ver Angioni [2001a].

185a 16-17: a respeito dessas referências a problemas geométricos, cf. Ross [1966, p. 463-8]. Ver também *Ref. Sof.* 171b 12-18, 172a 2-7.

185a 20: para “*echei ... philosophian*”, Ross [1966, p. 467] sugere “é de interesse filosófico”. Anteriormente, eu traduzira por “comporta um apreço pelo saber”, por julgar que a palavra “filosofia” estaria sendo usada num sentido lato, próximo à sua etimologia (*estimar/ aspirar a saber*, ou *à sabedoria*). No entanto, creio que, em contextos como este, a palavra “*philosophia*” começa a adquirir uma acepção mais precisa no jargão aristotélico; ela é utilizada para designar um tipo específico de racionalidade, distinto das ciências e da dialética ordinária: uma discussão a respeito dos princípios.

185a 20-22: numa tradução mais literal, poderia ser respeitada a sintaxe original, em que uma oração interrogativa direta apresenta-se como predicativo de uma oração nominal: “O princípio mais apropriado entre todos é [a seguinte pergunta]: ‘de que modo afirmam os que afirmam que tudo é um?’”.

185b 9: em grego há duas palavras para vinho, *oinos* e *methy*. Ao invés de manter a anterior tradução, por “mosto e vinho” (a qual não consegue reproduzir o sentido da exemplificação introduzida por Aristóteles), traduzi por “cachaça e aguardente”...

185a 29-30: a tradução dessa passagem é particularmente difícil, porque as sutilezas que Aristóteles pretende refutar dependem estrita e exclusivamente da formulação na língua grega. O importante é saber que, em grego, há uma convertibilidade natural entre, de um lado, sentenças predicativas com o verbo *estí* ligando o sujeito ao predicado (“o homem é branco”) e, de outro, sentenças sem o verbo *estí*, com um verbo flexionado (*Ieleukotai*: “o homem branquejou-se/ está branquejado”). Ver Cobb [1973], p. 82-84, Sprague [1975], Kahn [1997], p. 67-8, 73 e Angioni [2000b], p. 161-163.

186a 15-16: sobre o significado dessas elípticas observações, que remetem a argumentos adversários não explicitados no texto de Aristóteles, ver Ross [1966, pp. 471-2].

186a 31: a locução “*distinto pelo ser*” (*toi einai heteron*), bastante usual em Aristóteles, se aplica a uma coisa na medida em que ela difere de outra *heterogeneamente*, pela sua *essência* ou *quididade*. O infinitivo *ser*, neste caso, remete *aquilo que algo é essencialmente em si mesmo*.

186b 5: traduzi com a emenda de Ross (“*ta alla*”) em 186b 5. Tal emenda, no entanto, embora melhore o texto, não é estritamente necessária, pois, sem ela, a sentença “*se aquilo que o ente precisamente é não ocorrer a nenhum outro, mas somente a ele mesmo*” faria pleno sentido. A premissa complementar que Ross introduz com sua emenda é claramente fornecida em 186b 6 através de um exemplo particular: “*pois se aquilo precisamente que o ente é for branco*”.

186b 8: a partícula *ara*, que traduzi, neste contexto, por “ora”, está longe de ser um mero conectivo lógico, “esvaziado” de qualquer coloração subjetiva; pelo contrário, ao introduzir as inconsistências e absurdos do argumento eleático, tal partícula exhibe claramente uma coloração irônica, aquilo que Denniston [1956, p. 38-39] chama de “descompromisso cético” com a tese inferida ou reportada na frase.

187b 13: em grego, o adjetivo quantitativo indeterminado, *hopelikonoun*, semelhante ao latim *quantumcumque*, quer dizer “de qualquer tamanho que houver” (em inglês, “howsoever great”, ou “of whatsoever size”); aqui, modificado pela expressão adverbial “*kata megethos kai mikroteta*” (“conforme a grandeza e a pequenez”), ele resulta em “de qualquer grandeza ou pequenez que houver”.

188a 4: sigo a emenda de Ross, que insere o advérbio negativo “*ou*” (“não”) em 188a 4. Sem a emenda, teríamos: “estando, porém, separados uns dos outros e não menos sendo, cada um deles, ilimitado”.

189a 18: lendo “*allon*” com EVS, tal como Charlton [1992, p. 46].

191b 20-21: lendo o texto dos códices, sem a emenda proposta por Laas e adotada por Ross.

194a 2: “cada um deles”, neste contexto, quer dizer: de um lado, os entes naturais, de outro, os entes matemáticos.

194a 31-32: traduzimos o significado mais geral: “tem final, em vista do qual veio a ser”; mas, em grego, a frase pode ser perfeitamente entendida como “tem morte, em vista da qual nasceu”. Aristóteles parece considerar o jogo de palavras como um artifício cômico de mau gosto (“*proechthe*” quer dizer “foi levado”, no sentido de “deixou-se levar, permitiu-se”).

195b 10: “estes itens”, que traduz “*tauta*”, remete às “coisas de que as causas são causas”.

196b 33-34: nesta passagem, a tradição manuscrita diverge em várias lições; adotei, com Ross, a lição *komizomenou* de J e dos comentadores antigos.

196b 34: “se soubesse”, como subentende o contexto, “que o seu devedor viria à praça”.

197a 21: a expressão “*ta houtos aitia*” está sendo *usada* para remeter às coisas que são “causas assim deste modo”, isto é, causas de eventos casuais. O predicativo “*aorista*” não afirma que tais coisas são indeterminadas em si mesmas; afirma apenas que são indeterminadas quanto à possibilidade de serem causas de um evento casual. Uma paráfrase explicativa seria a seguinte: “as coisas que se tornam causa desse tipo não estão definidas ou determinadas de antemão”, ou seja, “não se pode determinar de antemão quais coisas se tornam causas de um evento casual”. A expressão “*ta houtos aitia*” não está sendo *mencionada*, como se Aristóteles quisesse definir abstratamente o conceito de “causa casual”, isto é, como se ele quisesse dizer: “a causa desse tipo é causa indeterminada” (com efeito, o que significa dizer que uma causa é indeterminada? Esse predicado, “indeterminada”, pode ser aplicado ao conceito de “causa”, tal como os predicados “formal”, “material”, “suficiente”, etc.?).

197a 26: “boa fortuna” traduz “*euthychia*”, ao passo que “infortúnio” traduz “*dysthychia*”: em grego, “acaso” é “*thyche*”. Em português, infelizmente, perde-se a articulação etimológica imediata entre os termos originais.

197a 34: “*haplos*”, traduzido por “de maneira simples”, parece-me aqui ter o sentido de “*aei hosautos*” (“sempre do mesmo modo”), isto é, “de maneira simples” no sentido de não admitir variação contingente.

197a 36: a expressão “*epi pleion*”, aqui traduzida por “mais amplo”, faz parte do jargão da lógica aristotélica e designa algo como a extensão de aplicação de um conceito (“sobre um maior número [de casos]”).

197b 22: “espontâneo” traduz “*automaton*”, ao passo que “em vão” traduz “*maten*”, advérbio sobre o qual é formado o termo “*automaton*”. No texto original, há uma conexão etimológica imediata entre as duas noções, a qual é inevitavelmente perdida em nossa língua.

198a 31-33: tradução (e interpretação) alternativa: “por conseguinte, o *por quê* é explicado tanto por quem se reporta à matéria, como por quem se reporta ao *quê é*, assim como por quem se reporta àquilo que primeiramente moveu”. O problema consiste em saber como deveria ser entendida a conexão entre os três *kai*: poderia ser uma relação de acréscimo progressivo, ou uma relação de disjunção branda (*vel*, mas não *aut*). A tradução alternativa sugerida nesta nota favoreceria a interpretação de que há mera *compatibilidade pragmática* entre as diferentes causas (que é a posição de Nussbaum [1978] e Sorabji [1980]). De minha parte, julgo que, entre os quatro tipos de causa, vige uma relação de subordinação complementar (ver Angioni [1999], p. 43-6, 58-60, 70-1, 79-80, 88-91, 93-6; ver também Charles [1991], p. 121, 125-6, Cooper [1987], p. 255-75, Balme [1987], p. 281-5).

198a 33: “*Genesis*” aqui comporta o sentido genérico de “vir a ser”; cf. *Met.* 1041a 31-33.

200a 13: *Anagkaion* está sendo usado, mas não mencionado (assim como *to ex anagkes* em 199b 34). O verbo *hyparchei* (que traduzi por “se dá”, neste contexto) encontra-se na formulação da questão (em 199b 34) que agora está sendo respondida com destaque (*dê*). É natural, assim, subentendê-lo na resposta.

200a 17: “Retilíneo”, em grego, é “*euthy*”, que designa a propriedade em geral das linhas retas. Mas quando Aristóteles fala em “ângulo reto”, o adjetivo que ele utiliza é “*orthon*”, que corresponde mais ou menos a “reto” no sentido de “ereto”, “correto”.

200a 18: “*Ouk*” (“não”) nega o valor de verdade da sentença “*epei touto, ekeino*”; há muitos outros exemplos desse uso do “*ouk*” (ver *Met.* IV 4, 1006a 28, 1007b 16, 1017a 34-5). A própria sentença é bastante elíptica, mas deve ser entendida do seguinte modo: “*epei touto esti, anagke ekeino einaí*”, em que *touto* retoma o fato de que o triângulo tem ângulos iguais a dois retos, ao passo que *ekeino* retoma a definição do retilíneo, isto é, a sentença definitiva “*to euthy*

todi estin” (200a 17). Assim, Aristóteles está negando que, nestes exemplos matemáticos, a conclusão seja condição suficiente para inferir o princípio.

200a 18-19: “isso” retoma o fato de o triângulo ter ângulos iguais a dois retos. O verbo *esti* está sendo usado conforme o seu valor veritativo (“ser o caso”, “ser verdadeiro”, “ser assim”). Dizer que “o retilíneo é verdadeiro” quer dizer: ser verdadeiro o enunciado definitório que diz “o retilíneo é tal e tal coisa”. Aristóteles quer dizer: se não é verdade que os ângulos internos de um triângulo somam dois retos, tampouco é verdadeira a definição do retilíneo.

200a 19: se traduzíssemos o advérbio “*anapalin*” por “inversamente”, poderíamos dar a entender que Aristóteles estaria se referindo à inversão das relações lógicas entre os princípios (na matemática, definição do retilíneo; na natureza, o acabamento) e suas conseqüências (o fato de o triângulo ter ângulos iguais a dois retos e, na natureza, as condições materiais). No entanto, a diferença entre as matemáticas e as coisas naturais reside apenas no seguinte: nas matemáticas, o princípio, que é condição suficiente para a conseqüência, é de fato um *antecedente*, mas, nas coisas naturais, o princípio, que é condição suficiente para a conseqüência, é *tomado como antecedente*, mas, de fato, é o *fim de um processo* (embora seja também antecedente, de um modo muito preciso: “um homem gera um homem”; cf. 198a 24-27). Na verdade, a diferença é mínima; por isso traduzi “*anapalin*” por “do mesmo modo”.

200a 30: o fato de o triângulo ter ângulos internos iguais a dois retos frequentemente é expresso por Aristóteles de maneira abreviada. Ele diz “o triângulo tem dois [ângulos] retos”, ou simplesmente “os dois retos”, etc.

GLOSSÁRIO

aitia, *aition*. Traduzi ambos os termos por “causa”. Talvez essa tradução seja insatisfatória. No entanto, não vejo razão suficiente para adotar a alternativa “explanação” ou “explicação”, preferida por quase todas as traduções inglesas mais recentes (“*explanation*”). Não devemos pensar em “causa” apenas conforme o “modelo bola-de-bilhar”, nem apenas como fator antecedente capaz de produzir suficientemente o seu efeito. Os dois termos *podem* designar essa noção de causa, mas contemplam um leque maior de acepções, abrangendo de maneira bastante clara toda e qualquer condição que se verifique necessária ou relevante para a produção de um efeito qualquer. Por outro lado, não há *a priori* nenhuma diferença relevante entre “*aition*” e “*aitia*” no vocabulário filosófico de Aristóteles, embora o primeiro termo seja às vezes usado com alguma peculiaridade; há diferenças, mas elas dependem de cada contexto particular. Em 195a 12 e 200a 33, por exemplo, traduzi “*aition* + genitivo” por “causa responsável por” (há ocorrência semelhante em *Metafísica* 1027b 13).

choriston. Traduzi por “separável”. Nos meus pronunciamentos anteriores sobre a tradutibilidade deste vocábulo (ver Angioni [2001b], p. 139, e Angioni [2001c], p. 121-2), deixei claro o meu descontentamento com as opções então adotadas e apontei a necessidade de pesquisas detalhadas, para estabelecer de modo satisfatório o significado de tal termo. Tais pesquisas, no entanto, ainda não foram empreendidas de maneira suficiente, e ainda não estou satisfeito com a nova opção, embora ela tenha me parecido mais adequada a todas as ocorrências do termo nos livros I e II da *Física*. Em 185a 31 e 186a 30, “*choriston*” consiste num jargão de “semântica ontológica” (a esse respeito, ver Angioni [2000b], p. 124, e Angioni [1998], p. 89-93). Em 186b 28, o significado se encontra no terreno da lógica. Em 193b 34, o termo está ligado aos rudimentos de uma teoria da “abstração” das formas matemáticas (a esse respeito, ver Philippe, [1948]), mas,

em 193b 4, 194a 1, 194b 12 e 14, o termo comporta um sentido ontológico ligado ao modo de existência da *ousia* supra-sensível. Continuo ainda sem atinar perfeitamente com as relações exatas entre essas esferas de sentido do termo.

eidōs, morphé. Traduzi ambos os termos indiferentemente por “forma”, a não ser em alguns contextos muito precisos nos quais pareceu de alguma conveniência traduzir *eidōs* por “forma específica” (186a 19, 21). Em 193a 30-31 e b 4, ambos os termos aparecem lado a lado (como em *De Anima* 412a 8), o que criou certa dificuldade: anteriormente, traduzira *eidōs* por “espécie” e *morphé* por “forma”; na presente versão, porém, julguei mais conveniente traduzir *eidōs* por “forma” e *morphé* por “configuração”.

epistēmē. Traduzi por “ciência”. Em 184a 15, o singular parece substituir o plural, como se a quantificação singular valesse por uma quantificação indefinida com valor universal, isto é, como se “a ciência” valesse por “toda e qualquer ciência” (essa equivalência é comum em Aristóteles...). Uma tradução alternativa seria “o conhecimento científico (em geral) a respeito da natureza”. Em 185a 2, o termo designa de modo mais geral uma disciplina racional qualquer, e não estritamente uma ciência apodítica conforme aos padrões dos *Segundos Analíticos*. Em 194a 22 e contextos circunjacentes, nos quais o termo está implícito, a designação parece-me ser também de caráter mais geral e maleável: uma disciplina racional que atina com razões explicativas, etc.

hypokeimenon, kath' hypokeimenou. Para a justificativa da tradução de “*hypokeimenon*” por “subjacente”, remeto para Angioni [2000b], p. 23 e Angioni [2001b], p. 141. Já a frase “*kath' hypokeimenou*” foi traduzida por “a respeito de algum subjacente”.

hypothesis. Em 199b 34 e 200a 13, a expressão “*ex hypotheseos*” é decisiva para a compreensão da causalidade final e da teleologia na filosofia da natureza de Aristóteles. Apesar dos inconvenientes, continuo traduzindo-a por “a partir de hipótese”, com a advertência de que “hipótese”, neste contexto, não preserva nenhum traço de acepção meramente epistemológica, ou seja, “hipótese” não designa uma mera conjectura, uma suposição transitória, assumida para fins de averiguação e teste. “Hipótese” quer dizer, neste contexto, *fundamento anterior*.

Não sei se traduzir por “a partir de pressuposto” (que foi minha opção para *As Partes dos Animais*, ver Angioni [1999]) resolveria o impasse, pois “pressuposto” comporta colorações epistemológicas semelhantes às de “hipótese”. Talvez “a partir de um fundamento anterior” seja uma alternativa plausível, mas creio que ela deixaria o texto muito carregado.

logos. Este termo comporta uma pluralidade de sentidos.

- (i) Em primeiro lugar, há uma acepção que corresponde mais ou menos à noção de “*horismos*”, e que traduzi por “definição” (184b 10; 185b 2, 19, 32; 186a 28, b 15-31; 190a 16; 191a 13; 193a 31, b 5; 200a 15, b 4, 7-8). Em 193b 2, 194b 27, 29 e 200a 35, “*logos*” comporta esse mesmo sentido, mas foi traduzido por “enunciado”, ou porque o termo “*horismos*” encontra-se lado a lado, ou porque tem-se a expressão “*logos tou ti en einaí*” (“enunciado do *quê era ser*”) Para justificativa mais detalhada dessa tradução, remeto a Angioni [2001b], p. 142-3.
- (ii) Em segundo lugar, em certos contextos “*logos*” comporta o sentido mais preciso de “argumentação” (185a 1; 186a 22) ou “argumento” (185a 8; 185b 20, 24; 186a 8; 187a 1; 189a 35; 193a 9; 196a 14; 198b 33) – “argumento” não apenas no sentido de *raciocínio (ou silogismo) completo*, constituído por proposições encadeadas logicamente entre si, mas também no sentido de *premissa ou proposição fundamental* a partir da qual se determina um raciocínio ou silogismo completo; esse uso é corrente em português, em frases como “o argumento de fulano é ___”, em que a lacuna, ao invés de ser preenchida pelo silogismo inteiro, preenche-se com a proposição decisiva para o mesmo.
- (iii) “*logos*” comporta o sentido de “explicação” em 188b 29 (mais particularmente, o sentido de justificativa alegada em favor de uma tese) e 197a 19 (mais particularmente, o sentido de calculabilidade a partir de princípios explicativos).
- (iv) “*logos*” com o sentido de *razão*, mas *razão* entendida como uma capacidade da alma, em oposição à sensação (*aisthesis*): 188b 32; 189a 4, 6, 7 e 8.
- (v) Em 189a 21 e b 18, “*logos*” tem o sentido de *razão* ou *razoabilidade*, tal como dizemos em frases triviais como “sua mãe tem razão!”.
- (vi) “*logos*” no sentido de “discussão”: 185a 6 e b 12.

(vii) Em 188a 31, b 10 e 16, temos as ocorrências mais peculiares dos livros I e II da *Física*. As duas últimas foram traduzidas por “maneira de enunciação”: com efeito, “*logos*” remete à forma que os enunciados assumem na linguagem – mais particulamente, remete às regras implícitas que presidem a construção de enunciados que descrevem processos de devir. Em 188a 31, creio que Aristóteles convida precisamente a um exame dessa *maneira de enunciação*. No entanto, o contexto permite atribuir a “*logos*” um sentido mais geral, e por isso traduzi por “linguagem”, mas “linguagem” entendida como *o modo pelo qual nos pronunciamos sobre o mundo*.

onoma. Em 193a 8, “*onomaton*” designa “palavras” (no sentido hamletiano: “words, words, words”), isto é, o palavrório vazio das discussões sofisticas (como “*logos*” em *Metafísica* 1009a 20, 21 e 1012a 6). Em 184b 10 e 197b 29, traduzi “*onoma*” por “denominação”. Poderia ter traduzido por “nome”, conforma uma opção mais conservadora. No entanto, “nome” poderia dar a entender que se trata meramente do sinal lingüístico que usualmente pomos entre aspas. Mas não se trata disso. Trata-se do fato semântico de *utilizar um nome* e, em geral, *utilizá-lo de modo ordinário, sem explicitar as regras lógicas que presidem seu uso*; poderíamos parafrasear “*onoma*” com a expressão “utilização do nome”.

semainein. A “semântica ontológica” de Aristóteles não envolve nenhuma padronização de sua terminologia. O verbo “*semainein*”, que é decisivo nessa teoria semântica, comporta diversos significados e valores. Em 184b 11, traduzi por “designar”, por crer que se trata de uma operação de denominação atributiva. Nas outras passagens, contudo, traduzi por “significar”, que é também um termo bastante vago.

symbebekos, kata symbebekos. Para justificativa detalhada da tradução de “*kata symbebekos*” por “segundo concomitância”, remeto a Angioni [2000b], p. 22 (introdução) e pp. 130-131, 155-157 (comentários). Para justificativa da tradução de “*symbebekos*” por concomitante, remeto a Angioni [2000b], p. 21 (introdução) e pp. 122-125 (comentários). Remeto também a estas últimas páginas para a elucidação dos diversos sentidos que “*symbebekos*” preserva enquanto *predicado* ou mesmo *propriedade* qualquer que pertence a subjacentes. Em 193b 27, 32-

33 (assim como em *Metafísica* 1003a 25 e 1004b 7), “*symbebekos*” (no singular ou no plural) designa as propriedades que acompanham necessariamente a essência de um subjacente e que, se não contribuem para a constituição dessa essência, ao menos contribuem para a sua cognoscibilidade científica (ver *De Anima* I, 402b 16- 403a 2, 402a 8, 15). Continuo ainda sem nenhuma certeza a respeito da melhor alternativa para lidar com essa diversidade de usos do termo: ou traduzi-lo uniformemente, explicitando a despreocupação de Aristóteles relativamente a qualquer padronização normativa de sua terminologia; ou traduzi-lo conforme o sentido em cada contexto, mesmo que isso corra o risco de oferecer ao leitor moderno um texto já muito mastigado pela interpretação. Repito aqui, como disse no mesmo verbete do glossário de Angioni [2001c], que a uniformização da tradução parece-me indesejável, sobretudo porque “*symbebekos*” é um participio, que ora poderia ser melhor traduzido por um substantivo, ora por uma expressão com oração relativa.

techne. Na primeira versão, em 1999, traduzi por “arte”. No entanto, modifiquei para “técnica”, mesmo considerando que o termo “arte” possa ser conveniente segundo suas acepções em português clássico. “Arte” seria uma boa tradução em expressões como “a arte *de curar*”, etc. Mas em seu uso absoluto, “técnica” é mais eficaz do que “arte” para designar em geral um saber-fazer, pelo qual o ser humano “imita ou aperfeiçoa” a natureza – isto é, uma habilidade produtiva que envolve um certo conhecimento.

telos. No capítulo 3 do livro II, Aristóteles introduz a noção geral de “causa final” ou causa *em vista de que*. Nesse contexto, o termo “*telos*” é usado para designar em geral todos os tipos de causa final. Devido a esse escopo genérico e introdutório, “*telos*” foi traduzido por “fim” em 194b 32, 36 e 195a 2, 10. No entanto, “*telos*” não se restringe às *metas* que orientam a prática e a técnica humanas, pois tais metas apresentam-se como objetivos *extrínsecos* de uma ação e envolvem de maneira decisiva as noções de *utilidade* e de *propósito* (“para que serve isto?”). Não obstante, o que interessa a Aristóteles, a partir do capítulo 4 do livro II, é a teleologia dos processos naturais: nessa perspectiva, “*telos*” designa o resultado completo do desenvolvimento natural de um organismo vivo, a sua completude efetiva – isto é, o seu “*acabamento*” perfeito. O *telos*, neste caso,

consiste num tipo de causa que se identifica à forma e ao *quê é*, traduzimos essa acepção por “acabamento”. Em 197a 1, não obstante, o termo “*telos*” assume uma conotação mais trivial, que traduzi por “desfecho”.

to hou heneka, to heneka tou. Na primeira versão, traduzi o mais literalmente possível, “o em vista de que”, com o seguinte objetivo (como eu então disse): deixar transparecer a crueza da terminologia aristotélica, a qual, frequentemente, ao invés de utilizar termos abstratos, empresta da língua ordinária certas expressões comuns, que são substantivadas com o artigo neutro. No entanto, essa substantivação com o artigo neutro não produz monstruosidades e consiste num dado trivial da língua grega. Particularmente com a expressão “*to hou heneka*”, ocorre que o antecedente do pronome relativo está subentendido (o que é absolutamente trivial no grego) e, na maior parte dos casos, a expressão está sendo usada para designar alguma coisa que se apresenta como acabamento em vista da qual outras se dão. Por isso, na presente versão, traduzi por “aquilo em vista de que”, com exceção de 194a 36 (onde Aristóteles parece-me explicitar as regras de uso da expressão) e três outras passagens, nas quais “o *em vista de que*” ou “o *em vista de algo*” (que foi a tradução adotada) parece-me assinalar em geral a noção de acabamento teleológico.

To ti én einai, to ti esti. Continuo correndo o risco de aborrecer o leitor com monstruosidades: “o *quê era ser*”, “o *quê é*”. Falta de opções minimamente aceitáveis...

Ousia. Ver a justificativa de tradução por “essência” em Angioni [2001b], p. 6-7. As considerações concernentes a *Metafísica* VII-VIII são também válidas para os livros I e II da *Física*.

Para outros termos e expressões cuja tradução mereceria comentário, ver Angioni [2000b], p. 17-25 (“*hyparchein*”, “*heteron ti on*”) e Angioni [2001b], p. 139-146 (“*energeia*”, “*entelecheia*”, “*katholou*”, “*kath’ hekaston*”, “*to de ti*”, “*to ti en einai, to ti esti*”).

BIBLIOGRAFIA

A. Edições críticas e traduções da *Física*:

- BEKKER, E. [1961]. *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter.
- CARTERON, Henri. [1986]. *La Physique*, texte établi et traduit, 2 vols., Paris: Les Belles Lettres (1a. ed. 1931).
- CHARLTON, William. [1992]. *Aristotle's Physics - Books I and II*, Oxford: Clarendon Press, 2a. ed.
- HARDIE, R. P. & GAYE, R. K. [1966]. *Physics*, in Ross, W. D. (ed.), *The Works of Aristotle*, Oxford, Clarendon Press.
- PELLEGRIN, Pierre. [1993]. *Physique I-II*, Paris: GF Flammarion.
- ROSS, D. [1966]. *Aristotle's Physics*, a revised text with introduction and commentary, Oxford: Clarendon Press.
- RUSSO, Antonio. [1993]. *Física*, in *Aristotele - Opere*, vol. 3, Roma-Bari: Editori Laterza.
- WATERFIELD, Robin. [1996]. *Aristotle's Physics*, Oxford: Oxford University Press.
- WICKSTEED, P. M. & CORNFORD, F. M. [1957]. *Physics*, London: Loeb Classical Library.

B. Bibliografia secundária:

A literatura secundária aqui listada não se restringe apenas a títulos dedicados diretamente à análise dos livros I e II da *Física*, mas abrange em geral títulos dedicados a temas que se encontram presentes nos livros I e II da *Física*.

I. O leitor interessado poderá encontrar excelentes indicações bibliográficas nas duas seguintes obras:

- WATERFIELD, Robin. [1996]. *Aristotle's Physics*, NY: Oxford University Press, p. LXXIV-LXXX.

- BARNES, Jonathan (ed.). [1995]. *The Cambridge Companion to Aristotle*, NY: Cambridge University Press, p. 295-384, especialmente nas sugestões de leitura reunidas sob a rubrica "Philosophy of Science" (pp. 324-332).

II. Livros Clássicos:

Há pelo menos três grandes obras clássicas concernentes à *Física* de Aristóteles, embora elas não tratem nem dos mesmos assuntos, nem estritamente dos mesmos textos:

- MANSION, Augustin. [1945]. *Introduction à la physique aristotélicienne*, 2ème édition revue et augmentée, Louvain: Institut Supérieur de Philosophie.

- SOLMSEN, Friederich. [1960]. *Aristotle's System of the Physical World*, Ithaca, NY: Cornell University Press.

- WIELAND, Wolfgang. [1993/70]. *La Física di Aristotele*, trad. de Carlo Gentili, Bologna: Società Editrice Il Mulino, (2a. ed. alemã 1970).

III. Pelo menos dois artigos de G. E. L. Owen foram responsáveis por grande renovação nos estudos aristotélicos em geral, com grandes reflexos nos estudos concernentes à *Física*:

- OWEN, G. E. L. [1986/1970]. "Aristotle: Method, Physics and Cosmology", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London: Duckworth, pp. 151-164.

- OWEN, G. E. L. [1986/1957]. "*Tithenai ta phainomena*", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London: Duckworth, pp. 239-251.

Este último artigo, em especial, paralelamente ao livro de Wieland, suscitou uma nova fase de inspirações na interpretação da *Física* de Aristóteles: ao invés de encará-la como uma obra na qual se apresentaria *teses de uma ciência particular*, os intérpretes passaram a tomá-la como uma obra de "filosofia da ciência", destinada a estabelecer os primeiros princípios a serem observados nas investigações científicas propriamente ditas.

IV. Coletâneas de artigos:

- BARNES, J., SCHOFIELD, M. & SORABJI, R. (edd.). [1975]. *Articles on Aristotle*, vol. 1: *Science*, London: Duckworth.
- BARNES, J., SCHOFIELD, M. & SORABJI, R. (edd.). [1979]. *Articles on Aristotle*, vol. 3: *Metaphysics*, London: Duckworth.
- BERTI, Enrico. [1981]. (ed.). *Aristotle on Science: The "Posterior Analytics" – Proceedings of the Eighth Symposium Aristotelium*. Padova: Ed. Antenore.
- DE GANDT, F. & SOUFFRIN, P. (edd.). [1991]. *La Physique d'Aristote – les conditions d'une science de la nature*, Paris: Vrin.
- DEVEREUX, Daniel & PELLEGRIN, Pierre (edd.). [1990]. *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: Éditions du CNRS.
- GOTTHELF, Allan (ed.). [1985]. *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/ Bristol: Mathesis Publications/Bristol Classical Press.
- GOTTHELF, Allan & LENNOX, James G. (edd.) [1987]. *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press.
- JUDSON, Lindsay (ed.). [1991]. *Aristotle's Physics - a Collection of Essays*, Oxford: Clarendon Press.
- KRAUT, Richard & PENNER, Terry (edd.). [1989]. *Nature, Knowledge and Virtue* (Essays in memory of Joan Kung), *Apeiron*, vol. 22, n° 4.
- NUSSBAUM, Martha & RORTY, Amélie Oksenberg (edd.). [1992]. *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press.
- PELLETIER, Francis Jeffrey & KING-FARLOW, John (edd.). [1984]. *New Essays on Aristotle*, *Canadian Journal of Philosophy*, Supplementary Volume X.

V. Outros livros dedicados (integralmente ou parcialmente) à filosofia da natureza de Aristóteles:

- BOLOTIN, David. [1998]. *An Approach to Aristotle's Physics (with particular attention to his manner of writing)*, New York: SUNY Press.
- COHEN, Sheldon M. [1996]. *Aristotle on Nature and Incomplete Substance*, NY: Cambridge University Press.

- LANG, Helen. [1992]. *Aristotle's Physics and his Medieval Varieties*, New York: SUNY Press.

- WATERLOO, Sarah. [1982]. *Nature, Change and Agency in Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press.

VI. Bibliografia por temas:

1. Modelos de explicação científica e métodos de investigação nas ciências da natureza:

- ACKRILL, J. L. [1981]. "Aristotle's Theory of Definition: some questions on *Posterior Analytics* II 8-10", in Berti, E. (ed.), *Aristotle on Science: The "Posterior Analytics" – Proceedings of the Eighth Symposium Aristotelium*, Padova: Editrice Antenore, pp. 359-384.

- ANGIONI, L. [2000a]. "O hilemorfismo como modelo de explicação científica na filosofia da natureza em Aristóteles", *Kriterion*, vol. XLI, nº. 102, pp. 136-164.

- ANGIONI, L. [2001a]. "Explanation and Definition in *Physics* I 1", *Apeiron* vol. 34, n. 4, p. 307-320.

- BARNES, J. [1975]. "Aristotle's Theory of Demonstration", in Barnes, J., Schofield, M. & Sorabji, R. (edd.), *Articles on Aristotle*, vol. 1, London: Duckworth, pp. 65-87.

- BAYER, Greg. [1995]. "Definition through Demonstration: the Two Types of Syllogisms in *Posterior Analytics* II-8", *Phronesis*, vol. 40, pp. 241-264.

- BAYER, Greg. [1997]. "Coming to Know the Principles in *Posterior Analytics* II 19", *Apeiron*, vol. 30, pp. 109-142.

- BERTI, E. [1991]. "Les méthodes d'argumentation et de démonstration dans la *Physique* d'Aristote (apories, phénomènes, principes)", in De Gandt, F. & Souffrin, P. (edd.), *La Physique d'Aristote – les conditions d'une science de la nature*, Paris: Vrin, 1991, p. 53-72.

- BOLTON, Robert. [1976]. "Essentialism and Semantic Theory in Aristotle: *Posterior Analytics*, II 7-10", *Philosophical Review*, vol. 85, nº 4, pp. 514-544.

- BOLTON, Robert. [1987]. "Definition and scientific method in Aristotle's *Posterior Analytics* and *Generation of Animals*", in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 120-166.
- BOLTON, Robert. [1991]. "Aristotle's Method in Natural Science: *Physics I*", in Judson, L. (ed.), *Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 1-29.
- BRODY, B. A. [1972]. "Towards an Aristotelian Theory of Scientific Explanation", *Philosophy of Science*, vol. 39, n° 1, pp. 20-31.
- CHARLES, David. [1990]. "Aristotle on meaning, natural kinds and natural history", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, logique et métaphysique chez Aristote*, Paris: CNRS, pp. 145-167.
- DEMOSS, David & DEVEREUX Daniel. [1988]. "Essence, Existence and Nominal Definition in Aristotle's *Post. Analytics* II 8-10", *Phronesis*, vol. 33, pp. 133-154.
- DESLAURIERS, Marguerite. [1990]. "Aristotle's Four Types of Definition", *Apeiron*, vol. 23, n° 1, pp. 1-26.
- HAMLYN, D. W. [1976]. "Aristotelian Epagoge", *Phronesis*, vol. 21, pp. 167-184.
- HEMPEL, Carl G. & OPPENHEIM, Paul. [1970/48]. "Studies in the logic of explanation", in B. Brody (ed.), *Readings in the Philosophy of Science*, Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1970, pp. 8-27.
- LE BLOND, J. M. [1979/39]. "Aristotle on Definition", in Barnes, Schofield, Sorabji, (edd.), *Articles on Aristotle*, vol. 3, London: Duckworth, pp. 63-79.
- LENNOX, James G. [1987]. "Divide and explain: the *Posterior Analytics* in practice" in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 90-119.
- LENNOX, James G. [2001]. *Aristotle's Philosophy of Biology*, Cambridge/NY: Cambridge University Press.
- LLOYD, G. E. R. [1990]. "Aristotle's zoology and his metaphysics. The *status quaestionis*. A critical review of some recent theories", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.). *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: CNRS, pp. 7-35.

- LLOYD, G. E. R. [1991/78] "Saving the appearances", in *Methods and Problems in Greek Science* (selected papers), Cambridge: Cambridge University Press, pp. 248-277.

- NUSSBAUM, Martha C. [1986]. "Saving Aristotle's Appearances", in *The Fragility of Goodness*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 240-263.

- PELLEGRIN, Pierre. [1990]. "Taxinomie, moriologie, division. Réponses a G. E. R. Lloyd", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: CNRS, pp. 37-47.

- VAN FRAASSEN, Bas. [1980]. "A re-examination of Aristotle's Philosophy of Science", *Dialogue*, vol. 19, n° 1, pp. 20-45.

- WIELAND, W. [1975]. "Aristotle's Physics and the Problem of Inquiry into Principles", in Barnes, J., Schofield, M. & Sorabji, R. (edd.), *Articles on Aristotle*, vol. 1, London: Duckworth, pp. 127-140.

2. Semântica da predicação, análise da linguagem, etc.:

- ANGIÓN, L. [1998]. "Não ser dito de um subjacente, um isto e separado: o conceito de essência como subjacente e forma", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, vol. 8, série 3, n. especial, pp. 69-126.

- ANGIÓN, L. [2000b]. *Ontologia e Predicação em Aristóteles*, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, col. Textos Didáticos n° 41.

- CELLUPRICA, Vicenza. [1987]. "Logica e semantica nella teoria aristotelica della predicazione", *Phronesis*, vol. 32, pp. 166-187.

- COBB, R. Allan. [1973]. "The Present Progressive Periphrasis and the Metaphysics of Aristotle", *Phronesis*, vol. 18, p. 80-90.

- KAHN, Charles. [1997]. *Sobre o Verbo Grego Ser e o Conceito de Ser*, trad. de Maura Iglésias et alli, Rio de Janeiro: Cadernos de Tradução 1, Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Deptº de Filosofia da PUC- RJ.

- MATTHEN, Mohan. [1983]. "Greek Ontology and the 'Is' of Truth", *Phronesis*, vol. 28, pp. 113-135.

- MATTHEN, Mohan. [1984]. "Aristotle's Semantics and a Puzzle Concerning Change", *Canadian Journal of Philosophy*, Supplementary Volume X, pp. 21-40.
- MORAVCSIK, Julius M. E. [1967]. "Aristotle on Predication", *Philosophical Review*, vol. 76, pp. 80-96.
- MILLER, Fred D. [1973]. "Did Aristotle Have the Concept of Identity?", *Philosophical Review*, vol. 82, n^o. 4, pp. 483-490.
- OWEN, G. E. L. [1986/1965a]. "Aristotle on the Snares of Ontology", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London: Duckworth, pp. 259-278.
- OWEN, G. E. L. [1986/1966]. "The Platonism of Aristotle", in *Logic, Science and Dialectic*, (edited by Martha Nussbaum), London: Duckworth, pp. 200-220.
- SPRAGUE, Rosamond Kent. [1975]. "Aristotelian Periphrasis: a Reply to Mr. Cobb", *Phronesis*, vol. 20, p. 75-6.
- WEIDEMANN, Hermann. [1980]. "In defence of Aristotle's Theory of Predication", *Phronesis*, vol. 25, pp. 76-87.
- WHITE, Nicholas. [1971]. "Aristotle on Sameness and Oneness", *Philosophical Review*, vol. 80, n^o. 2, pp. 177-197.
- WILLIAMS, C. J. F. [1985]. "Aristotle's Theory of Descriptions", *Philosophical Review*, vol. 94, n^o. 1, pp. 63-80.

3. Matéria:

- CHAPPELL, Vere. [1973]. "Matter", *Journal of Philosophy*, vol. 70, n^o. 19, pp. 679-696.
- CHARLTON, William. [1983]. "Prime Matter – a Rejoinder", *Phronesis*, vol. 28, pp. 197-211.
- CODE, Alan. [1976]. "The Persistence of Aristotelian Matter", *Philosophical Studies*, vol. 29, pp. 357-367.
- COHEN, Sheldon M. [1984]. "Aristotle's Doctrine of the Material Substrate", *Philosophical Review*, vol. 93, n^o. 2, pp. 171-194.

- COHEN, Sheldon M. [1994]. "Aristotle on Elemental Motion", *Phronesis*, vol. 39, pp. 150-159.
- COOK, Kathleen C. [1989]. "The Underlying Thing, The Underlying Nature and Matter: Aristotle's analogy in Physics I 7", in Penner, T. & Kraut, R. (edd.), *Nature, Knowledge and Virtue* (Essays in memory of Joan Kung), *Apeiron*, vol. 22, n° 4, pp.105-119.
- FINE, Kit. [1992]. "Aristotle on Matter", *Mind*, vol. 101, n°. 401, pp. 35-58.
- GRAHAM, Daniel W. [1984]. "Aristotle's Discovery of Matter", *Archiv für Geschichte der Philosophie*, vol. 66, pp. 37-51.
- GRAHAM, Daniel W. [1987]. "The Paradox of Prime Matter", *Journal of the History of Philosophy*, vol. 25, n°. 4, pp. 475-490.
- JONES, Barrington. [1974]. "Aristotle's Introduction of Matter", *Philosophical Review*, vol. 83, n°. 4, pp. 474-500.
- ROBINSON, H. M. [1974]. "Prime Matter in Aristotle", *Phronesis*, vol. 19, pp. 168-188.
- SCALTSAS, T. [1992]. "Substratum, Subject and Substance", in Preus, A. & Anton, J. P. (edd.), *Aristotle's Ontology*, New York: SUNY Press, pp. 177-210.
- SOLMSEN, F. [1958]. "Aristotle and Prime Matter", *Journal of the History of Ideas*, vol. 19, pp. 243-252.

4. Teleologia, necessidade, acaso:

- BALME, D. M. [1987]. "Teleology and necessity", in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 275-285.
- BRADIE, Michael & MILLER, Fred D. [1984]. "Teleology and Natural Necessity in Aristotle", *History of Philosophy Quarterly*, vol. 1, n°. 2, pp. 133-146.
- BROADIE, Sarah Waterloo. [1990]. "Nature and Craft in Aristotelian Teleology", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.). *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: CNRS, pp. 389-403.

- CHARLES, David. [1988]. "Aristotle on Hypothetical Necessity and Irreducibility", *Pacific Philosophical Quarterly*, vol. 69, n° 1, pp. 1-53.
- CHARLES, David. [1991]. "Teleological Causation in the *Physics*", in Judson, L. (ed.), *Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 101-128.
- COOPER, John M. [1987]. "Hypothetical necessity and natural teleology", in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 243-274.
- FURLEY, David. [1985]. "The Rainfall Example in *Physics* II 8", in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/Bristol: Mathesis publications, pp. 177-182.
- GOTTHELF, Allan. [1986]. "The Place of the Good in Aristotle's Natural Teleology", in *Proceedings of the Boston Area Colloquium on Ancient Philosophy*, vol. IV, Clearly, J. J. & Shartin, D. C. (edd.), Lanham: Md., pp. 113-139.
- GOTTHELF, Allan. [1987a]. "Aristotle's conception of final causality", in Gotthelf, A. & Lennox J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 204-242.
- GOTTHELF, Allan. [1989]. "Teleology and Spontaneous Generation in Aristotle: a discussion", in Penner, T. & Kraut, R. (edd.), *Nature, Knowledge and Virtue* (Essays in memory of Joan Kung), *Apeiron*, vol. 22, n° 4, pp. 181-193.
- JUDSON, Lindsay. [1991]. "Chance and 'Always or For the Most Part' in Aristotle", in Judson, L. (ed.), *Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 73-99.
- KAHN, Charles. [1985]. "The Place of the Prime Mover in Aristotle's Teleology", in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/Bristol: Mathesis Publications, pp. 183-205.
- KULLMANN, Wolfgang. [1985]. "Different Conceptions of the Final Cause in Aristotle", in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/Bristol: Mathesis Publications, pp. 169-175.
- LENNOX, James G. [1982]. "Teleology, Chance and Aristotle's Theory of Spontaneous Generation", *Journal of History of Philosophy*, vol. 20, n° 1, pp. 219-238.

- LENNOX, James G. [1984]. "Aristotle on Chance", *Archiv für Geschichte der Philosophie*, vol. 66, pp. 52-60.
- LENNOX, James G. [2001]. "Nature does nothing in vain...", in *Aristotle's Philosophy of Biology*, Cambridge University Press, 2001, pp. 205-223.
- LEWIS, Frank A. [1988] "Teleology and Material/Efficient Causes in Aristotle", *Pacific Philosophical Quarterly*, vol. 69, n° 1, pp. 54-98.
- NUSSBAUM, Martha Craven. [1978]. "Aristotle on Teleological Explanation", in *Aristotle's De Motu Animalium*, Princeton: Princeton University Press, pp. 59-106.
- SAUVÉ, Susan M. [1992]. "Aristotle, Teleology and Reduction", *Philosophical Review*, vol. 101, n° 4, pp. 791-825.
- SEDLEY, David. [1991]. "Is Aristotle's teleology anthropocentric?", *Phronesis*, vol. 36, pp. 179-196.
- SORABJI, Richard. [1980]. *Necessity, Cause and Blame*, London: Duckworth.
- WARDY, Robert. [1993]. "Aristotelian Rainfall and the Lore of Averages", *Phronesis*, vol. 38, pp. 18-30.

5. Hilemorfismo e essencialismo:

- BALME, D. M. [1987/1980]. "Aristotle's biology was not essentialist", in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 291-302.
- CHARLES, David. [1994]. "Matter and Form: Unity, Persistence and Identity", in T. Scaltsas, D. Charles & M. L. Gill (edd.), *Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 75-105.
- CHARLTON, William. [1987]. "Aristotle on the place of mind in nature", in Gotthelf, A. & Lennox J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge University Press, pp. 408-423.
- CODE, Alan & MORAVCSIK, Julius. [1992]. "Explaining Various Forms of Living", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp. 129-145.

- COHEN, S. Marc. [1992]. "Hylomorfism and Functionalism", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp. 57-73.
- COOPER, John M. [1990]. "Metaphysics in Aristotle's embryology", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: CNRS, pp. 55-84.
- FREDE, Michael. [1990]. "The definition of sensibles substances in *Metaphysics Z*", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: Éditions du CNRS, pp. 113-129.
- FREELAND, Cynthia A. [1987]. "Aristotle on bodies, matter and potentiality", in Gotthelf, A. & Lennox, J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, 392-407.
- HAMLYN, D. W. [1985]. "Aristotle on Form", in Gotthelf, A. (ed.), *Aristotle on Nature and Living Things*, Pittsburgh/ Bristol: Mathesis Publications, pp. 55-65.
- KOSMAN, L. A. [1987]. "Animals and other beings in Aristotle", in Gotthelf, A. & Lennox J. (edd.), *Philosophical Issues in Aristotle's Biology*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 360-391.
- KUNG, Joan. [1977]. "Aristotle on Essence and Explanation", *Philosophical Studies*, vol. 31, n°. 6, pp. 361-383.
- LEWIS, Frank A. [1994]. "Aristotle on the Relation between a Thing and its Matter", in Scaltsas, T., Charles, D. & Gill, M. L. (edd.), *Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics*. Oxford: Clarendon Press, pp. 247-277.
- LLOYD, G. E. R. [1992]. "Aspects of the Relationship Between Aristotle's Psychology and his Zoology", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (ed.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp. 147-67.
- MANSION, S. [1984/69]. "Το σιμόν et la définition physique", in *Études Aristotéliciennes* (ed. J. Follon), Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur de Philosophie, pp. 347-364.
- MORRISON, Donald. [1990]. "The Definition of Sensible Substances in *Metaphysics Z*", in Devereux, D. & Pellegrin, P. (edd.), *Biologie, Logique et Métaphysique chez Aristote*, Paris: Éditions du CNRS, pp. 130-144.

- NUSSBAUM, Martha & PUTNAM, Hilary. [1992]. "Changing Aristotle's Mind", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp. 27-56.

- WHITING, Jennifer E. [1992]. "Living Bodies", in Nussbaum, M. & Rorty, A. (edd.), *Essays on Aristotle's De Anima*, Oxford: Clarendon Press, pp. 75-91.

- WITT, Charlotte. [1989]. "Hilomorfism in Aristotle", in Penner, T. & Kraut, R. (edd.), *Nature, Knowledge and Virtue* (Essays in memory of Joan Kung), *Apeiron*, vol. 22, n° 4, pp. 141-158.

6. Causalidade :

- FREDE, Dorothea. [1992] "Accidental Causes in Aristotle". *Synthese*, vol. 92, p. 135-155.

- FREELAND, Cynthia A. [1991]. "Accidental Causes and Real Explanations", in Judson, L. (ed.), *Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 49-72.

- HOCUTT, Max. [1974]. "Aristotle's four because", *Philosophy*, vol. 49, pp 93-110.

- MATTHEN, Mohan. [1989]. "The Four Causes in Aristotle's Embriology", in Penner, T. & Kraut, R. (edd.), *Nature, Knowledge and Virtue* (Essays in memory of Joan Kung), *Apeiron*, vol. 22, n° 4, pp. 159- 179.

- MATTHEWS, Gareth B. [1986]. "Aristotelian Explanation", *Illinois Classical Studies*, vol. XI, pp. 173-179.

- MORAVCSIK, Julius M. [1974]. "Aristotle on Adequate Explanations", *Synthese*, vol. 28, pp. 3-17.

- MORAVCSIK, Julius M. [1991]. "What Makes Reality Intelligible? Reflections on Aristotle's Theory of *Aitia*", in Judson, L. (ed.), *Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 31-47.

7. Matemática e Física:

- DE GANDT, F. [1991]. "Sur la détermination du mouvement selon Aristote et les conditions d'une mathématisation", in De Gandt, F. & Souffrin, P. (edd.).

La Physique d'Aristote – et les conditions d'une science de la nature, Paris: Vrin, p. 85-105.

- HUSSEY, Edward. [1991]. "Aristotle's Mathematical Physics: A Reconstruction", in Judson, L. (ed.), *Aristotle's Physics*, Oxford: Clarendon Press, pp. 213-242.

- PHILIPPE, M.-D. [1948]. "Αφαίρεσις, πρόσθεσις, χωρίζειν dans la Philosophie d'Aristote", *Revue Thomiste*, vol. 48, pp. 461-479.

- PORCHAT, O. [2001]. *Ciência e Dialética em Aristóteles*, São Paulo: Edunesp, pp. 211-223.

C. Outros trabalhos citados nas notas e glossário:

- ANGIONI, L. [1999]. *Aristóteles – As Partes dos Animais, livro I* (tradução e notas), *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, vol. 9, série 3, n°. especial.

- ANGIONI, L. [2001b]. *Aristóteles – Metafísica, livros VII-VIII*, (tradução), Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, col. Textos Didáticos n°. 42.

- ANGIONI, L. [2001c]. *Aristóteles – Metafísica, livros IV e VI*, (tradução), Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, col. Textos Didáticos, n°. 45.

- DENNISTON, J. [1956]. *The Greek Particles*, Oxford: Clarendon Press.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO N. 1
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil
morewa@unicamp.br

Tel.: (0XX 19)3788.1604 / 3788.1603
Telefax (0XX 19) 3788.1589

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA
REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not
wanted.